Diário de Lisboa

ANO 85 N.º 21 962 Quinta-feira, 16 de Janeiro de 1986 Preço 40$00

"Ler/Escrever"

A poesia satírica de Mendes de Carvalho

Soares agredido na Marinha Grande

O relato do incidente pelo repórter do "DL"

Pág. 7

Não à violência

NEM violência, nem intolerância. Nem «apartheid» ideológico, nem ostracismo cívico, nem perseguições, nem ódio. A Democracia terá que reflectir, na construção institucional e na vivência quotidiana, a realidade social. Existem conflitos de interesses, disparidades de situação, contradições de classe, debates de ideias, combates políticos, diferenças. A sociedade não é homogénea, una e fixa. O movimento social tem a sua dinâmica própria. A sociedade é um território movente. Os homens vivem e lutam. Lutam pela vida e contra a morte, pelo pão e pela liberdade.

Mas só existirá Democracia sem violência e sem intolerância. E sem mecanismos de coacção, sistemas de censura, bloqueios, muralhas, imposições de silêncio, ódio.

A violência e a intolerância têm que ser banidas. Não têm lugar na sociedade democrática que se propõe ser aberta e se reconhece plural. São diferentes os dedos da mão, e são diferentes as mãos, e são diferentes os homens. Temos de aceitar o diferente. Temos que coexistir com o diferente. Coexistir na liberdade. Coexistir para a justiça.

Não caminhamos para a justiça se cometemos a injustiça de não ouvirmos o que os outros têm para nos dizer. Às palavras, ainda que as não consideremos verdadeiros argumentos, não se responde com a violência e com a intolerância.

A crítica da Democracia faz-se com espírito democrático, com rigor democrático, com liberdade, em liberdade. A Democracia aprofunda-se e alarga-se defendendo a liberdade democrática de

Continua na pág. 28

Serviço militar: redução à vista

O secretário de Estado adjunto do ministro da Defesa, Figueiredo Lopes, confirmou à agência NP que o Conselho de Ministros vai começar hoje a reapreciar a proposta de regime de serviço militar que prevê a redução do tempo de serviço obrigatório. Figueiredo Lopes referiu que se trata da reposição de uma proposta do anterior governo que caducara com a dissolução da Assembleia da República. Depois da primeira análise em Conselho de Ministros, o projecto segue para o Conselho Superior de Defesa Nacional, que se reúne no dia 22, após o que regressa a Conselho de Ministros. O Governo terá então de remeter o projecto de lei à Assembleia da República, o órgão competente para legislar sobre o serviço militar. Uma fonte do Estado-Maior do Exército recordou, entretanto, à Anop que a revisão da lei das Forças Armadas e do Serviço Militar Obrigatório é da «exclusiva responsabilidade do Governo».

O diploma regulador do Serviço Militar Obrigatório estabelece que os Chefes de Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas podem antecipar a duração do tempo de serviço militar.

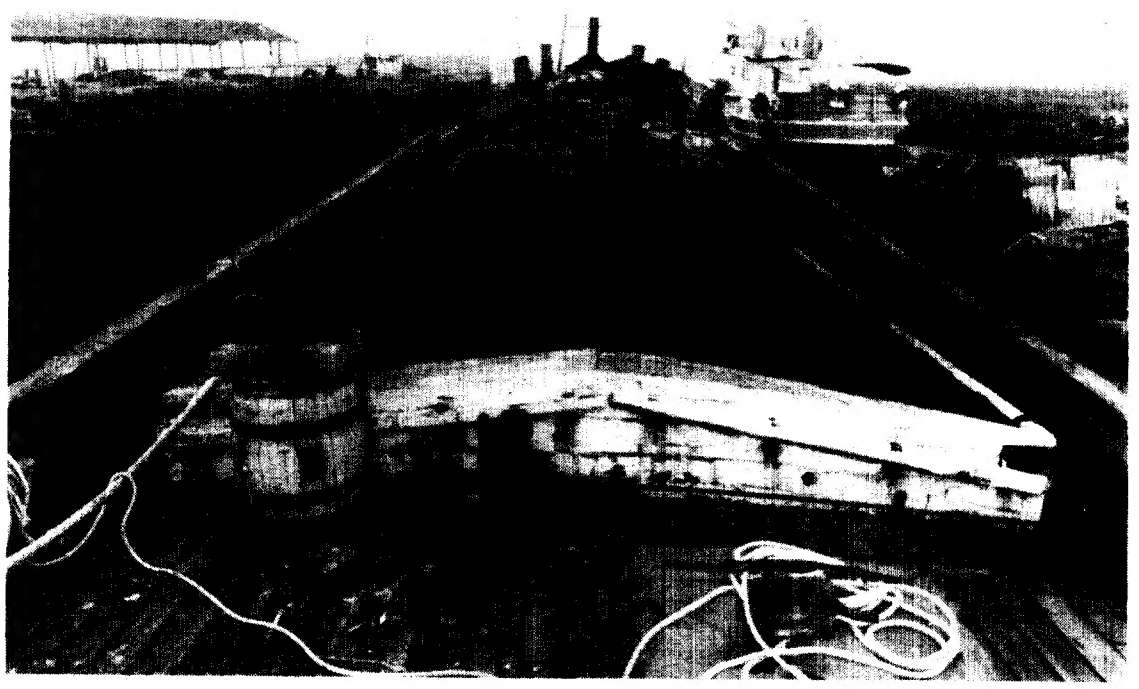
Continua na pág. 28

PARA GARANTIR SOBREVIVÊNCIA

A história de uma deserção

Pág. 10

CARAVELA 'CATADOURO'



UNESCO apoia iniciativa de grupo de artistas portugueses

Do apodrecimento no Tejo para galeria itinerante

Espera-se que ainda este ano o estuário do Tejo seja animado por uma galeria de arte «flutuante» que ficará atracada no cais de Santo Amaro e algures na margem Sul do Tejo, talvez em Arrentela.

Esse espaço original é o interior de uma fragata em restauração, a «Catadouro», construída em 1924, mais tarde adaptada a batelão e finalmente condenada à morte por abandono numa praia do Tejo.

Dois pintores e professores do ensino secundário compraram-na e juntamente com outros oito jovens artistas fundaram uma cooperativa cultural cujo objectivo é a recuperação e utilização da «Catadouro» no campo da arte. Intervieram com subsídios a Fundação Gulbenkian e a Unesco.

Pág. 12

O aumento da esperança de vida à nascença á o indicador mais seguro dos acentuados progressos registados no campo da Saúde em Portugal nos útimos 50 anos.

Saúde: progresso científico aumenta esperança de vida

Os indicadores do Instituto Nacional de Estatística são claros: o campo da Saúde é dos que revelam maior progresso na sociedade portuguesa nos últimos cinquenta anos.

Este progresso, sublinha o INE, não tem apenas como origem o melhoramento das condições de saúde das populações no interior das quatro «linhas» que definem o País.

Os avanços registados nas últimas décadas na investigação no campo das terapias, não poderia deixar de se reflectir entre nós.

E esse progresso acaba também por se repercutir no proprio nível de vida e de bem-estar, onde os desenvolvimentos têm sido extremamente elevados, conforme realça o INE.

A evolução da esperança de vida à nascença é possivelmente o indicador mais expressivo desta evolução conjunta dos progressos da medicina e do bem-estar.

Como pode ser observado no quadro I, a esperança de vida evoluiu em Portugal, nos últimos 40 anos, quase 50 por cento, alcançando o valor de 72,7 anos (valor total Homens-Mulheres) em 1980/81.

A evolução da esperança de vida no sexo feminino é ligeiramente superior à do sexo masculino, e atinge também um nível mais elevado (76,5 anos), o que é geralmente atribuível à sobremortalidade masculina.

Esperança de vida à nascença

Anos

Período	Total	Homens	Mulheres
1940	50,0	47,8	52,1
1949 - 1952	59,9	55,5	60,5
1959 - 1962	63,5	60,7	66,4
1969 - 1972	67,4	64,3	70,5
1976	69,2	65,4	73,0
1980 - 1981	72,7	68,9	76,5

Mais médicos

A esperança de vida está estreitamente ligada aos progressos registados na medicina e no bem-estar global dos portugueses.

Existe igualmente uma forte correlação com o número de médicos existentes.

No Quadro II, pode constatar-se que o número de médicos por cem mil habitantes só é suficientemente preciso a partir do ano de 1955. Até 1975, há um progresso de 56,9 por cento, seguindo-se, só nos cinco anos seguintes, um acréscimo de 65,4 por cento, que é superior ao do anterior período de 20 anos.

O INE sublinha que, de um ponto de vista estatístico, os valores registados nos anos de 1980 e 1983 são de tal modo irregulares que tornam previsível a possibilidade de algum abrandamento nos anos seguintes.

O quadro apresenta também a variação do número de camas em estabelecimentos de saúde por cada mil habitantes.

Essa proporção é ascendente até 1970, para registar depois algum abrandamento, e não dá mostras de ir no sentido de recuperar, e muito menos reduzir essa proporção.

Mas, sublinha o INE, «este indicador não é particularmente significativo da capacidade de resposta dos estabelecimentos de saúde, visto os progressos técnicos da terapia terem gerado diminuição dos tempos de internamento».

Mortalidade infantil em regressão

Finalmente, o Instituto Nacional de Estatística apresenta valores de um outro indicador altamente sensível, e tradicionalmente apontado como referencial do estádio de evolução de um país: a taxa de mortalidade infantil.

Esta é uma das áreas onde os progressos dos cuidados médicos e do nível de vida da sociedade mais se têm feito sentir, confluindo para a obtenção de desenvolvimentos de grande nitidez.

A taxa de mortalidade infantil tem vindo a decrescer sistemática e progressivamente ao longo das décadas. Dos 158,7 por mil registados em 1935, até aos 19,2 referidos ao ano de 1983, vai uma distância que não deixa margem para dúvidas acerca do que acima ficou dito.

Com efeito, a evolução da série, que pode ser confirmada pela leitura do Quadro III, revela um decréscimo de cerca de seis vezes do valor registado em 1935 para o de 1980 (24,3 por mil habitantes), num sentido que se mantém nos anos seguintes (21,8 em 1981, 19,8 em 1982 e 19,2 em 1983).

Taxa de mortalidade infantil (‰)

148,7	126,1	114,9	94,1	90,2	77,5
1935	1940	1945	1950	1955	1960
64,9	55,5	38,9	24,3	21,8	19,8	19,2
1965	1970	1975	1980	1981	1982	1983

	1945	1950	1955	1960	1965	1970	1975	1980	1985
Número de médicos (HM) por 100 000 habitantes	—	—	75,1	79,8	84,7	91,1	117,8	194,8	228,0
Número de camas em estabelecimentos de saúde, por 1000 habitantes	3,5	3,7	5,0	5,4	5,8	6,1	5,5	5,2	5,4

OUVIMOS JOVENS DESEMPREGADOS...

Jorge, 20 anos, desempregado

"Gosto muito de telenovela"

— O que fazia?

— Estava a estudar, a tirar a 4.ª classe.

— Nunca trabalhou?

— Não, porque ainda não consegui encontrar emprego.

— Há quanto tempo anda à procura de trabalho?

— Há dois anos. É muito difícil encontrar qualquer coisa.

— Sabe que a maior parte dos desempregados são jovens?

— Sei que é assim, mas também porque muitos deles não querem trabalhar. Ainda há por aí alguns empregos.

— Mas vicê ainda não conseguiu encontrar um.

— Pois não...

— Como ocupa o seu tempo?

— Vou às discotecas, ao teatro ou ao cinema, que são coisas de que gosto bastante. Se não, vou a casa de amigos ou fico em minha casa a ouvir música ou ver Televisão.

— Qual a sua opinião sobre o teatro que se faz actualmente?

— Acho que está muito bom, com grande qualidade. Todas as peças que tenho visto gêm-me agradado.

— Que tipo de teatro prefere?

— Vejo sobretudo revista, mas também aprecio outros géneros.

— E filmes, o que gosta de ver?

— Gosto especialmente de romances.

— E na Televisão, a que programas costuma assistir?

— Vejo a telenovela, gosto muito.

— Porque é que lhe agrada?

— Porque é brasileira e assim percebe-se bem, e além disso os brasileiros são muito bons nisso, melhores que os portugueses.

— Em sua opinião a Televisão não transmite programas que sejam melhores, do ponto de vista cultural, que a telenovela?

— Às vezes transmite alguns programas bons, mas prefiro a telenovela.

— Costuma estar informado?

— Sim, às vezes vejo o Telejornal e leio alguns jornais.

— Tem seguido a campanha eleitoral para a Presidência da República?

— Não, não gosto de assuntos políticos.

— Porque toma essa atitude?

— Não me interessam essas coisas, nem tenho tempo para perder com elas. Além disso não gosto de ver pessoas a discutir.

— Não lhe parece que o seu futuro também depende da vida política do País?

— Acho que sim, mas não ligo.

— Mas vai votar?

— Vou. Desde que tenho idade que voto, não vou deixar de o fazer agora.

— Se pudesse governar o que começava por mudar?

— Tentava ajudar as pessoas que estão sem emprego.

Divulgada por deputado municipal do PS

"Carta aberta" contra Abecasis

Jofre Justino*!

Desde longa data que somos político-culturais, sem nos conhecermos é certo, porque Vossa Excelência é Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, ainda, e eu um mero cidadão lisboeta.

Aliás, tal situação, em regime democrático, nada tem de grave, pois sou dos que pensam que a rivalidade e a concorrência entre projectos político-culturais, desde que assumidos de forma leal, são duas das molas realmente dinâmicas na evolução de um sistema democrático.

Enquanto ecologista e enquanto socialista, procurei sempre minorar os seus inúmeros desmandos sobre esta cidade, onde ambos vivemos.

O senhor, enquanto conservador à «portuguesa», procurou sempre, com um dinamismo que ninguém lhe pode negar, destruir o mais velozmente possível o que havia de belo e, curiosamente, de **tradicional** em Lisboa, fundamentado em princípios nada «conservadores».

A sua lógica crescimentista acompanha a lógica dos «patos-bravos» da construção civil:

— É «moderno» tudo o que se assemelhe ao «caixote» hollywodesco, tudo o que lembre a necessidade de usar uma pá japonesa para encher o Metropolitano lisboeta de cidadãos, tudo o que seja cimento, frio e sem vida.

— É «ultrapassado» tudo o que seja semelhante ao prazer da bica tomada entre amigos, numa esplanada ou num café de bairro, tudo o que seja recuperar a traça dos edifícios lisboetas, tudo o que permita que o alfacinha se sinta bem, em casa, na rua, ou em trânsito, tudo o que seja colorido e com vida, ser humano, árvore, planta, jardim, alegria.

Megalómano, o senhor é dos que julgam ser Lisboa o País e o resto, paisagem. Para si há que concentrar em Lisboa, o comércio, a indústria, os serviços, o Estado, encher esta cidade de gente, anónima e marginalizada, nas horas de trabalho e esvaziá-la no restante do dia.

Para si, concorrência é selvajaria, é encher esta cidade de «manjedouras» mal amanhadas, para que o cidadão coma à pressa a bucha e ala que se faz tarde para o trabalho, de vitrinas desajeitadas, cheias de nada, de edifícios vidraçados onde os «Serviços» funcionem, de ruas mal-acabadas onde transitar é sofrer, de passeios inundados de automóveis, de ar poluído e malcheiroso.

Para si, Lisboa e o Tejo são um acaso do passado e, actualmente, sem qualquer relação, não havendo razão para que a cidade e o rio se encontrem de novo no prazer de uma vida que tem ainda de se refazer. Para si, Lisboa não deve cheirar a mar e a rio, mas sim a petróleo e lixo.

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Tudo farei para que perca o cargo que actualmente tem, democraticamente conquistado é verdade, e que seja democraticamente perdido, diga-se.

Lisboa é a capital de Portugal e não, de todo o País. Crescimento desmesurado não é, senhor Presidente, desenvolvimento e é tempo de descentralizar para salvar a cidade.

Temos de criar uma relação harmónica urbano/suburbano. Com vias de comunicação que permitam o trânsito sem sofrimento, com horários de funcionamento que permitam a circulação, com um comércio com convivência, sem desgaste físico e psíquico, com um controlo do sistema rodoviário que permita que circular seja de facto viver, com parques de estacionamento que não sejam os passeios da cidade, com cafés e restaurantes que não sejam manjedouras, sem poluição no ar e no Tejo.

E por falar em rio temos de saber, nós todos cidadãos, como vão as obras de tratamento dos despejos urbanos sobre este nosso rio Tejo e que finalmente poderão começar. Convinha, aliás, que fossem terminadas sem que se tornassem num qualquer negócio da China. Como era importante que Lisboa se debruçasse de novo sobre a sua razão de nascimento histórico, o Tejo.

Com turismo, com cultura, com convivencialidade.

Valia a pena, senhor Presidente, fazer da recuperação do carácter histórico desta nossa cidade não um negócio político-partidário, mas sim a salvação desta nossa urbe.

Com mais verde e menos cimento, com a traça que é orgulho do alfacinha e que eu sempre amei, com o rio Tejo que é nosso.

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Sou um simples membro da Assembleia Municipal de Lisboa, do Partido Socialista. Aí, na Assembleia Municipal, como na Câmara Municipal, conte com a minha oposição. Exigir-lhe-emos contas, quotidianamente, da sua gestão passada, e presente porque quanto à futura espero que pertença ao Partido Socialista.

Para terminar, senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, gostava de lhe recordar que é tempo de combater a corrupção e o negócio escuro e de fazer da gestão da Câmara Municipal de Lisboa uma gestão límpida.

Com os meus melhores cumprimentos.

(* Membro da Assembleia Municipal eleito pelo Partido Socialista)

O escândalo dos prémios vendidos

Beja Santos

De há alguns anos a esta parte, tenho reiteradamente denunciado nos meios de Comunicação Social um escândalo internacional que afecta a escolha dos consumidores, podendo, inclusive, induzi-los em erro quanto a propriedades inexistentes dos bens e serviços. Trata-se da chamada burla dos prémios de qualidade.

Recorrendo ao que escrevi no meu livro «O Poder dos Consumidores», resumirei a questão da seguinte maneira:

A imagem de marca ou é reconhecida pelos consumidores, que preferirão este ou aquele produto pelas qualidades organolépticas, singularidades de sabor, excelente relação qualidade/preço, ou poderá ainda ser conferida por júris idóneos, independentes, que tenham ao seu dispor condições objectivas de análise: amostras sem referência da empresa interessada, estudos laboratoriais exigentes, investigações sobre a qualidade, a confecção esmerada, elementos rigorosos sobre a própria satisfação dos consumidores. É que antigamente os prémios de qualidade eram atribuídos por instituições sem fins lucrativos, em exposições ou certames internacionais, de modo a conceituar a genuidade, o fabrico reputado, o alimento com interesse dietético. Esta forma de legitimar o primado da qualidade alimentar e industrial, e de o veicular sem interesses lucrativos para a decisão dos compradores, encontra-se actualmente perigosamente subvertido. Pululam com total impunidade os negócios dos prémios.

As empresas que vão na calada do público pagando os prémios publicitam com o estrondo possível os seus diplomas, as suas medalhas de bronze, prata e ouro para influenciar os consumidores. Dentre os negócios que têm vindo a cercar as empresas portuguesas, destacam-se a Tanit, Monde Seléction e o Apollo d'Oro (crê-se que esta terá menos intensidade). Como funcionam?

Apollo d'Oro. No papel timbrado lê-se Câmara de Comércio Europeia, com sede em Milão. Envia uma carta-circular a empresas portuguesas «consideradas merecedoras, após uma cuidada selecção», incitando-as a pagar um prémio de relações públicas e publicidade. Veja-se como se propõe sugestivamente o negócio aos incautos: «Não duvidamos do evidente interesse da vossa empresa em aderir ao programa que vos propomos... com o impresso envie também o vosso cheque na importância indicada no programa em nome de Unexport... Após o recebimento dos elementos acima referidos, V. Ex.as receberão uma carta oficial de atribuição do 'Apollo d'Oro'... Na eventualidade de não recebermos a vossa adesão, seremos obrigados a convidar uma outra empresa do vosso sector.» Quem quer prémio de qualidade paga e não discute razões!

Tanit. Mande preencher formulário, e entregam-lhe uma estatueta numa dispendiosa noite de gala. Todas as empresas que concorrem são premiadas. No mercado português, a empresa promotora, Editorial Ofice, tem-se notabilizado por oferecer colares de pérolas genuinas às inquiridas portuguesas, prática que está longe de ser recomendada a qualquer inquiridor idóneo.

Monde Seléction, sediada em Bruxelas, e que promove o festejo anual em cidade diferente. Dirige uma circular às empresas portuguesas em termos parecidos com este: «Estimado manager, convidamo-lo a expor os seus produtos no certame que estamos a organizar... Todos os testes e análises são efectuados de acordo com a legislação internacional. O mérito e originalidade do certame é que a avaliação subjectiva é fundamentada por análises químicas e bacteriológicas.» A medalha é um flagrante chamariz publicitário, pois o «negócio da China» é explicado nos anexos, numa linguagem discreta, adequada ao «marketing» que visa as maiores eficiências. Depois de se dizer quantos muitos milhares de francos belgas custa concorrer, segue a determinação: «Mande as amostras em lotes de 250 g, ao nosso cuidado, para o Aeroporto de Zaventem, Bruxelas. Os produtos podem ser apresentados na sua embalagem comercial original...» Seguem-se os critérios de atribuição da pontuação. Este tipo de selecção levanta algumas suspeitas, porquanto:

a) atribuição de medalhas por um júri nomeado pela empresa de fins lucrativos: quem garante a sua isenção?

b) quem controla as amostras que partem para Bruxelas: serão idênticas ao produto vendido cá ou amostras para «júri ver»?

c) são os consumidores portugueses alvo de uma dispendiosa campanha de fascínio e relações públicas internacionais — quanto custa cada uma destas campanhas no preço de venda ao público?

Dá satisfação sentir-se acompanhado neste protesto por organizações de consumidores, como é óbvio. E registo que no seu número de Novembro de 85, a revista da OCU (Organanização de Consumidores e Usuários de Espanha) publica uma concludente denúncia que se respiga no essencial.

Diz a OCU: «Todo o prémio não outorgado por uma instituição verdadeiramente independente, livre de toda a suspeita quanto a possíveis interesses comerciais, merece a desconfiança dos consumidores.» Desenvolvendo o tema, fica-se com um quadro da situação quase melodramática que se vive em Espanha. Por exemplo, a Editorial Ofice e os seus «Tanit».

Não há ramo de actividade económica que lhe escape: a revista «Ouro Verde» é dedicada ao turismo e ao comércio, a «Economia Mundial» à economia; «O Comestível» é dedicada nos termos da alimentação; «Euromóvel» a temas de mobiliários; «Oriente e Afretrade» a temas comerciais asiáticos e africanos... e em cada ramo de actividade brotam os prémios indispensáveis para dar a necessária ilusão de prestígio, sedução, singularidade: Troféu Internacional de Turismo e Hotelaria, Troféu Internacional de Exportação, Troféu para a Melhor Imagem de Marca, Troféu Internacional à Qualidade...

E, evidentemente, a palhaçada adquiriu foros de protesto internacional. A Associação dos Consumidores de Chipre já reclamou junto da sua congénere espanhola face a estas «distinções» internacionais. A Associação de Exportadores da Malásia denunciou o facto de que «numerosas empresas malásias receberam cartas de certas organizações radicadas em Espanha como tendo sido premiadas, e logo publicitam tal facto nos meios de Comunicação Social, tendo posteriormente descoberto que haviam sido enganadas ao aceitar prémios de duvidosa reputação, concedidos por organizações igualmente duvidosas». Um desses troféus, denominado Troféu do Prestígio Islâmico, era concedido por uma organização espanhola (qual?) que dizia representar «a cooperação económica, industrial, turística e cultural entre África, os países árabes e o resto do mundo. O vencedor deste prémio, a empresa exportadora Rosdin Corporation Lda. Bhd ficou estupefacta quando soube que a distinção lhe custava a módica quantia de 2 mil dólares, fora as despesas referentes à deslocação a Madrid. O presidente da Associação dos Exportadores da Malásia mostrou aos jornais do seu país um recorte em que dava a notícia de que um fabricante malaio fora galardoado com o Prémio Europeu do Móvel, isto quando a empresa em causa exportava unicamente os seus artigos para Singapura e o Borneú...

Outra empresa que tinha fechado há 5 anos recebeu um prémio da organização espanhola que dirigira a carta-convite a um velho armazém abandonado...

Se é certo que a revista da OCU mostra indignação por ver o nome da Espanha misturado com estas torpezas que nos dão vontade de rir (ou chorar), conhecedores como somos da profusa divulgação destes falsos prémios de qualidade entre nós, façamos uma denúncia veemente desta burla que afecta os interesses económicos do País e defrauda as legítimas expectativas dos consumidores que ainda acreditam que um prémio de qualidade é uma coisa séria.

Por se considerarem "atraiçoados"

Militantes do MDP de Braga abandonam o partido

O secretariado da Comissão Política do MDP/CDE contestou hoje as declarações de dirigentes do partido de Braga que, em conferência de Imprensa, explicaram as razões que os levaram a abandonar a organização. Na conferência, realizada ontem em Braga, Artur Sá da Costa, Santos Simões e Araújo Barbosa referiram que «desde 1983 mais de oitenta militantes do distrito pediram a demissão de organismos concelhios ou abandonaram o partido, pelo que não ficaram mais de uma dúzia de militantes de cartão».

A estes oitenta juntaram-se agora outros trinta e três que em carta datada de 7 de Janeiro e dirigida à direcção nacional do partido explicam as razões que os levaram a abandonar o MDP e que se podem resumir na frase: «temos a nítida consciência de termos sido atraiçoados demasiado tempo». Os signatários declaram que «chegou a ocasião de não mais nos querermos continuar a enganar, confundindo o nosso desejo com uma realidade que o rolar do tempo tem transformado em frustração».

Os demissionários escrevem ainda que o MDP deveria ter tomado «uma clara posição de autonomia» no congresso de 1981 e acusam os dirigentes do partido de praticar uma «política seguidista».

Numa nota hoje divulgada, o secretariado da Comissão Política do MDP/CDE frisa, em resposta, que a actuação daquela comissão «foi inteiramente concordante com a opinião livremente expressa pelos seus militantes nos dois principais órgãos do partido».

Precisando, a nota acrescenta que no «último congresso, realizado em 1984, foi decidido que o MDP se apresentaria às eleições autárquicas coligado com o PCP no quadro da APU» e que a intervenção nas eleições legislativas seria decidida em Encontro Nacional. Nos dois órgãos, a intervenção do MDP no quadro da APU apenas foi contestada por delegados de Braga, acrescenta o comunicado.

O comunicado recorda ainda que «não se conformando com essas decisões democráticas, militantes da organização de Braga vieram desenvolvendo uma acção de contestação» fora dos órgãos do partido e «sempre buscando efeitos públicos espectaculares».

Televisão para a Igreja

Comissão Parlamentar rejeita pedido de urgência

A Comissão Parlamentar de Direitos e Liberdades rejeitou por maioria (PS, PRD, PCP e MDP/CDE) o pedido de urgência apresentado pelo Governo para a sua proposta de lei sobre a concessão de um canal de televisão à Igreja Católica — disse um deputado da comissão.

A proposta de lei foi apresentada na Assembleia antes do Natal, acompanhada do pedido de prioridade e urgência.

O assunto baixou depois para apreciação à Comissão de Direitos e Liberdades da Assembleia, onde a favor do pedido de urgência apenas votaram o PSD e o CDS.

No parecer (cujo relator foi o deputado Alexandre Manuel, do PRD) que aprovou sobre a matéria, a comissão considera não haver qualquer vantagem ou interesse na adopção de um processo legislativo de urgência, «independentemente do mérito da questão de fundo».

O parecer recorda ainda que nunca, nem antes nem depois do 25 de Abril, a atribuição de um canal de televisão à Igreja Católica se revelou como sendo de decisão premente, ao justificar a sua rejeição do pedido.

«Indiscutível é, sem dúvida, o interesse nacional da questão do pluralismo no acesso à radiotelevisão, bem como a relevância das transformações que neste domínio o Governo pretende introduzir, tendo em atenção, designadamente, a importância e o significado da Igreja Católica na sociedade portuguesa» — diz ainda o parecer.

Cavaco Silva no Norte do País

Com a primeira conferência de Imprensa desde que foi empossado Primeiro-Ministro, Cavaco Silva inicia amanhã, no Porto, uma visita ao Norte do País. Cavaco Silva irá prestar informações sobre a actividade governativa, após o que iniciará uma série de contactos com empresários e instituições de solidariedade social, para além de visitar obras públicas.

A deslocação ao Norte do País será a segunda visita oficial de um Primeiro-Ministro que segundo o diário conservador francês «Le Figaro», «está condenado a ter sucesso». Com efeito, na sua edição de ontem, aquele jornal francês analisa a política económica do Governo português, concluindo que «após ter colocado a barra muito alta Cavaco Silva está condenado a ter sucesso. Ele sabe que será julgado não somente pelos seus compatriotas mas também pelos seus novos parceiros europeus».

CARRIS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

ESCLARECIMENTO ADICIONAL SOBRE A GREVE DE ONTEM

O relevo inesperado assumido pela greve ocorrida ontem nos transportes públicos da Carris, em termos de pesada penalização resultante para os utentes da cidade, exige da parte da Comissão Administrativa da empresa um esclarecimento adicional ao que entretanto foi veiculado para a opinião pública.

1. A Carris é uma empresa de serviços públicos, ao serviço da comunidade de Lisboa, sustentada por fundos públicos — que o mesmo é dizer por toda a comunidade nacional.
   A Comissão Administrativa, no âmbito das suas obrigações, competências e responsabilidades, procura, a critério, com sentido de responsabilidade, harmonizar os diversos interesses em jogo, designadamente os interesses do Estado-accionista, os interesses públicos, os interesses da empresa enquanto tal e, também, os interesses dos seus trabalhadores. Tudo no quadro de uma economia condicionada, conforme referido em nota de esclarecimento já divulgada.
2. Colocada a questão nestes termos, entende a Comissão Administrativa, em boa consciência, que a greve ontem realizada põe em confronto os interesses particulares dos Sindicatos com os interesses gerais da comunidade. Nesta linha, não pode deixar de acentuar que a contraproposta da empresa, presente aos Sindicatos, representa, à luz dos pressupostos macroeconómicos definidos pelo Governo, **um aumento dos salários reais da ordem dos 4-5%**, conforme se infere dos seguintes indicadores:

taxa de inflação prevista para 1986	14%
aumento percentual das tabelas salariais do pessoal da empresa	17,5%
desagravamento fiscal previsto	1 a 1,5%

Regista-se que a proposta da empresa, apresentada nos limites da sua capacidade negocial, reflecte já os ganhos de produtividade obtidos em 1985 e projectados para 1986, o que significa que tais ganhos revertem a favor dos trabalhadores da empresa.

Regista-se, ainda, que a posição dos Sindicatos, à mesa das negociações, tem-se mantido na exigência de um aumento da tabela salarial entre 25 e 27%, posição esta de todo inaceitável por parte da empresa.

A Comissão Administrativa da empresa entende de seu dever, nesta oportunidade, fazer um apelo ao bom senso e ao sentido de serviço que não pode deixar de estar presente em cada trabalhador da Carris.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1986

A Comissão Administrativa

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO

ANÚNCIO

Que foi distribuída à 1.ª Secção deste Juízo, uns Autos de Acção Especial de Interdição de Anomalia Psíquica, registados sob o n.º 5.336/85 nos quais é requerente o Digno Magistrado do M.º P.º e arguida Teresa Francisca Maia de Mira, solteira, residente em Lisboa, na Rua Comandante Fontoura da Costa, n.º 22, Lisboa na qual o requerente pede que a acção seja julgada provada e precedente, e, em consequência seja interditada a sua interdição por aquela se tornar incapaz de reger a sua pessoa e bens, confirmando-se o tutor e o protutor indicados nos autos aludidos.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1985

O Juiz de Direito
José Geraldes Pereira de Carvalho

O Escrivão Adjunto
Joaquim Ramos

D.L. 16/1/1986

aprenda italiano connosco

Abertas as inscrições para os Cursos

de Fevereiro — Maio

Instituto Italiano de Cultura

R. do Salitre, 146
1200 LISBOA
Tel. 684172-657117

Cursos por correspondência

Horário da Secretaria
9.30 — 13 h
16.30 — 19 h

Câmara Municipal de Sintra

Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

EDITAL N.º 2

FERNANDO JORGE AMARAL TAVARES DE CARVALHO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA:

Faz saber que em reunião ordinária de 30 de Outubro de 1985, a Câmara Municipal deliberou tomar posse administrativa do prédio situado na Abrunheira e inscrito na matriz sob o artigo 60 secção T da Freguesia de S. Pedro Penaferrim, em virtude de nele se ter verificado um loteamento clandestino.

1) Qualquer construção ou continuação de construção que se verifique após a publicação deste EDITAL será imediatamente demolida, pois estará a ser efectuada em desrespeito pela legalidade e em terrenos na Posse da CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA.
2) Pelos mesmos motivos ficam proibidas:
   a) — demarcação de lotes e arruamentos;
   b) — alterações à morfologia do solo (aterros, desaterros; etc.)
   c) — abertura de caboucos.
3) Estas medidas têm como objectivo:
   a) — conter o loteamento e a construção ilegal;
   b) — Impedir a expansão desordenada de construções e a utilização errada de terrenos que deverão ter outras utilizações.
   c) — proceder criminalmente contra os loteadores:
4) Para não cair em situações semelhantes deverão os interessados:
   a) — evitar a compra de lotes em avos indevisos para construção.
   b) — exigir do vendedor a apresentação do alvará do loteamento emitido pela Câmara.
   c) — informar-se junto dos Serviços Técnicos da Câmara acerca da viabilidade do loteamento do terreno em causa.

Para constar, se publica este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Sintra, 6 de Janeiro de 1986

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho

MUNICÍPIO DE SINTRA

COMUNICADO
AUTARQUIAS DE SINTRA

ACTO DE POSSE DOS NOVOS ELEITOS

Os novos eleitos para a Assembleia Municipal e Câmara Municipal do Concelho de Sintra tomam posse dos seus cargos autárquicos no próximo dia 17 de Janeiro, às 15h no Palácio de Valenças, em Sintra.

10 de Janeiro de 1986

O Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

PRESIDENCIAIS

...E a violência surgiu

A violência é tema em evidência na campanha eleitoral, por força dos incidentes registados na Marinha Grande, os mais graves das últimas campanhas eleitorais.

Outros incidentes registaram-se já nestes cinco dias de campanha, mas sem assumirem as proporções dos ocorridos na Marinha Grande, onde um candidato, Mário Soares, chegou a ser agredido.

Soares, que no momento dos incidentes comentou «não me surpreende nada disto porque vem da candidatura de Zenha e do Partido Comunista e faz parte da violência que é habitual», mais tarde, num comício em Buarcos, Figueira da Foz, sublinhou ser necessário criar no país um clima de paz e estabilidade que permita o desenvolvimento harmónico da sociedade.

«Não é através da violência, da agitação, que se pode arrancar Portugal do atraso que nos separa da Europa», acrescentou.

Antes,em Leiria, defendeu: «Portugal corre o risco de perder todas as energias em lutas políticas e sociais sem sentido, que só servem para espalhar ódio e divisão da família portuguesa».

Freitas do Amaral, em campanha no Alto Alentejo, condenou os incidentes imputando as responsabilidades à candidatura de Salgado Zenha.

O caso da Marinha Grande — afirmou Freitas do Amaral — «demonstra que se esse candidato (Zenha) ganhasse, desencadearia forças que ele próprio não controlaria e que fariam regressar Portugal à situação de 1975».

Salgado Zenha, por sua vez, condenou também a violência, tema central da sua intervenção em Torres Vedras. Depois de condenar a agressão de que Mário Soares foi alvo, Zenha disse rejeitar toda a violência «seja qual for a sua forma e venha ela de onde vier».

«Violência, não», gritou Zenha por sete vezes, dando «indicação estrita» aos seus apoiantes para «evitarem a todo o custo actos de violência» e para respeitarem todos os candidatos.

Zenha frisou que o seu objectivo «é a paz cíviva e não a paz dos cemitérios».

Também Lourdes Pintasilgo se pronunciou sobre os incidentes, classificando-os de «comportamento antidemocrático e violento», que evidencia um clima de «excitação que não se compadece com o acto eleitoral nem com a integridade física das pessoas».

«Este acto é contrário às regras básicas da democracia em que devemos e queremos viver» — foi a primeira reacção da Comissão Política da candidatura de Pintasilgo em relação aos incidentes.

O candidato Ângelo Veloso, num jantar com jornalistas em Setúbal, disse não ter dados suficientes para avaliar o que se passou na Marinha Grande, acrescentando: «No entanto, é lamentável que haja acontecimentos desses, pois devem ser asseguradas aos candidatos as condições para fazerem a sua campanha em território nacional».

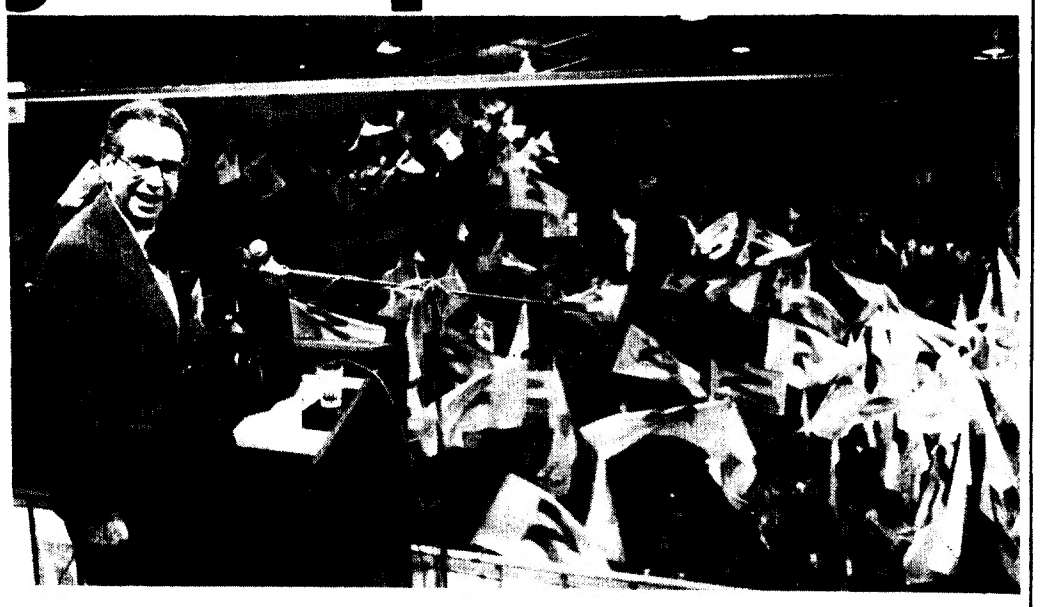
O secretário-geral do PCP, numa sessão em Lisboa, disse inicialmente não ter ainda o relato dos militantes do partido na Marinha Grande, referindo que pelo que ouviu os incidentes terão sido originados por uma atitude hostil dos guarda-costas de Soares em relação aos manifestantes e, quando algumas pessoas da sala esboçavam aplausos, comentou: «Não bato palmas a este acontecimento».

O Presidente da República, em declarações aos jornalistas, reprovou a agressão de que foi alvo Mário Soares, afirmando: «Faço a condenação da violência independentemente dos seus autores e das pessoas que são vítimas». «Para mim — prosseguiu — a democracia deve ser confronto de ideias, por isso repudio o enfrentamento».

Moscavide alegra campanha doZAP

José Manuel Vilaça

Foi já depois da meia-noite de ontem que Salgado Zenha iniciou o seu discurso no pavilhão do Atlético de Moscavide, perante cerca de um milhar de pessoas que não enchia o recinto, mas que, pela primeira vez nesta campanha do ZAP, demonstrava genuíno entusiasmo, agitando bandeiras e fotografias do candidato e ostentando ao pescoço os cachecóis vermelhos, brancos e verdes da candidatura. Algumas dezenas de jovens gritavam «Juve, juve, juve, ZAP, ZAP, ZAP», logo depois de Zenha ter saudado os trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa, a quem dirigiu o discurso de Moscavide, um dos primeiros que pronuncia sem ser de improviso.



Enquanto na assistência se gritava «O 25 de Abril Sempre», Zenha recordava que são os conservadores que espalham a ideia que os trabalhadores da CIL não trabalham. «Os trabalhadores, precisou, são a força motriz do País, uma das principais garantias das liberdades democráticas», para depois ouvir a assistência responder: «Zenha, o Presidente, a Juventude está presente!»

Zenha definiu-se ainda como um lutador pelos direitos do homem, salientando que é uma grande honra para ele ser o principal alvo da direita nesta campanha eleitoral.

Antes do candidato uma enorme lista de pessoas discursara. Cunha Leal, cuja oratória parlamentar esteve, longe de impressionar a assistência, Marques Júnior e José Carlos Vasconcelos, do PRD, Odete Filipe, dirigente da CGTP, Intersindical, Anabela Almeida, mulher do futebolista Delgado e dirigente da Juventude ZAP. Mas menções especiais para dois discursos.

O de Joaquim Letria que invocando o peso político que lhe é próprio como porta-voz do Presidente da República denunciou o que considerou utilização abusiva da figura do general Eanes, nos tempos de antena de Lourdes Pintasilgo.

E deu uma resposta inequívoca a dúvidas que existissem: «Ramalho Eanes não apoia Lourdes Pintasilgo, Salgado Zenha é o candidato que reúne as qualidades e as condições para ser Presidente da República».

O outro discurso foi o de Clara Pinto Correia, Bióloga, escritora e ex-jornalista, trouxe uma nota de frescura ao discurso político desta campanha. Em primeiro lugar, manifestando o seu apoio a Zenha, só porque acha que Zenha é o melhor: «Há alturas em que não podemos ficar de fora e em que aquilo em que acreditamos é suficientemente importante para dar a cara», mesmo «em política».

Havendo um «tempo para tudo», este é tempo para, segundo Clara Pinto Correia, «apoiar Zenha à Presidência».

E, logo a seguir, acrescentou: «Finalmente estas eleições são disputadas apenas por civis, tal como deve ser numa verdadeira democracia».

Na tribuna de honra, ao lado de Zenha, sentava-se, silencioso, o presidente da Câmara da Amadora, Severino Falcão, membro do Comité Central do PCP. Mas para ele foram dos maiores aplausos da noite, quando Zenha recordou as condições em que ambos se encontraram na prisão.

O ambiente «quante» deste comício foi, no entanto, uma raridade na deslocação eleitoral de ontem de Salgado Zenha e deveu-se em grande parte à organização de jovens comunistas que dominava a assistência.

O ZAP, esse, continua com falta de chama no desenvolvimento da campanha. Está tudo organizado ao milímetro, de uma forma muito marcial, mas falta o espaço para a vivacidade de campanha. E a programação é tão rígida que se repetem os cancelamentos, multiplicam-se os atrasos, falham os contractos.

O repórter esteve ontem durante duas horas, na Lourinhã, à espera da caravana de Zenha. Ao longo desse tempo, um carro do som vindo de Peniche atravessou repetidamente a vila anunciando a sempre iminente chegada do candidato, fazendo entoar música regional idêntica à de um outro carro que aparecia de quando em vez, dos apoiantes de Freitas do Amaral.

Uma menina dizia, pelo microfone: «Zenha chega à Lourinhã às 17 horas e 10 minutos». Na torre da igreja do largo principal da vila, o relógio marcava já 17 e 30.

Quando Zenha finalmente chegou, sem animação pouca gente e esperava.

O candidato saiu do carro, trocou dois ou três apertos de mão, rodeado pela comitiva que o acompanhava, andou meia dúzia de metros, voltou para o carro e partiu.

Continuam difíceis os contactos com as pessoas. Salgado Zenha parece que se desinteressa do «porta a porta» em que se transformaram as campanha eleitorais.

Uns quilómetros adiante, no Bombarral, antes de suprimir a passagem pelo Cadaval, Zenha sai do carro em frente à Câmara, onde há uma pequena concentração de meia centena de pessoas. O candidato faz um dos seus discursos: «Não sou anti-nada, ao contrário de Freitas do Amaral e de outros candidatos». Vestido com um anoraque verde, de capucho na cabeça por causa da chuva, ouve uma mulher dizer-lhe: «Veja se vai para a Presidência, para o sr. Eanes ir para o Governo».

E rapidamente regressa ao carro e segue para a meta seguinte, em Torres Vedras. Aqui há mais gentes, mas logo uma apoiante do ZAP adverte o repórter: «Já cá estiveram muitos mais, mas isto é gente de trabalho e teve de ir para casa». São, de facto quase oito horas e a chegada estava prevista para as cinco e meia.

Zenha que [illegible] entretanto dos incidentes com Soares na Marinha Grande, faz aqui um discurso a propósito.

«Os candidatos devem poder contactar livremente com as populações e expor os seus pontos de vista», afirma. «Esta é a nossa tolerância, esse é o programa da nossa candidatura. Esse é o exemplo do general Eanes».

E logo a seguir acentua: «Queremos a paz civil, não a paz dos cemitérios que nos era imposta pelo Estado Novo com uma rolha na boca».

«A única resposta às provocações, salienta depois, «não responder. Não sei o que se passou mas condenamos todas as violências».

Proclama, então em cima da camioneta que ser de palco para os comícios ao livre: «Violência, Não!». E repete sete vezes a mesma frase. Depois desce, sempre acompanhado por Irene Zenha e Carlos Borges e parte para a etapa seguinte.

É uma volta de um Presidente, não a campanha de um candidato. O motorista do DL, que acompanha o repórter, experiente desde há anos em campanhas eleitorais, pergunta: «Mas isto é uma campanha ou um cortejo funerário?» Também não tanto. Mas esta é inequivocamente «uma campanha triste».

O líder perdido?

Eugénio Alves

BELÉM
FREITAS DO AMARAL

Covilhã, Castelo Branco, Ponte de Sor e Portalegre foram outros dos pontos altos da campanha de Freitas do Amaral, agora em descida para o Sul. Camadas sociais mais abastadas e outros sectores intermédios da população parecem querer recuperar no candidato do CDS/PSD o líder perdido que foi Sá Carneiro. Não acompanhei qualquer das campanhas da AD em 79/80 não saberei pois dizer se o seu eleitorado cresceu. Todavia, Carlos Macedo, da comissão política da candidatura confessa-me o seu espanto pela «alegria e entusiasmo» dos apoiantes nas estradas e nas praças e assegura que «a participação popular é superior à da AD em 1979».

Luís Fontoura, amigo pessoal e outro dos concelheiros de Freitas, mostra-se deslumbrado pelo que vê. Diz-se «homem de gabinete» e acrescenta ser a primeira campanha em que participa. No último dos palcos onde habitualmente acompanha o candidato observa, com frequência, as multidões. «As pessoas — acrescenta — querem acreditar em algo. É espantosa a disponibilidade que mostram. É como que um instinto de mudança, de crença no projecto de futuro proposto por Freitas do Amaral, o líder da juventude».

Quebras

A campanha teve no entanto ontem os primeiros pontos fracos.

Foi em Belmonte (câmara PRD), Niza (APU) Vila Velha de Ródão e Gavião (PS). Em Ponte de Sor (APU) houve muitas centenas de pessoas parte das quais vindas de Sousel (PSD). É nessa vila APU, Freitas do Amaral repetiu a experiência triunfal e inédita de Castelo Branco, onde após um participado comício desfilou pelas ruas em cima do seu automóvel.

De Castelo Branco há ainda a destacar duas significativas presenças e intervenções. A primeira foi de Proença de Carvalho, director político da campanha, natural de uma freguesia vizinha (Soalheira, onde a caravana parou). O homem que preparou com talento e eficácia a imagem do novo candidato AD a Belém, evocou no Largo da Sé o comício de há quase 30 anos de Humberto Delgado. E, ao contrário dos violentes ataques anti-Zenha feitos no Porto, falou da necessidade de «consolidar a democracia» e de um «Portugal mais fraterno e solidário». Ou seja, o tom que Freitas do Amaral começou a usar há dois dias pretendendo entrar por um eleitorado mais à sua esquerda.

Outra presença a realçar foi a do presidente da UGT, Pereira Lopes, que evocou o projecto AD, de Sá Carneiro e Freitas do Amaral, louvando a acção agora de Cavaco e de Freitas, dois homens que hoje querem «continuar esse projecto».

Tudo isto, conjugado com as numerosas bandeiras do PSD e do CDS que continuam a aparecer em força nos comícios, parece comprovar a afirmação feita na minha crónica de segunda-feira de um renascer da AD.

Torres Pereira presidente da Câmara de Sousel e líder da Associação Nacional de Municípios, também deu a sua contribuição, ainda que mais coxa, para o reforço dessa ideia de uma nova AD ao discursar em Portalegre. O autarca de Sousel, que se fez acompanhar até Portalegre por muitas dezenas de conterrâneos seus, atacou Soares, Zenha e Eanes. Acusou este de querer dividir o PS. Disse que «nenhum social-democrata se deve arrepender de votar em Freitas» e que muitos «já devem estar arrependidos de não terem votado Soares Carneiro em 1980». Mais: apelou aos socialistas para que votassem no candidato Freitas do Amaral.

Mais breve que o seu mandatário de Portalegre, Freitas repetiu no largo frente à escola (foi dito que o ginásio era pequeno para a multidão) repetiu as fórmulas habituais com realce, tal como previmos ontem, para os conceitos de justiça social e de solidariedade. Aproveitou para condenar a agressão de que Soares foi vítima na Marinha Grande e atribuiu-a a simpatizantes de Zenha. E aproveitou a deixa para dizer «quão penosa seria a eleição de Zenha, pois não seria capaz de controlar as forças que o apoiam».

Adolfo Carrega Freitas

Nota final sobre a passagem da caravana por Soalheira terra natal de Proença de Carvalho «o Danielzinho», tal como é conhecido pelos conterrâneos. A caravana passou frente à casa onde Proença de Carvalho nasceu «viva o dr. Proença de Carvalho» gritou Freitas do Amaral. Os soalheiros entusiasmados aplaudiram. Um já de idade mas ainda forte e rijo pegou em Freitas ao colo. É comerciante e retornado de Angola. Nome: Adolfo Carrega.

SIC

Lourdes Pintasilgo

«É certo que tenho ideias sobre os problemas, senão não me candidatava. Já há muitas cabeças vazias.»

«Estejam descansados que não vou viajar muito, o que viajei na vida já chegou.»

«Justiça social implica uma aparente injustiça: favorecer os mais desfavorecidos.»

«A Constituição é a única referência legal de um Presidente da República digno desse nome.»

Augusto Mateus: «Quem governou mal, como Freitas e Soares, não deve ser promovido à Presidência da República.»

Mário Soares

«Não é através da violência, da agitação que se pode arrancar Portugal do atraso que nos separa da Europa.»

«Não tirem daquilo que aconteceu na Marinha Grande uma lição de triunfalismo.»

«Demonstrem generosidade para com aqueles que são incapazes de combater as ideias pela via do diálogo.»

«A candidatura de Zenha é que perde com isto.»

Vendedeira, num mercado: «Deixem-me dar um abraço ao Gigi.»

Vendedeira: «Que pena eu estar casada. Se não levava-o para minha casa.»

Mulher na Nazaré: «Se ele ganhar eu até tenho medo da festa que eles vão aqui fazer.»

Mulher nas Caldas da Rainha: «Seja amigo da gente.»

Mulher: «Nossa Senhora o guarde.»

Comerciante no mercado: «Sr. dr. faça-me uma praça nova.»

Salgado Zenha

«A candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo é utópica e excêntrica.»

«Só depois do 25 de Abril compreendi bem a importância da Informação.»

«Tenho horror à demagogia.»

«Só defendo posições de princípio.»

«Isto devia ser um candidato para a direita e outro para a esquerda, assim é muita confusão» — popular na Nazaré.

Popular: «Vai lá pregar para o Alentejo.»

Popular: «Ainda levas com algum salgado.»

Popular de Alfeizerão: «Vota Zenha Salgado e verás o teu desejo realizado.»

«Se Freitas não tivesse gente em Viseu, onde é que a ia ter?»

«Mas eu cumpro. O que prometo cumpro.»

«Foi na cadeia que pela primeira vez conheci gente da Marinha Grande.»

«Sem liberdade Portugal não tem futuro.»

«Só peço aos organizadores que me deixem dormir.»

Álvaro Cunhal: «A direcção do PCP conhece Zenha. Sabemos a sua vida política desde pequenino. Quer dizer: desde muito jovem.»

Ângelo Veloso

«Sinto-me muito bem na pele de um desistente.»

«Sei que tenho uma missão e vou cumpri-la o melhor que souber.»

«Há o direito de desistir quer convenha ou não aos outros candidatos.»

Freitas do Amaral

«Já passou o tempo das ilusões românticas.»

«O PR deve promover a sã convivência entre os portugueses.»

«O Estado deve ser o primeiro a dar o exemplo.»

Torres Pereira: «Que importa para o futuro dos jovens saber quantos anos estiveram Soares e Zenha presos e em que lutas académicas andaram?»

«Ouvir as queixas e reclamações dos que pedem justiça é a primeira obrigação do PR.»

«Se o modelo económico não for alterado, Portugal será prejudicado.»

Torres Pereira: «Soares e Zenha são candidatos do passado.»

Torres Pereira, referindo-se a Ramalho Eanes: «Quer instaurar um regime monárquico.»

Pereira Lopes: «Houve um projecto para devolver Portugal aos portugueses.»

Sem abalos psicológicos

Augusto Vilela

BELÉM
MARIO SOARES

Bombarral, Peniche, Nazaré. Tinha sido um percurso bem sucedido para Mário Soares, estimulante mesmo para o candidato em termos de adesão se considerarmos a desmobilização política e a descrença que de há uns anos para cá se instalou em muitos portugueses. Seguia-se a Marinha Grande, uma vila fortemente marcada pelo desemprego, por enormes problemas sociais. Já se sabia que não era um terreno fácil para este candidato. Mas, se era previsível uma reacção fria, ou mesmo alguma hostilidade, ninguém poderia prever os incidentes lamentáveis que viriam a ocorrer, ensombrando uma campanha eleitoral que estava a decorrer de uma maneira pacífica.

À entrada da Marinha Grande um elemento da estrutura local da candidatura de Mário Soares interceptou a caravana para lhe sugerir que a passagem naquela vila fosse anulada pois já lhe tinham, pouco antes virado o carro e uma grande multidão concentrava-se na Praça principal em frente à entrada da fábrica Irmãos Stephens ameaçando que não o deixariam entrar.

Soares ouve a advertência mas não aceita a ideia de alterar o seu programa e decide enfrentar a situação, já que não considerava admissível qualquer limitação a um candidato.

Seguiu, pois, para o local previsto indiferente às ameaças que estavam a ser feitas.

À sua chegada, em frente à fábrica Irmãos Stephens, concentravam-se muitas centenas de manifestantes, muitos deles empunhando bandeiras negras, do mesmo modo que se encontravam também apoiantes de Soares.

Houve vaias e apupos. Parecia que tudo ficaria por aí. De repente aquela praça tornou-se um cenário de violência. Soares foi agredido, bem como alguns elementos da sua comitiva, dois dos quais, incluindo o elemento da PSP designado para a sua segurança, tiveram que receber tratamento hospitalar. Só a muito custo os ânimos foram serenados

Soares contra os incidentes

Os incidentes da Marinha Grande, graves sob qualquer ponto de vista não provocaram todavia abalos psicológicos nem no candidato nem na sua comitiva. Pelo contrário, os efeitos não se fizeram sentir. Logo a seguir, em Pombal e em Leiria, Soares teve dois comícios com milhares de pessoa e uma vibração que talvez não tivesse atingido tal entusiasmo se nada tivesse acontecido. Ou seja, os agressores de Mário Soares, acabaram por lhe dinamizar a campanha nesta zona. O mesmo se passou em Buarcos. Casa cheia e centenas de automóveis com apoiantes que vieram dos arredores e que, noutras condições, talvez tivessem ficado em casa.

À chegada ao hotel, na Figueira da Foz, Soares estava cansado e rouco mas não deprimido e, descontraidamente, com alguma dose de humor mesmo, contou-nos a sua versão dos acontecimentos.

«Quando ia a chegar à Marinha Grande um rapaz que é enfermeiro e é o coordenador local veio dizer-me que lhe tinham virado o carro e que muitos manifestantes estavam concentrados na praça a dizer que não me deixavam entrar. Aconselhava-me a não ir. Mas, claro que decidi manter o programa. Esta ameaça comprovou aquilo que eu tenho vindo a dizer.

Quando chegámos ao largo vi muita gente, mas uma parte dela era até simpatizante. Vi depois que havia umas centenas de pessoas com bandeiras pretas. Resolvi sair e dirigi-me a elas, avancei para entrar na fábrica. Mas o que é curioso é que eles não me atacaram de frente. Abriram alas, envolveram-me e depois fecharam, desatando à pancada de trás para a frente».

Já com algumas horas sobre os acontecimentos, Soares relata-os sem dramatismo.

«Só me apercebi quando levei um murro na cara. Ia a dizer, acalmem-se, e de repente levei um murro na cara que me ia derrubando... Dei mais dois passos e apanhei outro em cima da cabeça. Depois ainda apanhei uma paulada que ainda é o que me dói mais».

Dizem-lhe entretanto que eram trabalhadores da fábrica Roldão e que têm os salários de Dezembro em atraso, ao que responde:

«Eu ainda por cima fui quem viabilizou aquilo tudo. Os problemas da Roldão são posteriores a mim. Os salários deste mês são deste mês. Que tenho eu a ver com isso?»

Soares acusa o PC de responsabilidade neste tipo de acontecimentos.

«Isto é uma sementeira de ódio que este homem — o Cunhal — faz diariamente. Ele diz tais coisas que as pessoas às vezes perdem o controlo».

Apesar de tudo...

Este incidente da Marinha Grande é susceptível de diversas interpretações. No fundo está o desespero de milhares de trabalhadores mas pode estar também a instrumentalização ou o aproveitamento desse desespero.

Estiveram reunidas condições para uma situação de extrema gravidade e de imprevisíveis consequências. Felizmente não houve senão ferimentos leves.

O que parece estar provado é que as confrontações físicas foram geradas por um grupo muito restrito de manifestantes, havendo uma demarcação muito nítida entre uns e outros. A maior parte deles pretendia manifestar-se contra o candidato. Um pequeno grupo, tudo indica, incontrolável mesmo pelos outros manifestantes, pretendia objectivamente a agressão a Mário Soares. Na verdade, quase toda a violência foi centrada nele e naqueles que o protegeram.

Pessoas que se apresentavam como militantes comunistas e com quem os jornalistas tiveram oportunidade de falar manifestaram a sua indignação, salientando que atitudes deste tipo só prejudicam a causa dos trabalhadores e não resolvem problemas.

Entretanto os elementos da segurança — homens da PSP — negam ter alguma vez puxada de pistola mesmo no momento mais grave das confrontações. De facto, nenhuma das pessoas que presenciaram mais perto os incidentes refere esse facto e algumas sublinham mesmo que a sorte de não haver consequências mais graves foi justamente eles não terem puxado pelas armas.

Enfim, um incidente que já ficou para trás. Esta manhã, logo às nove horas, Soares abandonou a Figueira para um intenso dia de campanha no distrito de Aveiro e Coimbra que só terminará cerca das 23 horas em Miranda do Corvo. Ia em perfeitas condições físicas queixando-se apenas de dores num ombro.

À margem

● No dia 15, pelas 12h e 20, foi entregue nas candidaturas da eng.ª Maria de Lourdes Pintasilgo e do dr. Francisco Salgado Zenha, o seguinte apelo: «As sondagens de opinião pública ultimamente publicadas indicam haver um perigo real de vir a ser eleito o candidato AD, promotor do projecto que nas eleições presidenciais de 1980 foi repudiado pelo povo português.

As sondagens de opinião pública que neste País vêm a lume têm o valor que têm e bem sabemos serem por vezes usadas de forma pouco isenta ou mesmo desonesta, todavia elas não podem ser ignoradas como se tem provado em actos eleitorais anteriores.

O perigo a que acima se faz referência não resulta da reacção ser maioritária em Portugal, mas sim do facto de os votos favoráveis à Democracia e ao Progresso se irem, no quadro das candidaturas existentes, dividir pelas vossas duas candidaturas.

É pois urgente que se tomem medidas necessárias à alteração daquele quadro de candidaturas. Entendem os signatários que a defesas da Democracia e da Independência Nacional exige que, no curto espaço de tempo disponível, as vossas candidaturas se encontrem, se entendem e se unifiquem, e nesse sentido vos dirigem o seu mais veemente apelo.

Os signatários apreciam as dificuldades de um candidato em tomar atitudes que possam apresentar-se-lhe como traindo os compromissos até aqui assumidos com o eleitorado, mas permitem-se acentuar que não esgotar todos os meios para impedir a eleição de um candidato restauracionista e antidemocrático seria uma traição ainda mais grave e de mais sinistras consequências para os altos interesses da Pátria.

Os signatários colocam-se à vossa disposição para efectuarem as tarefas concretas que a urgência que se requer possa exigir. Com saudações democráticas.

Assinam, eng. Fernando Luís Barreiros Marques, eng. Fernando Vilarinho Pereira, eng. Manuel Ferreira da Silva, dr. Manuel Santos Rodrigues de Almeida, bióloga Isabel Maria Rodrigues Pestana, eng. Luís Vieira Pinto, arq. Manuel Torres, arq. José Cid, arq. Fernando José Rosinha, arq.ª Maria Isabel Aires Cid, Maria Virgínia Vieira Pinto — industrial, Maria Isabel Barreiros Marques Rodrigues (prof.ª ensino primário), eng. António Manuel Garcia.

● O Tribunal Constitucional vai deliberar amanhã, sexta-feira, sobre os recursos apresentados pelas candidaturas de Freitas do Amaral e Lourdes Pintasilgo que pediam a suspensão do tempo de antena de Ângelo Veloso. O tribunal negou ainda provimento ao recurso interposto pelo PS contra alegadas irregularidades no processo de apuramento para as eleições autárquicas em Miranda do Douro.

● O gabinete de Imprensa do ZAP denunciou que «uma centena de pessoas empunhando bandeiras e cartazes de Freitas do Amaral obstruíram a estrada em Carrazedo de Montenegro (Trás-os-Montes) procurando paralisar a caravana de Manuela Eanes. O incidente, esclarece o ZAP, foi «sanado graças à decisão de Manuela Eanes que, sem se intimidar, utilizou o carro de som, dirigindo ao grupo hostil palavras de concórdia e apelos ao bom senso e à sã convivência».

● O MASP de Aveiro comunicou que a PSP desta cidade surpreendeu o que chama «Brigada Z» em «plena actividade de destruição» de cartazes do candidato Mário Soares. Comentando o sucedido o MASP considera que este tipo de actuação «é bem revelador do comportamento inerente à candidatura comunista/eanista de Salgado Zenha».

● Grupos de apoiantes de Salgado Zenha e de Freitas do Amaral envolveram-se no Bombarral em incidentes menores que não passaram da troca viva de insultos e provocações. Não chegou a haver agressões, a Polícia estava vigilante. Os incidentes ocorreram quando Salgado Zenha fazia propaganda eleitoral no Bombarral.

● A comissão distrital do Porto da candidatura de Salgado Zenha lamentou a atitude assumida pelo presidente da Câmara Municipal de Paredes «ao mandar retirar, pela calada da noite, todos os panos colocados na via principal que atravessa o concelho, na noite anterior à passagem de Zenha».

● Os serviços da candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo acusaram «grupos de funcionários do PCP/ZAP» de continuarem a «destruir os cartazes e outros materiais de propaganda» da sua campanha em várias zonas do País, nomeadamente em Lisboa, Amadora e Santarém.

● O ZAP divulgou mensagens de apoio da locutora da RTP, Isabel Baía, e da comissão Intersindical da Rodoviária Nacional à candidatura presidencial de Salgado Zenha.

● Os candidatos à Presidência da República, além da sua própria segurança, têm uma «segurança permanente» que é fornecida pelo Estado, disse à agência NP uma fonte autorizada do Ministério da Administração Interna. «Essa segurança foi previamente solicitada pelos serviços de candidaturas e atendida pelo Governo», acrescentou. Além da «segurança permanente», constituída pelo corpo de guarda-costas da PSP, os candidatos têm ainda outro tipo de segurança que é feita nos locais onde se encontram e adaptada às circunstâncias, explicou à agência NP a mesma fonte oficial. «E os candidatos tanto

Continua na pág. 8

Em maré de ataque nas margens da cidade

Áurea Sampaio

Ao ataque, eis a postura dos apoiantes de Maria de Lurdes Pintasilgo no quinto dia da campanha presidencial. Reconfortados pela maré que encheu as margens da grande cidade — da Pontinha a Odivelas passando pela Póvoa de Santo Adrião, Caneças e Santo António dos Cavaleiros — comprimiram-se na sala da Sociedade Musical Odivelense, pequena para tanta gente, e vá de zurzir os outros candidatos. Pintasilgo tem projecto é independente e a melhor colocada para vencer Freitas do Amaral — foram as tónicas dos discursos de um comício em que a gargalhada e a ironia não foram incompatíveis com a análise política.

Arranquemos do local que serviu de centro de operações ao Movimento das Forças Armadas, doze anos atrás. Ali, no largo fronteiro ao quartel da Pontinha, estava marcado o ponto de partida para o percurso de ontem. Acto eivado de simbolismo que a presença de Fisher Lopes Pires, então «capitão de Abril» com especiais responsabilidades do comando veio acentuar. Quem não faltou ao encontro foi a população. Muitas e muitas centenas a aguardarem a engenheira, solto o entusiasmo quando a viram surgir. Levaram-na pelo terreno esventrado pela lama que o aperto da multidão tornava ainda mais difícil de percorrer. Bem humorada, logo disse que podiam «ter avisado para trazer as botas de campanha».

Entre os inevitáveis beijos e abraços chegou à pequena colina. Ao microfone, Lopes Pires garantia que «a vitória de Pintasilgo será de todos porque é a única capaz de fazer a união da esquerda e de todos os democratas». Problemas no som — a candidata pretendia a deslocação dos altifalantes, que não estavam voltados para as pessoas, porque «o som se propaga em linha recta» — mas a engenheira acabou por fazer-se ouvir. «A vossa presença significa que não há medo entre os portugueses. Presto-vos a minha homenagem».

Linhas paralelas

Mas o que a jornalista ainda não disse é que tudo isto se passava pelas seis da tarde. O que significa gente cansada de um dia de trabalho, as mães com os filhos pela mão ou no regaço a atrasarem a lide doméstica, os homens a adiarem afazeres e descanso, os jovens a ajudarem à festa. Estavam por ali no terreiro imenso indiferentes ao cinzento que adivinhava a chuva. Muitos ostentavam bandeiras brancas com as cores verde e vermelha da candidatura com o nome Pintasilgo inscrito. E gritaram-no bem alto quando do Renault creme saiu a «Lulu», como alguém carinhosamente lhe chamava.

E o mesmo aconteceu em Caneças e logo a seguir em Santo António dos Cavaleiros. Detenhamo-nos aqui um pouco que o José Fanha estava lá e «ofereceu» um poema à candidata. Era a história de duas linhas paralelas que por isso mesmo só se podiam unir, algures, no infinito. Mas por vontade de uma que insistia — «deixa lá a geometria/e vem cá prá pé de mim» — acabaram por unir-se. A solução encontrada foi puxarem o infinito. Deu para Fanha concluir que «o infinito, afinal, fica aqui ao pé da gente». Pintasilgo logo aproveitou para falar da «inesgotável riqueza dos homens e das mulheres de Portugal». Mas para «transformar o sonho em realidade é preciso dizer categoricamente não àqueles que degradaram a vida económica e social». Aqui, uns três ou quatro daqueles «simpáticos» rapazes que andam por aí ostentando o autocolante de Freitas do Amaral não gostaram e mandaram uma assobiadela.

Mas já Pintasilgo prosseguia com um aviso: «É tempo de deixarmos de comemorar saudosamente o 25 de Abril». Porque a melhor homenagem que se lhe pode prestar é transformar a fraternidade, justiça e igualdade em realidades».

Pausa

A jornalista e mais dois companheiros da Imprensa jantavam num minúsculo restaurante perdido numa esquina de Odivelas. Era tempo de Telejornal. Como nós, cinco trabalhadores

da Carris (ontem em greve convocada conjuntamente pelos sindicatos da CGTP e da UGT) não tiravam os olhos do aparelho. À medida que o tempo passava a impaciência deles crescia. «Só política, só política, então hoje não houve autocarros e eléctricos em Lisboa e eles não dão a notícia?».

Políticos tratados de «malandros», opiniões divididas entre a indiferença e o «acho mal» no caso da agressão a Soares e a crítica ao facto de Zenha ter «dois tempos de antena». Chegada à sétima notícia — finalmente a greve da Carris — os ânimos acalmaram.

Apenas mais um facto a assinalar. Quando Manuela Eanes apareceu no tempo de antena de Salgado Zenha o comentário veio rispido: «olha esta quer é poleiro. Tomou-lhe o gosto e agora não quer sair».

Aberrações

Regressados à candidatura estamos agora na Sociedade Musical Odivelense. «Ceder isto já foi dar a cara» diz um membro da direcção da colectividade, maioritariamente ligada aos comunistas. Na mesa, alguns nomes do estado-maior de Pintasilgo: Carlos Vargas, Antonio Brotas, Fisher Lopes Pires, Fonseca Ferreira, Augusto Mateus e ainda apoiantes como Ulisses Garrido (dirigente da União dos Sindicatos de Lisboa da CGTP), Joaquim Pureza (mandatário concelhio) e a actriz Maria do Céu Guerra. Esta começou por explicar as razões do seu apoio a esta candidatura. É que «todas as outras me cheiram a falso». Em, catadupa uma série de perguntas: «Como é possível acreditar naquela choradeira da minha ex-colega Maria Barroso a fazer, possivelmente, o seu papel mais fácil?». E sobre Zenha: «e quanto à candidatura de um anticomunista apoiado pelo PC? Isto não é aberrante?». E quanto à de Freitas do Amaral: «é de uma que se diz que a juventude apoia e que é de alguém tão velho como a inquisição»? A propósito de juventude falou Rui Cunha para garantir apoio a troco de futuro diálogo como «parceiros sérios» que os jovens querem ser porque «não somos da claque do queixume» nem vendemos a nossa consciência a troco de nada: nem de palhinhas, jogos electrónicos ou canetas».

Segue-se Augusto Mateus, economista, com um discurso vivamente aplaudido a viajar pelo 25 de Abril «que não foi acabado» e a candidatura «aí está a prová-lo». Revitalizar a democracia entendida como «um projecto de vida e não um voto de quatro em quatro anos». Os partidos são o seu «esqueleto» que nada vale «sem carne» — entenda-se sem a participação dos cidadãos. Na opinião de Augusto Mateus «não soubemos usar a democracia «no sentido de «produzir mais e melhor». E do que se trata agora é de ter uma «vitória produtiva», em função de «projectos claros que não sejam apenas a derrota da direita».

Defesa da independência da candidata não é em função dos apoios partidários, mas para «evitar a partidarização da Presidência da República».

Votar «útil» em Pintasilgo. Explica porquê: «não é votar em aritmética é votar em projectos (ferroada nas teses do PCP)». «É evitar a instabilidade porque quem governou como Mário Soares e Freitas do Amaral não pode ser eleito presidente da República». «É apoiar um presidente activo e não um corta-fitas».

«Quatro candidatos e meio»

«Dos quatro candidatos e meio, a engenheira é a única que não faz da política um comício permanente, que não precisa de ninguém que chore copiosamente no seu tempo de antena, nem chapeuzinhos americanos a enfiar grandes barretes aos portugueses» fala José Pureza, coordenador do núcleo de Loures da candidatura. No início disse que não tinha jeito para comícios», afinal era bluff.

Definido o «adversário político número um — Freitas do Amaral» porque dele «tudo nos separa e não apenas a lei eleitoral como o dr. Zenha pretende fazer crer», Pureza diz que não é legítimo colocar na mesma linha de opções as outras três candidaturas. Pintasilgo contra «um candidato antinada como Salgado Zenha» também definido como «suplente do ten. coronel Costa Brás». A terminar um pedido: «senhora engenheira faça o favor de ganhar as eleições».

À margem

(Continuação da pág. 7)

tém segurança do Estado que na Marinha Grande quem ficou mais ferido foi um agente da PSP».

● O Movimento de Apoio à Candidatura de Soares (MASP) lamentou a recusa de Manuela Eanes em participar num debate, cujo repto lhe fora lançado pela ex-secretária de Estado da Educação, Helena Carvalho dos Santos. Uma nota do MASP sublinha que, «sem pretender entrar em polémica, já que os factos falam por si, esclarece-se que a intenção do repto lançado se destinava, única e exclusivamente, a dar satisfação aos objectivos de diálogo, transparência, clarificação e democracia, que a doutora Manuela Eanes tanto apregoa, mas que, pelos vistos, não pratica».

● O Presidente da República acha que a sua participação na campanha eleitoral ao lado de Salgado Zenha é um direito que lhe assiste. «É um direito que me assiste que poderei ou não utilizar» — sublinhou Eanes, ao falar aos jornalistas no final de um jantar de confraternização com membros da comissão executiva do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

● Representantes de um novo movimento da esquerda revolucionária, abrangendo sindicalistas e dirigentes de pequenos partidos, apelaram ao voto branco ou nulo, apesar de considerar Freitas do Amaral o candidato que mais urge derrotar». «Estas eleições presidenciais são um jogo de cartas viciadas. Todos os candidatos juram a sua fidelidade ao sistema» — afirmaram, em conferência de Imprensa os representantes do movimento recentemente criado, que inclui sindicalistas como Emídio Santana, dirigentes de partidos como o PSR, a LST e a FUP, além de médicos e operários.

● Uma criança entregou a Lourdes Pintasilgo um bilhete com a seguinte mensagem: «Quando for para Belém tem muito espaço e eu tenho muitos amigos, convide-nos». Lourdes Pintasilgo respondeu que sim e aproveitou para mandar o seguinte recado: «Vais ter de te habituar a um Presidente que não está todo o tempo em Belém».

"Temos que nos unir"

Ângelo Veloso explicou ontem à noite em Setúbal a «opção Zenha», referindo que «Costa Brás caiu porque ouvidas as correntes democráticas ele não conseguia os três milhões de votos». «Eanes até foi democrático. Não querem este? Tomem lá outro» — disse. O candidato dirigia-se a cerca de duas centenas de pessoas que o ouviam no salão nobre da Câmara Municipal: «O processo das eleições presidenciais é como um processo militar. Temos de nos unir uns aos outros».

«Confiamos no partido», disse uma militante comunista quando Ângelo Veloso explicou os objectivos do PCP: para derrotar Soares e Freitas são precisos três milhões e «qualquer coisa» de votos em Zenha.

Lourdes Pintasilgo foi criticada pelo requerimento que apresentou ao Tribunal Constitucional no sentido de serem retirados os tempos de antena a Ângelo Veloso e «pelo seu comportamento anticomunista».

«Fiquem sabendo que os comunistas quando têm ocasião apresentam um candidato para vencer. Nós estamos a fazer o favor de vos habituar à ideia» — concluiu.

Preocupa-me que ainda existam muitos democratas e trabalhadores iludidos com Pintasilgo — disse ainda Ângelo Veloso, que apelava à disciplina partidária para o voto em Salgado Zenha, conforme decisão da Conferência Nacional do PCP em 4 de Janeiro. Disse ser também necessário que «por todo o lado trabalhadores, democratas e comunistas agarrem esta batalha de esclarecimento».

O candidato estava no meio da «sua gente» que enchia o salão nobre da Câmara.

Veloso tinha jantado com jornalistas que o acompanham e recusou ser chamado «mandatário de Zenha».

«Eu apelo à unidade da democracia. Tenho um pensamento próprio» — declarou.

Poder-se-á dizer que se estava perante a «antítese de Cunhal» ao ouvir este homem do Comité Central do partido, com o acento característico da sua naturalidade do Porto e distante da linguagem «cassete», dito que o fez rir.

Quando o questionam sobre quem o PCP apelará ao voto, caso Freitas e Soares passem à segunda volta, Ângelo Veloso responde: «não me façam essa pergunta».

Greves de Letras: quase 100 por cento

O secretário de Estado do Ensino Superior aceitou o pedido de audiência da delegação de estudantes das Faculdades de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra que esperava ser hoje recebida. Em agenda de trabalhos a possibilidade de reestruturação global dos planos de curso daqueles estabelecimentos.

Os estudantes das três Faculdades cumpriram ontem um dia de greve, cuja percentagem de adesão foi próxima dos 100 por cento.

Em Coimbra, a solidariedade dos professores com a greve dos alunos foi uma constante, tendo os docentes participado nas actividades programadas pelos estudantes como foi o caso do plenário realizado ontem à tarde em que intervieram os presidentes do Conselhos Científico, Directivo e Pedagógico da Faculdade de Letras.

Os alunos que frequentam os cursos de Letras das Universidades Clássicas sentem-se prejudicados em relação aos seus colegas das Universidades Novas, cuja licenciatura inclui já o estágio.

Carlos Reis, professor da Faculdade e membro do Conselho Científico, disse que «esta movimentação dos estudantes é perfeitamente justificada face às condições actuais de desigualdade em relação a Faculdades onde existe uma formação integradas que permite aos seus alunos a entrada directa no ensino».

Mota Amaral

Que os "mass media" sejam mais livres

O chefe do Executivo açoriano, Mota Amaral, defendeu recentemente o empenhamento «para que a Comunicação Social nas ilhas seja mais livre, aberta e pluralista».

Mota Amaral falava em Ponta Delgada num almoço com jornalistas dos órgãos de Comunicação Social da Ilha de S. Miguel.

«Podemos gabar-nos de ter um ambiente de abertura que nos honra e prestigia» — acentuou Mota Amaral.

Para o presidente do Governo Regional, a Comunicação Social nos Açores tem feito com que a sociedade se sensibilize para os principais problemas sociais daquela Região Autónoma.

Mota Amaral salientou ainda que as relações do Governo com os jornalistas se caracterizam por «um ambiente de franqueza».

Em carta escrita cinco meses antes do julgamento

Macedo Correia afirmou a Otelo que não abria a boca em tribunal

Macedo Correia escreveu uma carta a Otelo, cinco meses antes do julgamento de Monsanto começar, na qual afirmava que não iria abrir a boca em Tribunal — soube-se ontem no decorrer da 50.ª sessão do caso FP-25.

«Tal como em 1971, 72 e 73 na Pide, o meu comportamento é de não abrir a boca» — diz Macedo Correia a Otelo, numa carta escrita em 5 de Fevereiro de 85, e que Romeu Francês, o advogado de Saraiva de Carvalho, ontem requereu para ser junta ao processo.

Naquela missiva — que constituiu o tema base da sessão de ontem — o principal dos «arrependidos» queixa-se de «falta de apoio político e financeiro» e admite declarar em Tribunal «a falência das FP-25 como embrião do exército revolucionário e popular».

«Há que ter dimensão política daquilo que fomos e somos — diz ainda o «Poeta», que, dirigindo-se a Otelo por «meu caro amigo», afirma também que «o projecto foi traído por todos aqueles que ora se colocam longe da sua ideologia e se dizem meros políticos legais».

Nessa carta, entregue em mão a Otelo pela advogada Rose Nery Stau Monteiro, Macedo Correia sublinha, com ênfase, ter-se sentido traído pela «entrega policial» de Mouta Lis.

«A minha filosofia esteve e estará sempre ligada à anarquia» — diz, por outro lado, aquele réu ao criticar o «comportamento apolítico» dos dirigentes do Projecto Global.

Estratégias

Após o Tribunal ter aceite a tardia junção aos autos da referida carta, o defensor de Otelo perguntou a Macedo Correia se não pretendia, ao escrevê-la, suscitar uma resposta do seu constituinte para a entregar depois à Polícia Judiciária.

Apesar do seu defensor oficioso considerar a pergunta «ofensiva», Macedo Correia respondeu que pretendia apenas informar Otelo da sua disposição, já que o considerava o principal dirigente do Projecto Global, de que «as FP-25 eram uma das componentes».

«Não tenho razões de queixa pessoais contra Otelo, mas apenas razões políticas» — disse.

A sua decisão de «acabar com o Projecto Global» — várias vezes afirmada no decorrer do julgamento — foi tomada, segundo disse ontem, quando soube da «estratégia de defesa» dos outros réus, que pretendiam considerar as FP-25 como «uma infiltração no Projecto Global».

«Recusei-me a deixar cair a minha identidade política» — fez questão de sublinhar.

Instado depois por Romeu Francês, o «Poeta» declarou também nunca ter imputado «actos de violência armada» a Otelo, Mouta Liz e Pedro Goulart.

«Não disse que participaram em acções, mas sim que são tão responsáveis como eu, porque pertencia aos órgãos dirigentes do Projecto Global» — explicou.

Macedo Correia reafirmou ainda que «a violência armada» fazia parte do ideário do PG e corroborou a tese da acusação segundo a qual o mesmo PG visava «derrubar e substituir o Estado democrático».

O julgamento prossegue esta tarde.

Isolamento total

Um detido acusado de pertencer às FP-25 encontra-se há quatro meses num isolamento total na penitenciária de Coimbra — afirmou ontem à Anop a mãe do preso, Honório Marques.

«Nem durante as duas horas diárias de recreio ele pode contactar seja com quem for, pois essa horas são gozadas a horas diferentes dos outros presos» — disse a mesma fonte.

A mãe de Honório Marques, que foi condenado a cerca de 20 anos de prisão pela morte de um soldado da GNR de Alcoutim, em 1980, manifestou o seu receio pelo «estado depressivo» em que o filho se encontra, considerando que «o que se pretende é dar com ele em louco».

As visitas a Honório Marques também foram reduzidas para duas horas semanais e limitadas à companheira e pais do preso» — realçou a mãe do recluso, cuja situação foi objecto de uma exposição ao provedor de Justiça.

Honório Marques é ainda réu no terceiro processo das FP-25.

Agricultores de Trás-os-Montes pagam para cruzarem passagens de nível

O pagamento de taxas por agricultores de Trás-os-Montes que utilizam passagens de nível de linhas de caminho-de-ferro praticamente desactivadas foi posto em causa por um deputado na Assembleia da República.

Invocando um decreto-lei de 1981, explicou o deputado num requerimento que sobre o assunto apresentou ao Governo, a CP está a exigir a agricultores do concelho de Moncorvo, em particular Moncorvo, Larinho, Felgar e Carviçais, o pagamento de uma taxa anual de 1950 escudos.

Esta taxa é cobrada pelo facto de os agricultores em causa serem beneficiários de pequenas passagens de nível particulares junto à linha do vale do Sabor, que constituem acesso às suas pequenas propriedades rústicas.

O referido deputado recorda que desde a fundação da linha do Sabor, há cerca de 70 anos, que aqueles agricultores disfrutam do direito de utilização das passagens de nível sem qualquer pagamento.

Ao «direito adquirido» por dezenas de anos de prática, acresce o facto de a linha do Sabor ter sido praticamente desactivada pelo anterior governo e de actualmente só nela circular um vez por semana um comboio de mercadorias.

«É incompreensível que não fosse exigido o pagamento de taxas quando circulavam algumas — poucas — composições e que se venha agora fazer essa exigência, num momento em que a linha foi praticamente desmantelada e as composições não circulam» — diz o requerimento.

«É como se a CP quisesse infligir um castigo adicional aos agricultores transmontanos, depois de quase ter paralisado o tráfego ferroviário» — acrescenta.

«A maioria das estações daquela linha estão abandonadas e entregues à sanha dos intrusos, as guaritas foram desmanteladas pela própria CP e os sinais de aviso de tráfego foram igualmente retirados» — explica ainda o requerimento.

«A imposição destas taxas é um absurdo.

«Assim, ao abrigo das disposições constitucionais e regimentais, solicito ao senhor ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações a revisão desta decisão, por forma a isentar os agricultores do vale do Sabor do pagamento desta taxa» — escreve ainda Duarte Lima, o deputado que subscreve o requerimento.

Falta de tudo um pouco

Feirantes de Portimão querem melhor recinto

A Associação de Feirantes e Mercadores do Algarve criticou algumas deficiências estruturais existentes no recinto onde, desde há dois anos, se realiza a feira de São Martinho, em Portimão.

Numa carta dirigida à Câmara Municipal daquela cidade algarvia, a Feimercal apontou nomeadamente, a falta de construção de uma ponte para peões sobre a linha férrea junto ao recinto onde se realiza a feira, a não conclusão das obras aí iniciadas e o deficiente estado do pavimento.

Na mesma carta os feirantes algarvios criticam também a falta de espaço para a passagem de ambulâncias ou veículos dos bombeiros, o pequeno número de contentores de lixo, bem como o deficiente processo de demarcação dos espaços a ocupar por cada feirante.

A Feimercal propõe ainda à Câmara Muncicipal de Portimão a criação de um gabinete permanente que se ocupe dos assuntos relacionados com a feira, de forma a coordenar acções e a promover a actividade comercial.

O recinto onde tem sido feita a tradicional feira portimonense em honra de São Martinho, uma das maiores feiras anuais do Algarve, tem uma área de 9,2 hectares e situa-se no sítio da Caldeira dos Moinhos, junto à estação ferroviária de Portimão.

A câmara local investiu já alguns milhares de contos no melhoramento daquele recinto que, segundo a própria Feimercal, «pode vir a ser o melhor espaço para feiras do país se se empreenderem as obras necessárias».

Apesar das críticas formuladas, a Associação de Feirantes Algarvios não deixa de salientar o trabalho empreendido pela autarquia no melhoramento das condições dos feirantes e na dinamização da feira de São Martinho, uma tradição secular que parece agora ganhar novo fôlego.

Papa-Léguas realizam seminário sobre "A Criança e a Música"

O Teatro de Animação «Os Papa-Léguas» realizará nos próximos dias 18 e 19 um seminário sobre «A criança e a música», destinado a professores, educadores, animadores culturais e aos que de um modo geral trabalham com crianças.

Orientado por José Jara Calhau, o encontro terá uma dimensão essencialmente prática, através do recurso a instrumentos de percussão (xilofones, metalofones e pandeiros), abordando-se os seguintes temas: jogo musical, canção, dramatização, conjunto instrumental, grafismo, improvisação, globalização, pedagogia e finalidades.

As inscrições encontram-se abertas na Oficina de Arte dos Papa-Léguas, à Rua Raul Carapinha — Salão das Furnas, Sete Rios (Tel. 72 66 152).

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO N.º 3-2-032/86

FORNECIMENTO DE PAPEL DE ESTERILIZAÇÃO

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 31 do corrente mês, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir ao Serviço de Aquisições (Campo Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 8 de Janeiro de 1986.

O Chefe do Serviço

a) Ilídio Luís de Sousa

Dificuldades empurram, apoios não existem

Jovem revoltado declara-se desertor do Exército

Dias Brito

«Estou revoltado. O Estado não ajuda a juventude com problemas e por isso resolvi desertar da vida militar», diz-nos um jovem de 22 anos que nos procurou na Redacção.

Aparentando tranquilidade, sem atitudes dramáticas, em tom de amena conversa, Vítor José Rodrigues dos Santos, conta que se ausentou do quartel de Tancos, onde cumpre o serviço militar, na última segunda-feira com intenção de só ali voltar à força.

Na origem desta sua decisão, segundo nos refere, está a situação dramática, para que contribuíram diferentes factores, agravada pelas normas militares a que se encontra sujeito.

«Fui apurado para o Exército apesar de sofrer de deficiência óssea na coluna e perna direita, de ser casado, ter um filho de meses e ser o único amparo da família com a minha féria de padeiro».

À data de ser incorporado, vivia numa casa em Odivelas cuja renda, 27 contos mensais, pagava com sacrifício e teve de largar para ir morar num modesto quarto na zona da Mouraria, com a mulher e o filho.

Continuando a falar da sua vida, Vítor José disse ter sido abandonado pela mãe quando era menino e viveu com a avó até à sua morte, ocorrida quando tinha sete anos. Nessa altura viria para Lisboa onde um tio tomou conta de si por algum tempo até conseguir o seu internamento no Instituto de S. Domingos de Benfica. Aos 18 anos transitaria para o Instituto de Vila Fernando, em Elvas, do mesmo modo dependente dos Serviços Tutelares de Menores.

Foi no internato que aprendeu o ofício de padeiro que exercia antes de ir para a tropa, mas diz não se atrapalhar nada nos ofícios de pintor e pedreiro, dando também um jeito como electricista e canalizador.

Para sustentar a mulher e o filho, agora com nove meses, pediu aos seus superiores militares que o dispensassem para vir a Lisboa ganhar dinheiro. No entanto, a má vontade ou o sistema militar não viabilizou a sua pretensão.

Na prostituição

«Há dois meses vim encontrar a minha mulher na prostituição, para poder sobreviver, pagar o quarto, 10 contos e mais 14 para uma ama que passou a tomar conta do menino», conta-nos agora com ar triste, e acrescenta: «A minha mulher ainda ajuda os pais dela e mais cinco irmãs que vivem por esmola em casa de uma pessoa amiga no Bairro de Chelas». O pai, está desempregado e ganha algum dinheiro na gandaia e a fazer pequenos objectos artesanais» (andar à gandaia é o modo de designar os que andam à noite a recolher coisas dos caixotes do lixo).

Desesperado com esta situação e depois de tentar que as hierarquias militares lhe permitissem vir ganhar a vida, entendeu desertar.

Diz estar consciente do risco que corre mas que assume as consequências convencido de que se não vier a beneficiar com esta decisão outros nas suas circunstâncias o poderão vir a ser.

«O que mais lamento é não poder ver o meu filho. Actualmente encontra-se como refém na ama, a quem se devem cinco contos e sem liquidar a dívida não mostra a criança. Ainda ontem lhe quis dar mil escudos para amortizar, mas ela recusou receber e não entrega nem deixa ver o menino», referiu.

Observámos ao Vítor José que a divulgação destes factos poderá vir a acelerar a sua captura pelas autoridades militares, mas ele frontalmente entendeu correr todos os riscos.

Romantismo próprio da idade ou desespero?

Marido enganado sobreviveu a disparo

O Tribunal Judicial de Coimbra condenou nas penas individuais de seis anos de prisão, uma mulher e o seu amante que, em 12 de Maio de 1985, em S. Silvestre tentaram matar o marido enganado, encenando o seu suicídio. Este, Fernando Couceiro, de 35 anos, acabou por sobreviver ao disparo de pistola efectuado pelo amante da mulher e que lhe atingiu o ouvido direito. Os dois reus (Ermelinda Ferreira Sangalhos, de 31 anos, e José Estevão, de 52) haviam sido detidos dois dias após a tentativa de homicídio.

Mãe e filho ingleses julgados em Loulé

Dois cidadãos britânicos (mãe e filho), de apelido Bailey, foram detidos pela GNR sob a acusação de terem provocado em Loulé, o choque do seu automóvel com uma outra viatura, após o que se puseram em fuga. A senhora foi ainda acusada de ter injuriado elementos daquela força militar, pelo que foi condenada em 35 dias de prisão, remíveis através do pagamento de uma multa de 200 escudos diários. O tribunal absolveu o filho, que, na altura, conduzia o automóvel. No embate não se registaram vítimas.

Tabaco americano apreendido em Caminha

Tabaco norte-americano de contrabando, no valor de dois mil contos, foi ontem apreendido no rio Coura, área de Caminha, por elementos da Capitania daquela localidade. O material apreendido era composto por doze mil maços de tabaco «Winston», embalados em 22 caixas. As autoridades marítimas arrestaram ainda as duas embarcações em que o tabaco estava a ser transportado.

Supremo indeferiu recurso da acusação

Julgamento de Al Awad não voltará a ser repetido

O Supremo Tribunal de Justiça negou provimento ao recurso do Ministério Público pedindo a repetição do julgamento do palestiniano Youssef Al Awad, condenado pelo Tribunal de Albufeira a três anos de prisão por uso de passaporte falso.

Acusado de ter assassinado o dirigente moderadb da OLP, Issam Sartawi, no dia 10 de Abril de 1983, em Montechoro, n aarve, durante a reunião da Internacional Socialista, Al Awad foi por duas vezes ilibado do crime pelo júri do Tribunal de Albufeira que apenas deu como provado o aesaporte falso».

Condenado por essa falta a uma pena de prisão maior de três anos, mais uma multa de 50 contos e custas do processo, a decisão foi estada pelo Ministério Público, que pediu em recurso ao Supremo Tribunal, a repetição do julgamento.

Atendendo à decisão agora tomada pelo Supremo, a advogada de defesa de Al Awad, admitiu à ANOP que o seu constituinte poderá sair já em liberdade, desde que pague as importâncias monetárias a que foi condenado. A dr.ª Fátima Pontes disse que apesar de não terem ainda decorrido os três anos, Al Awad pode sair em liberdade, atendendo ao seu «bom comportamento na prisão». Al Awad, que se encontra preso na cadeia de Alcoentre, está detido pelas autoridades portuguesas desde a tarde do próprio crime e a não serem atendidas as razões apresentadas pela dr.ª Fátima Pontes será libertado em Outubro próximo.

Recorde-se que o atentado foi reivindicado pelo grupo Abu Nidal, uma organização extremista palestiniana, de que Al Awad afirmou ser membro.

Pelo comandante local da PSP

Coimbra foi classificada cidade de "grande sinistralidade"

Coimbra foi classificada como «cidade de grande sinistralidade» pelo comandante distrital da PSP que considerou que ela «ficaria num caos» se os agentes afrouxassem momentaneamente a repressão das infracções de trânsito. O tenente-coronel Pereira Brás, que fazia o balanço das actividades da corporação em 1985, revelou ter sido de 1229 o número de acidentes de trânsito registados em Coimbra, em 1985, número que só foi excedido nas grandes áreas urbanas de Lisboa e Porto, onde a PSP registou 9294 e 6197 acidentes, respectivamente.

As dificuldades de escoamento do tráfego estão a ser agravadas por novas urbanizações sem adequadas soluções viárias e que originam outros tantos novos pontos de conflito considerou o comandante da PSP. Pereira Brás afirmou que, em 1985, não houve agravamento das actividades criminais ou delituosas em relação aos dois anos anteriores, salvo no campo da delinquência juvenil que subiu abruptamente de 45 casos em 1984 para 154 em 1985.

Quanto aos números relativos a outras situações (furtos, transgressões e autuações diversas) revelam um fortalecimento da acção policial no combate e desencorajamento da criminalidade. «Isto não significa observou o comandante da PSP que estejamos tranquilos e não continuemos a afirmar a necessidade de nos serem concedidos maiores efectivos».

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

QUANDO resolvi candidatar-me à Presidência, a minha opção ficou bem clara: iria fazer uma campanha à americana. E não me perguntem de onde vieram os dólares que eu não respondo por uma questão de princípio, ou seja, se eu principiasse, sei lá onde tudo acabaria.

Segui a regra número um: se eu me juntar a pessoas com popularidade, a sua popularidade acabará também por ser minha.

A minha primeira medida foi contratar o Sinatra, o qual já estava comprometido com Reagan. Mas o Reagan, quando soube que era para mim, disse logo para ele cá vir cantar **Strangers in the Night,** *que o cedia de boa vontade. Daqui, o meu thankzinho.*

Telefonei logo ao meu amigo Yves Montand, o qual interrompeu uma partida de **poker** *e me disse logo que vinha. Fazia preço em conta, pois ganhara umas «massas» valentes com a fita de propaganda à guerra das estrelas.*

Outra aquisição de peso foi a de Walesa. Como é electricista, prometeu encarregar-se da instalação no Pavilhão dos Desportos, em troca das viagens e do quarto numa pensão da Rua da Betesga. Durante o comício, ele falaria da terrível situação dos trabalhadores polacos em Gdansk, todos com salários em atraso.

Uma firma americana propôs-me um documentário, feito no Paquistão, sobre os combates no Afeganistão, mas isso eu não aceitei, porque já os tenho aqui na Televisão portuguesa e de graça.

Estava prevista a colaboração de um campeão olímpico americano, mas decidi optar por outro doutra nacionalidade ao qual paguei em escudos. Para animar a festa é que tive de convidar uma grande blueista, apesar dos seus 95 anos!

Igualmente contratei para o meu tempo de antena o dissidente Sakharov. Fiz deslocar uma equipa a Gorki, onde teve de aguardar 15 dias pela sua vez, pois aquele sábio não tem mãos a medir. Parece que a sua saúde não é famosa e eu até o convidei a vir a Portugal, ao Banco de S. José. Eis aqui, a traços largos, o plano da minha candidatura. Se as «massas» não vierem, caramba!, não é à falta de eu ter gasto umas ricas **massas!**

Só os "grupos de cidadãos" cumpriram a lei

Partidos não apresentaram contas das eleições autárquicas

Nenhum partido político ou coligação apresentou à Comissão Nacional de Eleições as contas das eleições autárquicas de 15 de Dezembro. Neste ponto, só os grupos de cidadãos concorrentes entregaram as suas contas à CNE.

Terminou ontem o prazo legalmente estabelecido para a entrega das contas à Comissão Nacional de Eleições, por parte dos partidos e coligações concorrentes ao acto eleitoral de 15 de Dezembro. O prazo legal, segundo adiantou à agência Notícias de Portugal uma fonte da CNE, irá agora ser prorrogado oito dias para que os partidos em falta regularizem a sua situação.

Curiosamente, os vários grupos de cidadãos que concorreram às autárquicas foram os únicos a cumprirem os prazos legais, ao passo «que os partidos também fizeram entrega de alguns documentos, mas nós não considerámos isso apresentação de contas em termos legais», declarou a mesma fonte da Comissão Nacional de Eleições.

Cascais aposta no turismo

O relançamento turístico através do investimento em infra-estruturas só por si rentáveis é a grande aposta do novo executivo de Cascais, afirmou o novo chefe da autarquia.

Silveira Dargent, que falava ontem no acto de posse do novo executivo da edilidade, considerou que este município «terá de estar preparado para ser essencialmente uma zona de lazer internacional, sem todavia desaproveitar as outras hipóteses de zonas de serviços e de indústrias transformadoras não poluentes».

O autarca de Cascais defendeu a imediata construção da alternativa à Estrada Marginal, de forma a permitir o escoamento fácil do tráfego rodoviário, bem como o acesso aos novos eixos de desenvolvimento urbanístico, que se deverão implementar no interior do concelho.

A posse de Silveira Dargent, que sucede no cargo à arquitecta Helena Roseta, foi conferida pelo presidente da Assembleia Municipal cessante, Vieira de Castro, tendo assistido à cerimónia individualidades do concelho.

Silveira Dargent, de 58 anos, economista, desempenhou no anterior elenco autárquico as funções de vereador, nos pelouros do património e financeiro.

A Câmara Municipal de Cascais passou a ser constituída, além do presidente, por quatro vereadores do PSD, três da APU, um do PS, um do CDS e um do PRD.

AM de Almada tomou posse

Na Oficina da Cultura tomaram posse os eleitos para a Assembleia Municipal e para a Câmara Municipal de Almada.

O novo presidente da Assembleia Municipal é José Manuel Maia Nunes de Almeida sendo aquele órgão autárquico constituído por 16 deputados municipais eleitos pela Aliança Povo Unido, 10 eleitos pelo Partido Socialista, quatro do Partido Renovador Democrático e dois do CDS. Quanto à Câmara Municipal, José Martins Vieira vai iniciar o seu quarto mandato consecutivo à frente da Câmara de Almada, executivo constituído por 11 membros, seis dos quais eleitos pela APU, quatro do PSD eleitos em coligação com o PS, e um do Partido Renovador Democrático.

Entretanto o presidente do governo madeirense assinou um despacho que cria várias comissões para o estudo de possíveis alterações na distribuição das freguesias pelos concelhos da região.

No despacho ontem assinado Alberto João Jardim determina à Direcção Regional de Administração Pública a preparação de um diploma «tendente a criar a freguesia da Ilha, no concelho de Santana, o qual incluirá todas as referências técnicas para o efeito incluso a definição dos limites».

É criada uma comissão para estudar a situação da freguesia do Curral das Freiras que pertence ao concelho de Câmara de Lobos mas que não possui ligação com a sede do município.

A comissão integra os Presidentes das Câmaras do Funchal, Câmara de Lobos e o Presidente da Junta de Freguesia do Curral das Freiras.

Num prédio

na Póvoa de Santo Adrião

Duas pessoas carbonizadas em incêndio ateado por criança

Um incêndio no 3.º andar de um prédio localizado na Quinta da Quintinha (Póvoa de Santo Adrião), no concelho de Loures, provocou, cerca das 14 e 30 de ontem, a morte de dois locatários (Alberto dos Santos, de 88 anos, e Maria Joana Rosado, de 62). Os corpos das duas vítimas foram encontrados respectivamente no interior da residência e na carlinga do elevador.

Em princípio, o fogo que foi combatido pelos Bombeiros Voluntários de Odivelas e de Loures, terá sido ateado por uma criança de três anos ao brincar com fósforos, aproveitando a distracção de familiares. A sua vida seria salva devido à coragem de uma tia que conseguiu retirá-la das chamas.

O andar sinistrado, habitado por quatro pessoas, é propriedade de José Manuel Fernandes Inácio, cooperante em Angola. Alberto dos Santos era pensionista da Caixa Nacional de Pensões e Maria Joana Rosado era doméstica, tendo ambos sido ainda conduzidos com vida ao Hospital de Santa Maria, onde acabariam por falecer.

Ao atravessar a fronteira do Caia

"Pepe Vultus" entrevistado pela televisão espanhola

A Televisão espanhola transmitiu anteontem à noite uma entrevista com José Vultos Sequeira («Pepe Vultus»), durante a qual foram abordados aspectos da aventura do poeta-novilheiro português, na sua caminhada de Lisboa a Madrid, onde reivindica apresentar-se como matador de toiros na Praça de Las Ventas.

O programa foi gravado no momento em que «Pepe Vultus» atravessou a fronteira do Caia, tendo sido mais tarde entrevistado em Badajoz pelos diários «Estremadura» e «Hoy» e pela Rádio local.

Ontem o novilheiro de Mora partiu de Badajoz em direcção a Lobon, numa etapa que teve a distância de 32 quilómetros e na qual continua a ser acompanhado pelo colombiano, naturalizado espanhol, Miguel Cardenas.

PUBLICIDADE

SENSACIONAL JACKPOT!
"RECORD" DE
122.500.000$00
PRESTES A SER BATIDO!

Tudo indica que o montante para prémios será esta semana o maior de sempre no Totoloto! Como não houve totalistas, os cerca de 58.000.00$00 do primeiro prémio transitam para este concurso. Será batido o "record" de 122.500.000$00? Aposte forte e boa sorte!

totoloto

É FÁCIL É BARATO DÁ MILHÕES

Fragata do Tejo transforma-se em galeria de arte itinerante

Manuela Alves
Fotos de Rui Pacheco

Em Novembro de 1982 uma fragata construída em 1924 foi levada às praias do Rosarinho, entre a Moita e Alhos Vedros, para morrer. Viram-na agonizante dois pintores-professores que a cobiçaram, juntaram subsídios de Natal e pequenos pecúlios e compraram-na. Daí até ao seu reaparecimento no estuário do Tejo ao longo deste ano como galeria de arte, com subsídios da Gulbenkian e da UNESCO, vai uma longa história de amor.

«Quando a vimos assim tão grande — tem 26,51 metros de comprimento por 7,77 metros de largura máxima — pensamos que daria um atelier porreiro», conta Dora Iva Rita. Depois desistimos da ideia mas quando chegamos ao Natal e nos vimos com aquilo nas unhas, pensamos: se a salvámos da morte temos de restituir-lhe a dignidade. Decidimos restaurá-la».

A ideia definitiva do aproveitamento dum pertence tão pouco prático e de difícil arrumação surgiu algum tempo depois. «O porão enorme, com 16m de comprimento e 7 de largura e 3 metros de altura era um salão que nos sugeriu uma galeria de arte», conta ainda Dora Iva.

E de tal modo a ideia ganhou consistência, que os dois pintores-professores acabaram por constituir com mais oito pessoas, na sua esmagadora maioria artistas plásticos também, uma cooperativa de dinamização cultural sugestivamente denominada «A Barca». A sua finalidade, tal como rezam os estatutos, é «a conservação e manutenção de uma fragada do Tejo e a dinamização do seu espaço ao nível da arte actual». A cooperativa foi constituída com acta assinada no notário, em Maio de 84.

Actualmente a «Catadouro», assim se chama a fragata, encontra-se ainda em fase de restauro num estaleiro privado junto à Escola Naval do Alfeite. O mau tempo, a dificuldade de encontrar pessoal especializado para trabalhar em embarcações de madeira, já raras, a verba disponível, entre outras razões, têm atrasado a concretização do projecto.

«Talvez que a culpa tenha sido nossa em relação ao valor dos subsídios. O restauro e aproveitamento duma fragata ficaria, à vontade, hoje em dia, por volta dos cinco mil contos. Nós estamos a tentar que não ultrapasse dois mil. Talvez por sermos portugueses, vamos pelo mais barato», comentam os «pais» do projecto, que esperam que por todo este ano a «Catadouro» reapareça no estuário do Tejo como galeria de arte itinerante e espaço cultural experimental.

Um barco é como uma planta

Duas pessoas foram grandes impulsionadoras deste projecto — afirmam Dora Iva Rita e Ilídio Salteiro. Foram elas Graça Sampaio Cabral, ex-funcionária da Secretaria de Estado da Cultura e mais tarde da Comissão Nacional da UNESCO, e Manuel Tavares, antigo fragateiro de Alhos Vedros.

«Podemos dizer que se o projecto foi para a frente foi graças ao apoio da Graça Sampaio e do sr. Manuel Tavares», comentam Dora Iva e Salteiro.

Porque eles, além de pintores e professores do ensino secundário, têm feito tudo sozinhos com apoio dos que conhecem os «meios» para atingir os fins em vista.

«A primeira coisa que fizemos foi dirigir-nos à Secretaria de Estado da Cultura onde encontrámos a Graça Sampaio. Aí fomos encaminhados para a Fundação Gulbenkian que, depois de apresentarmos um «dossier», nos concedeu o subsídio de cerca de seis centenas de contos. Essa verba é inteiramente destinada ao restauro da fragata. Depois a Graça Sampaio passou para a Comissão Nacional da UNESCO e pudemos continuar a contar com o apoio e o entusiasmo dela pelo nosso projecto».

Pediram um subsídio à UNESCO, que lho concedeu no valor de 12 mil dólares, ou seja, cerca de 2 mil contos. Receberam já a primeira parcela no valor de 5 mil dólares. Agora trabalham na elaboração do «dossier» em que dão conta da obra já realizada com a primeira parcela do subsídio, para que lhes seja concedida a segunda parte.

O mestre do estaleiro diz que na Primavera próxima a «Catadouro» ficará pronta do trabalho que lhe compete.

Quanto a Manuel Tavares, ex-fragateiro e, na opinião dos dois pintores, verdadeiro expoente da cultura popular, tem-nos ensinado a cuidar do barco como se ensina alguém a tratar dum carro ou dum animal de estimação.

Dificuldades de restauro duma «peça de museu»

«De barcos não percebíamos nada», dizem os nossos interlocutores. «E o sr. Manuel Tavares tem-nos dado conselhos preciosos como este: um barco é como uma planta. Rega-se de manhã e ao anoitecer».

Neste interior desventrado funcionará uma galeria de arte actual. Quer como galeria quer como exemplar dum património em extinção, o público poderá visitar a fragata gratuitamente.

Desde pesquisarem no Museu da Marinha e no Ecomuseu do Seixal, tudo o que diz respeito a fragatas, à elaboração de «dossiers», de projectos, de maquetas de como ficará a «Catadouro», elaboração do projecto dos estatutos da cooperativa (com a ajuda do Instituto António Sérgio), até à procura de peças necessárias a uma embarcação que já é considerada objectivo de museu, um pouco de tudo eles têm feito. Até já trabalharam no estaleiro, ao lado dos operários, no restauro do interior da fragata. Foi em Agosto passado, um mês inteirinho de férias.

O estaleiro que escolheram, de António Cravidão, no Seixal, é descoberto, o que tem atrasado a obra devido ao mau tempo. Mas foi o único que além de lhes fazer um orçamento mais acessível, lhes garantiu a utilização do método de restauro tradicional e mais eficaz: sobre carris, na praia, e o tratamento da madeira, muito ressequida, com óleo de peixe.

Encontrar carpinteiros navais também é muito difícil naquela zona. Poucos são os barcos que se fazem de madeira. São quase todos de ferro. Só em Vila do Conde se encontram aqueles profissionais em maior número.

«Aqui ninguém quer ser carpinteiro naval», afirmou o mestre do estaleiro quando visitámos a «Catadouro». «Um carpinteiro naval faz-se ao longo de muitos anos. As peças têm que ser talhadas com muito rigor para se ajustarem perfeitamente. Caso contrário, pôr remendos para tapar os buracos, não dá. Os operários preferem trabalhar no ferro. Aí basta soldar e é muito mais fácil e rápido fazer um soldador.»

Recontruir traça original

Devolver à «Catadouro» a sua traça inicial também obrigou a grande procura, porque depois de ser 100 por cento fragata o mudar dos tempos exigiu a sua adaptação a batelão: tiraram-lhe o mastro e a vela, alargaram-lhe a boca; cortaram-lhe o capelo, entre outras «castrações». Foi preciso encontrar um mastro de fragata, comprar uma nova vela (quem está a fazê-la, na Moita, dedica-se actualmente ao fabrico de oleados para cobertura de camionetas). Foi preciso arranjar peças de substituição e quando se chega a este capítulo, há um desfiar de vocabulário estranho: cadernais, viola, malaguetas, banco do mastro, castelo de popa, etc.

A reconstituição da traça original da fragata, na medida do possível, será feita de acordo com a única publicação actual conhecida sobre os barcos do Tejo, à venda no Museu da Marinha. Trata-se de «Boats of the Lisbon River — The fragata and related types», da autoria de Manuel Leitão, publicada pelo Museu Marítimo de Greenwaich em 1978. A edição disponível em Portugal está escrita em inglês, embora seja de presumir que haja uma versão original portuguesa.

Tudo o mais que for necessário apor à fragata propriamente dita, mas que não pertença à estrutura integrante do barco, será amovível. Para funcionar como galeria de arte, a embarcação deverá ser provida de uma cobertura de madeira de pinho. Quanto ao interior serão mantidos os beliches em que dormia a tripulação e os respectivos armários, bem como os painéis que separa o porão dos castelos da prôa e da ré. Os objectos de arte a expor serão colocados (nomeadamente os quadros) em painéis de lona branca que funcionarão como os estores dos autocarros e que serão presos em estruturas já existente na fragata. Podem puxar-se para baixo e constituir expositores ou enrolar-se e deixar a descoberto a estrutura inicial da fragata.

O interior será na medida do possível pintado como na origem. Especialmente os painéis eram decorados profusamente com pinturas de grinaldas, flores e até figuras religiosas.

As exposições de arte que a «Catadouro» albergará serão exclusivamente de arte actual, sobretudo pintura e escultura. A Galeria ficará atracada na doca de Santo Amaro, para o que a cooperativa conta com o apoio do porto de Lisboa que está neste momento a elaborar estudos nesse sentido. Com uma das funções desta galeria itinerante será o intercâmbio cultural entre as duas margens do Tejo, terá também um «porto» na margem sul que será possivelmente Arrentela, mas que não está ainda definitivamente decidido.

A cobertura da «Catadouro» poderá ser utilizada, pelo exterior, como palco experimental de música e teatro, mas essas iniciativas, ainda a estudar, não ficarão a cargo de «A Barca».

Património cultural único

A tripulação, de três homens, necessária à missão itinerante da fragatra será cedida, em princípio, pelo município do Seixal, que conseguiu salvar alguns exemplares das antigas embarcações do Tejo para as quais tem pessoal especializado.

Esta história de amor à primeira vista tem os seus antecedentes. Ilídio Salteiro e Dora Iva Rita, licenciados pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, são professores de Educação Visual e estão a preparar o mestrado em História de Arte na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi nesta última qualidade que andaram pelas praias do Rosarinho a fazer recolha de documentação fotográfica para as disciplinas de «Estética» e «Psicologia da arte». A recolha inseria-se precisamente num trabalho sobre estrutura, decoração e função dos barcos do Tejo e o seu valor.

«Lisboa virou as costas ao rio», comentou Ilídio Salteiro. «A cidade só chega ao rio pelos cacilheiros. Depois que foi construída a ponte 25 de Abril, as embarcações deixaram aos poucos de ser aproveitadas até para fazer fretes entre as duas margens. Todo o tráfego passou a fazer-se pela ponte.»

Isso não deveria significar a perda do património cultural único constituído pelas antigas embarcações do Tejo: fragatas, faluas, varinos e botes. Imagine-se, portanto, a importância do achado da praia do Rosarinho para os dois artistas plásticos. Duma cajadada matavam dois coelhos: não só encontravam um «espaço» original como recuperavam uma unidade desse fabuloso património cultural único.

A «Catadouro» terá nas suas tábuas um pouco da história da transformação do rio e dos que dele viveram. Construída em 1924 por um então rico armador de Lisboa de origem galega, Balençuela, teve inicialmente o nome de «Infante de Sagres II».

Devido às suas grandes dimensões, foi mais tarde aproveitada como batelão e integrante dos «comboios» que, puxados por rebocadores, transportavam, por exemplo, cereais, no Tejo e do Tejo para outras partes do país. Não conseguimos apurar a data e as razões porque passou a chamar-se «Catadouro», mas sabe-se que este segundo nome quer dizer que a fragata ia à «cata da foz do Douro» nesses transportes.

Depois do 25 de Abril a «Catadouro» foi adquirida por uma cooperativa de fragateiros da margem sul então constituída e à qual Ilídio Salteiro e Dora Iva Rita a compraram em 1982. Por essa data a cooperativa estava já em fase de extinção. Nessa fase da sua vida a «Catadouro» era utilizada para transporte de fretes entre as duas margens do rio, nomeadamente para transporte de produtos comprados na Ribeira e vendidos na outra margem.

«O Mosquito» fez ontem 50 anos: nostalgia e aventura de mãos dadas

Meio século passou ontem

"O Mosquito" evocado no Bairro Alto

Carlos Pessoa

Um rosto gaiato e sorridente em grande plano, enchendo totalmente a capa e anunciada ao preço de cinco tostões: assim aparececeu pela primeira vez, corria o dia 14 de Janeiro de 1936, a mais famosa de todas as revistas portuguesas de banda desenhada, «O Mosquito» de seu nome.

Passaram-se cinquenta anos sobre o acontecimento que deixou marcas indeléveis em sucessivas gerações de entusiastas dos «heróis de papel». É que, muito para além dos 17 anos que viveu, «O Mosquito» continua bem vivo na memória nostálgica dos que o fizeram, ou simplesmente leram.

As tiragens dizem um pouco do sucesso que obteve em todo o país: nos momentos de apogeu, atingiu os 25 mil exemplares, cifra que mesmo hoje poucas publicações periódicas se podem gabar de atingir.

Um grupo de «históricos» obreiros do Mosquito de outros tempos, de mãos dadas com os fazedores da versão moderna da mesma revista, não quiseram que a data ficasse em branco. Reuniram-se ontem no Bairro Alto, junto ao 261 da rua da Rosa, onde a revista dirigida por Raul Correia e António Cardoso Lopes viu a luz do dia e comemoraram, depois, a efeméride com um jantar.

A hora, porém, não é de positiva nostalgia. Como que assinalando o encerramento de um longo ciclo de labor e empenho na edificação de uma revista moderna de banda desenhada, os sinos dobram pelo Mosquito dirigido por Chaves Ferreira, que neste mês de Janeiro encerra as suas páginas.

Comemorar um nascimento, assinalar a morte: destes contrastes é feita a história da banda desenhada em Portugal. Ainda não é desta vez que o público português disporá, de modo duradouro, de uma publicação de qualidade que assuma criativamente a síntese entre a tradição e a modernidade, entre os valores clássicos e os valores contemporâneos.

Para a posteridade, aqui ficam alguns dos que quiseram associar o seu nome a esta evocação: António Homem Cristo, António Costa Ramos e José Ruy, directores em sucessivas fases, Lúcio Cardador (escritor), José Garcês (desenhador), e ainda Chaves Ferreira (director do actual Mosquito) e os seus colaboradores José Magalhães, Catherine Labey, Fernando Relvas, António Barata, Dias de Deus, Geraldes Lino, Víctor Mesquita, Luís Mesquitela, José Abrantes, Luís Louro Simões e Estrompa.

Continuam a possuir passaporte válido para a aventura. Mas as fronteiras da imaginação e do sonho, essas estão por agora encerradas ao tráfego...

Acto de "O Crime" condenado pelo CI

O Conselho de Imprensa, na sua última reunião, apreciou uma queixa apresentada por José Alves contra o jornal «O Crime».

Aquele cidadão apresentou queixa no CI por o jornal «O Crime» ter negado o direito de resposta a uma reportagem publicada em que segundo o queixoso «continha graves acusações, ofensas e ameaças à sua pessoa».

Relativamente a esta queixa, o CI «reprovou a conduta do jornal «O Crime» por ter negado o direito de resposta, subscrito por José Alves» — e deliberou obrigar o periódico a publicar a decisão do CI «sem quaisquer comentários, no prazo de uma semana».

Como os jornalistas

Salários dos professores na cauda da CEE

Os professores portugueses ganham um terço, um quarto e até um quinto do que auferem os seus colegas de vários países integrantes da CEE. As proporções divulgadas pela Federação Nacional dos Professores em conferência de Imprensa são obtidas sobre os vencimentos base, sem os diversos subsídios de ordem social a que os docentes europeus têm direito, pelo que na prática a diferença é ainda mais gritante.

Assim, e de acordo com um quadro elaborado pela Federação, um professor do ensino primário ganha em Portugal no início de carreira 34 700 escudos e 46 400 escudos no final da carreira. Em Espanha esses vencimentos-limite correspondem a 120 mil e a 160 mil escudos; em França, a 130 e 270 mil escudos; no Luxemburgo, a 218 e a 450 mil escudos e na Bélgica a 141 e a 190 mil escudos respectivamente.

Um professor do ensino secundário por seu turno ganha em Portugal no início da carreira (sendo já profissionalizado) 46 400 escudos e no fim da carreira 62 500 escudos; em França, 145 mil (ou 165 mil) e 330 mil escudos; no Luxemburgo 255 mil e 450 mil escudos e na Bélgica 185 e 240 mil escudos.

Mesmo os professores portugueses que leccionam, a expensas do Governo português, nesses países, embora aufiram vencimentos inferiores aos seus colegas de nacionalidade do respectivo país, ganham muito mais que os seus colegas e compatriotas a exercerem em Portugal. Por exemplo, um professor português do ensino primário a leccionar em França, não efectivo ou com a primeira fase, passará a ganhar em 1986 cerca de 136 mil escudos ilíquidos, e os que possuem a quarta fase, 160 mil escudos. Um professor do ensino secundário recebe, nas mesmas circunstâncias, respectivamente 157 contos e 186 contos mensais.

Na Alemanha, um professor português do ensino primário sem fases ou apenas com a primeira fase ganhará em 1986 173 mil escudos mensais enquanto o professor do ensino secundário não efectivo ou com uma fase aufere em 1986 duzentos e oito mil escudos.

Nivelamento pela CEE devia começar pelo poder de compra

Esta desequilibrada situação levou o secretário-geral4 da Fenprof, António Teodoro a comentar: «Se os nossos governantes aumentam o preços dos medicamentos e lançam o IVA para estarmos ao nível da CEE, então que aumentem também os salários dos professores pelo nível da CEE.»

Mas a realidade a que o Governo força os professores portugueses é bem diferente: quando este mês de Janeiro já deveriam estar de posse de uma nova tabela (ainda que magra) salarial, só ontem, dia 15, a meio da manhã se realizou a primeira reunião de negociações entre o secretário de Estado do Orçamento e os Sindicatos da Frente Comum da Função Pública de que a Fenprof faz parte. Isto apesar de os professores no âmito daquela Frente Comum, terem apresentado ao Governo as suas propostas nos prazos que o diploma de negociação colectiva obriga. «O Governo procura iludir as expectativas e age segundo a sua própria táctica eleitoral de apoio ao seu candidato presidencial» — frisa a Fenprof.

O Governo marcou uma reunião com a Frente Comum para o passado dia 30 de Dezembro, a que não compareceu.

Por outro lado, pretende convencer a opinião pública de que a inflação não ultrapassará os 14 por cento, quando — afirma a Fenprof — o que está em debate é o índice de inflação de 1985, isto é, a redução do poder de compra dos professores no ano passado e o aumento salarial necessário para o repor.

Mas não só sobre esta questão o Governo, e particularmente o Ministério da Educação, têm agido a descontento dos professores e seus representantes. «Vai uma grande distância entre a imagem que o MEC e o actual ministro da Educação pretendem criar na opinião pública e aquilo que na realidade fazem», foi ontem também obervado na conferência de Imprensa.

«O ministro pretende dar publicamente a ideia de que é tecnicamente muito competente e aberto ao diálogo. No entanto, deixou o sector do ensino degradar-se a um ponto que nem Seabra permitiu».

Igualmente quanto a propostas apresentadas ao ministro sobre vários sectores do ensino (concursos, alargamento dos quadros, etc.), embora se tenha comprometido a resolvê-los, o ministro não marcou reuniões para negociar estas questões «cujo protelamento, pelos prazos a que estão sujeitos compromete decisivamente a eficácia da sua análise», sublinha ainda a Federação.

Outro indício de que o Ministério da Educação e o ministro são adversos ao diálogo, é, refere a Fenprof, a governamentalização de aspectos «que só poderão ter viabilidade se houver consensos alargados, como sejam a Lei de Bases e a Comissão para a Reforma Educativa».

Assim, surgem por vezes indicações de que estão a ser constituídas comissões ou elaborados projectos dos quais os professores e seus representantes nada sabem. Inclusivamente o ministro Pinheiro recusou-se a informar a Comissão Parlamentar de Educação de quais os critérios que presidirão à escolha dos membros da Comissão da Reforma Educativa. Escusou-se, alegando que os critérios seriam os seus e os do Primeiro-Ministro, segundo se afirmou na conferência.

O enquadramento dos professores nas letras da Função Pública é outro assunto que está parado por inércia do Ministério da Educação.

Alunos sem aulas e campanha de verbas

A calamitosa abertura do ano lectivo foi uma vez mais referida pela Federação Nacional dos Professores. Neste momento, estão ainda sem aulas 4520 alunos do ensino preparatório e secundário da Grande Lisboa. De acordo com as informações da Fenprof a sua distribuição é a seguinte: Escola Preparatória de Camarate, 700 alunos; preparatória de Mem Martins, 1000; secundária do Bom Retiro, 420; preparatória da Moita/Alhos Vedros, 400; secundária de Caneças, 300; secundária de Carcavelos, 670; secundária de Corroios, 650 alunos e escola do CS do Intendente, 400 alunos.

A falta de verbas e de sensibilidade política para a situação dos alunos mais desfavorecidos é outro aspecto negativo da actuação do actual Ministério que obriga agora alunos e monitores da Telescola a pagarem do seu bolso os materiais que foram enviados gratuitamente pelo Instituto de Tecnologia Educativa.

«Neste contexto, salienta a Fenprof, ganha uma importância acrescida a campanha nacional promovida pela Fenprof de exigência de mais verbas para a educação.»

O manifesto sobre aquele tema recentemente divulgado pela Federação Nacional dos Professores, conta com «amplo e diversificado apoio» dos mais vastos sectores da sociedade portuguesa.

«Milhares de cidadãos, personalidades de reconhecido prestígio, elevado número de organizações, estão a aderir à campanha 'Mais verbas para a educação', salienta aquela estrutura sindical, acrescentando que «só um vasto e influente movimento de opinião orientado para a dignificação do ensino pode contribuir para uma mudança nas opções governamentais que invertam o percurso de degradação acentuada do Ensino prosseguido nos últimos anos».

VENCIMENTOS DOS PROFESSORES EM ALGUNS PAÍSES DA EUROPA

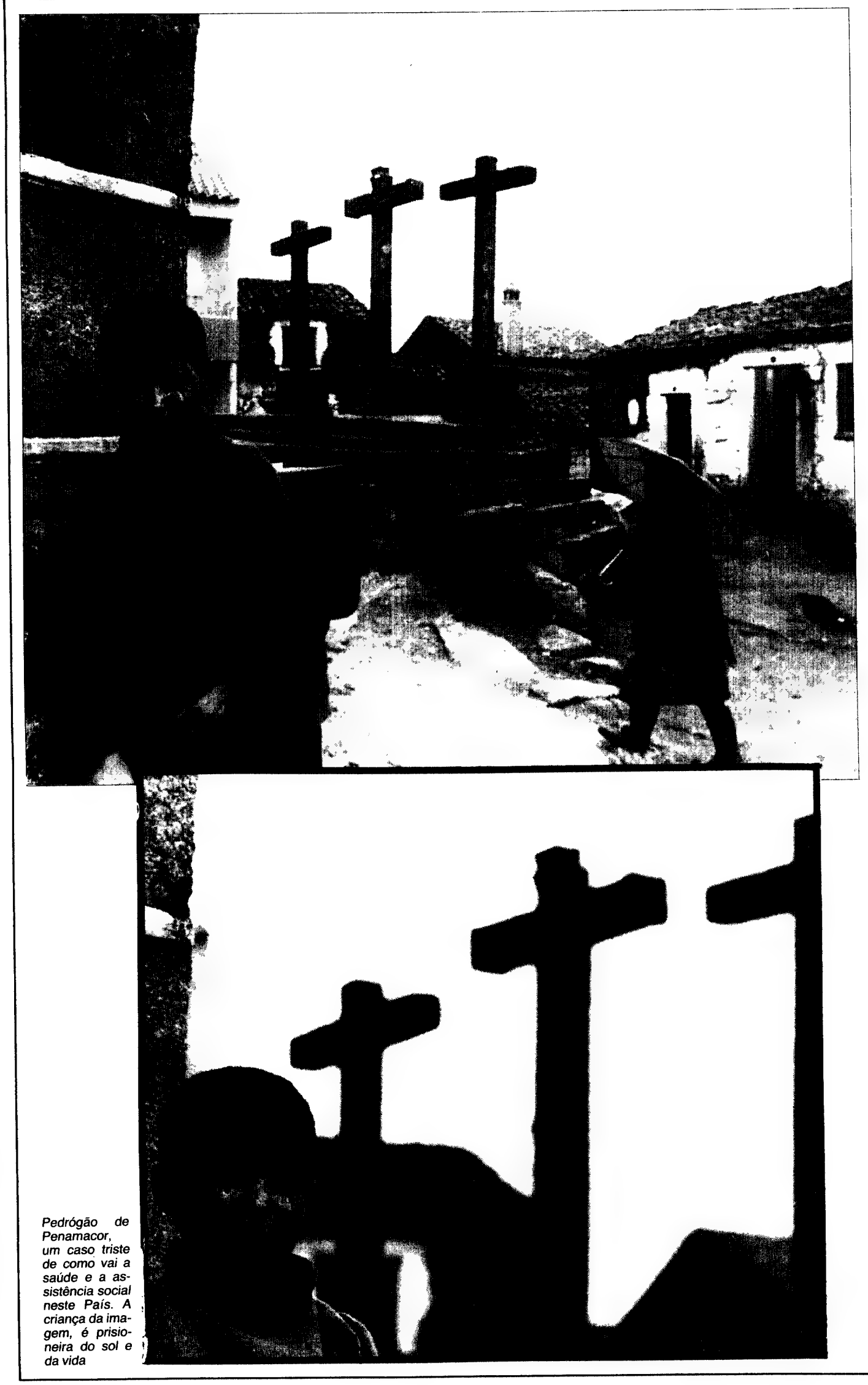
(em milhares de escudos)

	PORTUGAL	ESPANHA	FRANÇA	LUXEMBURGO	BÉLGICA	ALEMANHA
Professor do Ens. Primário no início de carreira	34,7	120	130	218	141	150
Professor do Ens. Primário no final da carreira	46,4	160	270	450	190	
Professor do Ens. Secundário no início de carreira	46,4 (já profissionalizado)		145 ou 165	255	185	170
Professor do Ens. Secundário no final da carreira	62,5		330	450	240	

Estaremos condenados «a povoar as prisões e os bordéis da Europa? Tem sido um pouco assim, especialmente no que se refere ao nosso vizinho. A alternativa é o desenvolvimento que, no entanto, tarda a chegar.

Um caso flagrante regista-se no campo da saúde. Na raia, populações que demandam Espanha em busca de médico.

A fronteira do subdesenvolvimento



Pedrógão de Penamacor, um caso triste de como vai a saúde e a assistência social neste País. A criança da imagem, é prisioneira do sol e da vida

Texto e fotos de Carlos Gil

Ao entrar em Portugal por Elvas, pode ver-se, aqui e ali, a seguir à zona de fronteira, cartazes que anunciam de tudo. Estão em massa. Há-os também políticos. Primeiro é Soares, «um presidente, um amigo»; **depois,** «se conduzir, não beba»; **logo a seguir,** «Pr'a frente Portugal», **com Freitas a dizer adeus com a mão no ar. Ainda mais à frente, é a Hermínia Silva que, com gesto idêntico, obriga a beber uma aguardente conhecida...**

Chove na campina alentejana. Chove na praça de armas mais importante de Portugal e a mais famosa da Europa do século XVII. Chove no Aqueduto da Amoreira, o maior da Península. Chove no Forte de Santa Luzia, a mais completa fortificação seiscentista do País e chove nas oliveiras que dão as azeitonas de Elvas, também famosas.

Se falo da chuva é porque ela é acontecimento em terra seca, chuva em terra agrícola é ouro nas tulhas. E se falo de monumentos é porque eles são a única coisa edificada com grandeza nesta região subdesenvolvida.

Quando pergunto ao presidente da Câmara de Elvas se estão preparados para a integração na CEE, ele responde: **«De modo nenhum. Até acho que esta região poderá vir a ser colonizada por capitais estrangeiros, porque os nossos agricultores não foram preparados para competir com a agricultura espanhola ou francesa.»**

Mas bem perto de Elvas há um exemplo de como se pode transformar um monte alentejano abandonado num dos melhores pomares da Europa — o Monte Branco, através do aproveitamento da água do Guadiana para a irrigação. Pena que quem fez esse **milagre** seja cidadão estrangeiro...

Uma das questões graves da região fronteiriça é a saúde. Já alguém disse que sem boa saúde também não há desenvolvimento. O caso da criança que há um ano morreu no hospital de Castelo Branco por falta de um anestesista não põe apenas o problema da colocação de especialistas nas regiões interiores. Nem o inquérito parlamentar solicitado à Assembleia da República pode resolver a questão, porque ela é de fundo, estrutural.

O Fundão, por exemplo, tem um hospital que custou cerca de 1 milhão de contos, custa anualmente ao Estado 90 mil contos e não funciona; tem zonas degradadas dentro da vila, onde as condições sanitárias são de tal ordem que **«o sonho»** dos moradores é ter um balneário e um lavadouro públicos; tem comboios que levam um dia para se chegar a Lisboa...

Numa comunicação às Jornadas da Beira Interior, organizadas pelo «Jornal do Fundão», há um ano, António Paulouro, na sua franqueza habitual, dizia: **«ou se aproveitam os recursos que temos em terra, água, clima e, principalmente, em gente capaz, ou estaremos condenados a povoar as prisões e os bordéis da Europa.»**

Baeta de Campos, médico na Guarda, chamava então à atenção que já nem o gasto lugar-comum **«a saúde em Portugal está doente»** estava actualizado, para depois lhe acrescentar que **«a saúde em Portugal já entrou em coma, está a morrer»**. Quando se atingem níveis de pura catástrofe nacional, o tratamento tem de ser de choque. O alerta ali ficou, mas as populações continuam hoje no mesmo estado sanitário calamitoso.

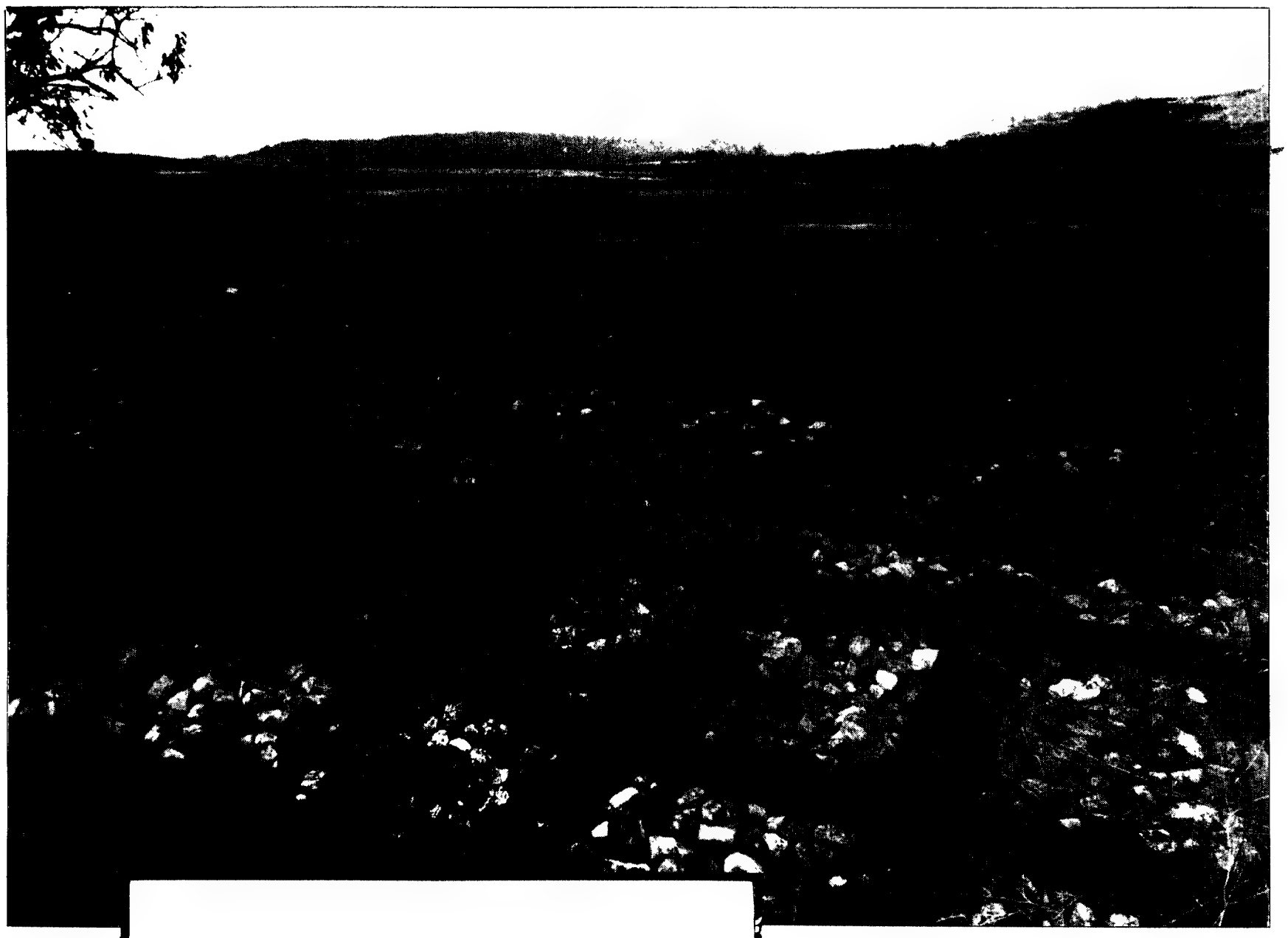
As causas desse estado são diversas. Ali se apontaram várias: falta de organização; ausência do conhecimento do país real; exagerado centralismo administrativo e programático. Ainda mais: as vias de comunicação; a educação sexual; o saneamento básico, este (a falta deste) é um dos principais responsáveis pela propagação de microrganismos infecciosos.

Haveria, para relatar, mil e um casos de doenças graves que afectam as populações desprotegidas da raia portuguesa. Mas não conseguirei esquecer aquelas crianças de **Pedrógão,** de Penamacor que ali vivem condenadas a uma doença que, por ser visível, perturba o nosso olhar. A luz do dia, sobretudo o sol, desenvolve-lhes a doença de pele, afecta-lhes o rosto e os olhos. São pequenos **monstros** de ternura, porque são crianças. A família de António Sardinha, 70 anos, reformado por invalidez é bem um caso limite dessa saúde em Portugal à beira da morte. A mãe, 48 anos, é deficiente motora e, dos seis filhos do casal, três padecem desse cancro de pele que os corrói até aos ossos. Vivem os oito com 9800$00 de pensão de reforma e invalidez. Três crianças que são prisioneiras do sol, mas quantos mais existem prisioneiros do dia e da noite?

Relativamente à saúde, nem tudo é, afinal, calamitoso. Na Mata de Lobos, uma freguesia de Figueira de Castelo Rodrigo, um médico natural dessa aldeia, Álvaro Carvalho, que reside em

raia, muitas são as ico.

- III



Lisboa, deu-se conta do estado sanitário a que chegaram as gentes da sua terra. Pois bem, decidiu ir todos os meses à aldeia para atender os doentes gratuitamente! São exemplos isolados de boas vontades, que por si só nada resolvem. A saúde não é um simples acto de magia, nem uma instituição de caridade.

É inadmissível que hoje exista em Portugal um incremento das doenças infecciosas, em particular a tuberculose pulmonar, e parece incrível que as enterites e gastroenterites, «ainda hoje continuem a vitimar inúmeras crianças da nossa região ou a marcá-las sanitariamente, de tal maneira que a sua infância se torna um calvário e a idade adulta uma terrível incógnita». São palavras do dr. Baeta Campos, referentes a toda a região da Beira Interior.

Na pequena aldeia dos Foios, encostada à fronteira, ouvi um empresário afirmar: «Aqui na raia, quando as pessoas dizem que vão ao médico, isso significa que vão a Naves Frias, ou Valverde del Fresno, em Espanha. Mas se até o padre que vai rezar missa aos Foios, é espanhol!...»

Ainda há pouco tempo o Hospital do Sabugal tinha afixado na porta principal um papel que dizia: «em caso de urgência, dirija-se ao Hospital da Guarda».

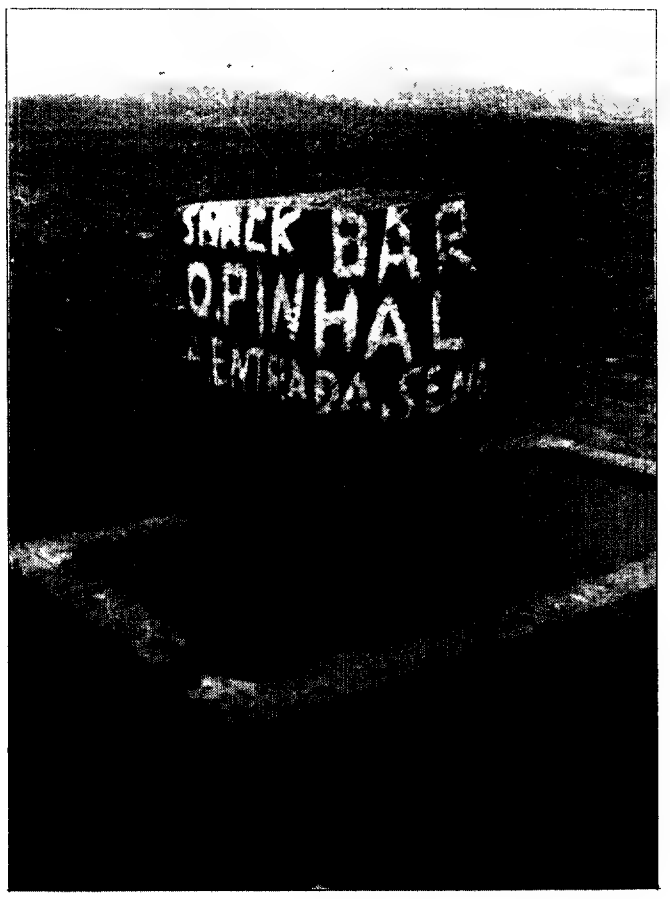
O desalento chega facilmente aos meus interlocutores quando se fala de problemas de saúde ou outro tipo de desenvolvimento que necessite técnicos qualificados. É frequente escutar-se este desabafo: «Os braços válidos emigraram, as profissões liberais aqui não se querem. Qual é o técnico que se quer cá? Não têm um cinema, não têm nada. Aqui, no Soito, só se pode adoecer a uma hora determinada que é a horita que o médico cá vem.»

Disse-se atrás que os problemas do saneamento básico são uma das causas desse estado caótico a que chegou a saúde em Portugal. É uma verdade. Quantas doenças por falta de tratamento dos esgotos, que muitas vezes desaguam nos quintais ou pequenas quintas das aldeias (as que têm esgotos)?

Em Elvas, por exemplo, Aníbal Franco dizia-me: «Como é que podemos estar na CEE se ainda não se efectuou a regionalização e se mantêm as estruturas de antes do 25 de Abril? Nós ainda estamos numa primeira fase que é o saneamento básico e isto condiciona o avanço para outras questões. Se não há esgotos, se não há águas, também não pode haver turismo.»

Nós ainda estamos na primeira fase! Como é espantoso ouvir estas palavras.

«Paciência», diziam os portugueses que escutei por essa fronteira do subdesenvolvimento. Aqui está uma frase que define um estado de espírito dos portugueses quando se trata de resolver questões que lhes parece não terem solução.



Fronteira da desolação e de antiprogresso. O último comboio para Duas Igrejas passou aqui há quatro anos. O senhor José Faustino lavra a terra há mil anos...

Em Urrós, Trás-os-Montes, abordei com um pequeno agricultor a questão da entrada no Mercado Comum, disse-me: «Bem, a gente ainda não pode dizer nada, também há quem diga que vai ser bom para os agricultores, mas olhe, vamos ter paciência e esperar para ver o que vai dar.»

«Paciência», dizia ainda Joaquim Pedroso, agricultor e guarda da Capela de S. Pedro de Vir à Corça, em Monsanto;

Isto é uma zona pobre, perguntei-lhe.

— Também lhe digo que as há mais pobres. Aqui a terra é boa, dá muita batata. Mas olhe que tenho algumas terras para aí que já disse que as dou dadas para quem as quiser cultivar, mas ninguém as quer... olhe, paciência!

— Porque não as querem?

— Não sei, não precisam, a mão-de-obra está muito cara e toda a gente tem terra, vivem bem. Os jovens emigram e deixam a agricultura desprezada.

— Os jovens não querem trabalhar?

— Uns vão para a tropa, outros emigram, outros vão estudar para Penamacor, mas depois não arranjam emprego e têm que vir para casa cavar as terras.

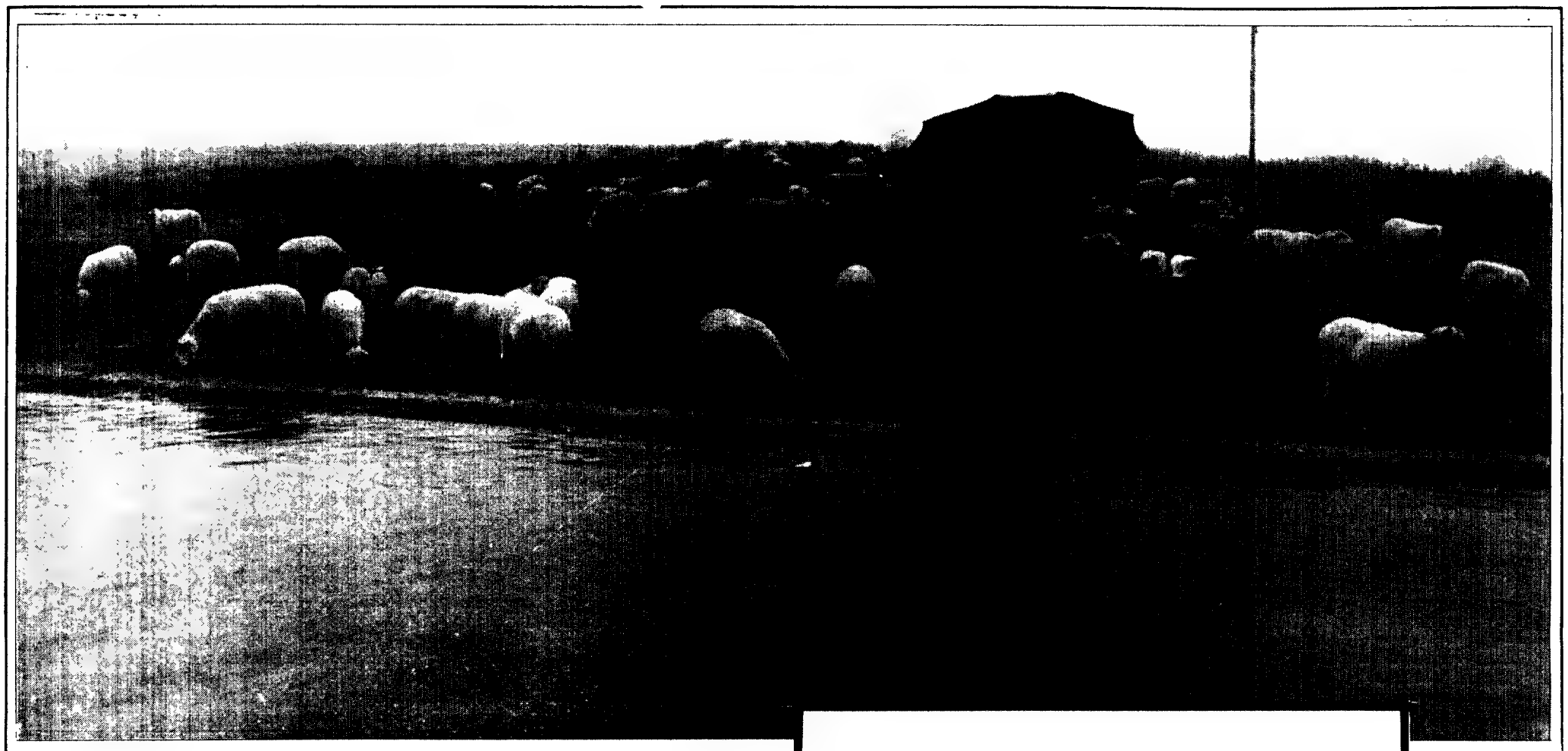
— É isso que eles querem?

— Olhe, meu amigo, temos de ter paciência, eles não é isso que querem, andam a estudar para irem para um sítio melhor que o campo. Tomara eu que aparecesse alguém para empregar os meus filhos, pagava-lhes bem...

Ao longo da fronteira uma expressão esteve permanentemente presente: «aqui todos vivem bem». De facto, quase todos têm a sua horta, o seu vinho, azeite e carne de porco. É uma agricultura de subsistência que está longe de poder ser útil a este país à beira do ano 2000.

A caminho de Miranda do Douro, aqui e ali, no chamado planalto mirandês, vêem-se muitas vezes prados enormes com duas ou três vacas, duas ou três cabras. Lavra-se a terra com uma mula ou um burro e um arado, como se fazia há milhares de anos. E afinal, em poucas zonas do País se concentram tão prodigamente os factores de

Continua na pág. 16



A fronteira do subdesenvolvimento

Continuação da pág. 15

produção, temperatura e água, como na região do Nordeste transmontano.

Haverá boas perspectivas, dizia o engenheiro Dias Leitão há mais de vinte anos, se forem obtidas posssibilidades de mecanização e de rega dos solos e facilidades de transporte, de industrialização e comércio dos produtos.

Mas em finais de 1985 continuam a cultivar-se pequenas nesgas de terra, entre a rocha dura, para se obterem magras colheitas à custa de um esforço (humano) de gigantes. É uma agricultura de miséria numa região que, sendo rica, vive pobre...

Recordo aquela mulher que na Colónia Agrícola de Martim Rei, no Sabugal, hoje em completo abandono, guardava uma cabra atada a uma corda grossa para que não lhe fugisse o seu único meio de subsistência.

Recordo aquele grupo de caçadores, a poucos quilómetros de Alcoutim, que me dizia desiludido: «Não, não há caça, nestas terras já nem a caça e os animais se dão».

Recordo esses pastores de ovelhas, esses homens solitários das serras beirãs e transmontanas, e também da planura cálida alentejana, que esperam, encostados ao cajado, horas, dias, anos a fio, apenas para que as suas ovelhas comam! No entanto, também aqui a tecnologia está a chegar. Na Estremadura espanhola, as ovelhas já pastam em espaços circundados por vedações tenuamente electrificadas para que os animais, ao tocar-lhes, não tenham a tentação de sair do redil. O pastor só tem que as libertar de manhã e reuni-las ao fim da tarde, ficando com o dia livre para outros trabalhos bem mais produtivos.

Estará a chegar ao fim a tese de que «o homem da Estremadura é pessoa medularmente solitária, amante de viver isolado», cada qual metido em si e contente no seu pedaço de terra, como diz Lain Entralgo? O geográfico determina o psicológico. «Os imensos e despovoados territórios, a prática secular do pastoreio, foram gerando uma raça de homens incapazes de viver senão em solidão, de manter acções colectivas...»

Outro ser solitário, agente ignorado dessa relação homem-paisagem, é o cantoneiro. Falei com um na Beira Baixa, junto à fronteira.

Perto de Penha Garcia, encontrei na estrada o senhor Adriano, cujo trabalho consiste apenas em alisar a berma do lado direito. Começou há dois meses esta tarefa, ao quilómetro 37 da estrada Monsanto-Termas de Monfortinho. Para ali estava, solitário, quando o encontrei ao quilómetro 44. Caíam uns chuviscos quando lhe perguntei quantos quilómetros já tinha alinhado. Riu-se e disse-me:

ora essa, nunca me tinha lembrado disso. Mas eu fiz as contas e informei-o que só tinha feito 7 quilómetros. Achou graça e acrescentou: **então ainda faltam mais de vinte.**

Agora vêm as chuvas e a neve, por este andar passo cá um ano!

Perspectivas de trabalho na região, são quase nulas; **cantoneiro? Não há outro remédio,** diz o senhor Adriano, **se não, ou se vai para a Guarda-Fiscal, ou cavar os campos.**

Aqui não há trabalho. Até há poucos meses ainda andavam aí os da Portucel a mandar plantar eucaliptos e deram emprego a muita gente, mas já se foram embora.

Neste contínuo ziguezague pela raia hispano-portuguesa, são as estradas (normalmente em péssimas condições) o lugar mais visível do abandono e desprezo a que os raianos estão votados. As placas tombadas ou partidas, às dezenas, são disso um bom (mau) exemplo. É assim de Sul a Norte.

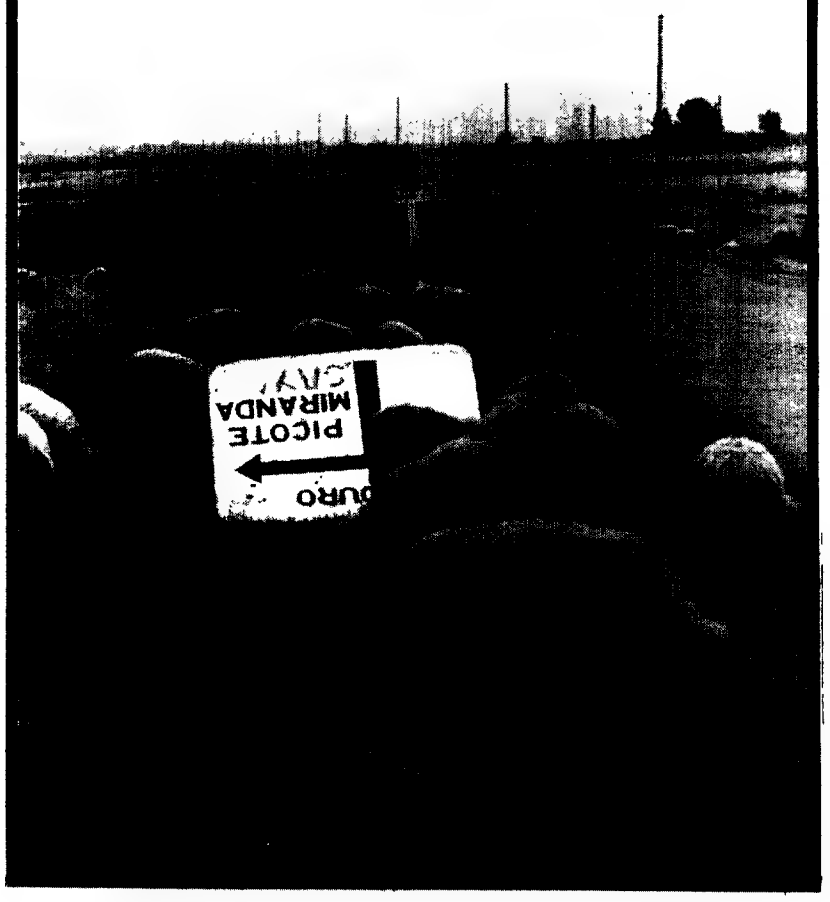
Uma outra forma de subdesenvolvimento encontrei-a espalhada pelos belíssimos e fotogénicos aglomerados de rochas graníticas deste país. São pequenos e grandes «anúncios» pintados toscamente, com cal branca, nas pedras, junto à estrada. Indicam cafés, restaurantes, casas de móveis, vendas de andares (em Lisboa!) ou simples mensagens políticas. São aquilo a que chamarei **publicidade dos pobres**. Se a moda pega, um destes dias teremos o bloco granítico da «cabeça da velha» anunciando os melhores petiscos da região. Poderá esse oceano megalítico raiano não dar pão nem vinho, mas ao menos anuncia-os!

Abandonados, destruídos, estão também alguns trechos de linha férrea. A antiga estação de Freixo de Espada-à-Cinta, que fica num descampado, está que só vendo. É a desolação total.

Num campo de trigo, em frente, José Faustino lavra a terra com arado, como há mil anos...

— Então fecharam a estação?

— Olhe, é uma tristeza, dizem que não dava nada. Este país está negro, fecham tudo. Agora, se queremos mandar as sacas de batata para o Porto, temos de ir ao Pocinho.



... Esses pastores de ovelhas, esses homens solitários das serras beirãs e transmontanas e também da planura alentejana, que esperam, encostados ao cajado, horas, dias, anos a fio, apenas para que as suas ovelhas comam!

Para substituir a linha que ia do Pocinho a Duas Igrejas, a CP organiza autocarros diários, mas o senhor José Faustino diz que a linha morreu porque se montou a empresa de camionagem «Santos», que se vê a 500 metros da velha estação abandonada.

Perto daqui, outra riqueza ao abandono. As minas de Moncorvo, onde «há dias e dias que nem de lá tiramos uma pedra», como me dizia um funcionário da Ferrominas, que já ali trabalha há 30 anos.

Um pouco mais a Sul fica Barca D'Alva, freguesia de Figueira de Castelo Rodrigo. É uma fronteira frustrada. Até há um ano ainda por ali se faziam as ligações ferroviárias entre Porto e Salamanca, linha do Douro. Também os espanhóis suprimiram essa ligação, o que levou recentemente a Sociedade Fotográfica Salamantina a «recordar o triste acontecimento», oferecendo um programa audiovisual, no Casino Obrero, que consistiu na passagem de diapositivos sobre «el último tren de Barca d'Alva».

Uma das velhas reivindicações das gentes de Figueira de Castelo Rodrigo é a ligação rodoviária com Espanha, por Barca D'Alva. Muitas festas e banquetes com as autoridades dos dois países já passaram debaixo da velha ponte da Barca. Muitas promessas para amanhã já se escutaram nas margens floridas de amendoeiras da bacia do Douro, mas entretanto continuam a percorrer-se mais cem quilómetros para quem queira, do Porto, demandar a bela cidade universitária salamantina. Hoje, o desenvolvimento turístico faz-se com fronteiras abertas. Ou será, como perguntava o Pároco de Figueira, que os espanhóis querem reter os turistas para lá das suas fronteiras?

No Ministério da Agricultura

Barreto desperdiça milhares de contos

José António Cerejo

O Ministério da Agricultura está a pagar mensalmente milhares de contos, a pessoas estranhas aos seus serviços, por conta da elaboração de estudos e pela execução de outras tarefas que podiam e deviam ser feitas pelos funcionários.

Júlio Carvalho da Conceição é um técnico de informática da Soporcel. O ministro da Agricultura, Álvaro Barreto, foi há anos administrador da Soporcel. O Ministério da Agricultura tem na sua orgânica uma Direcção de Serviços de Organização e Informática. A Presidência do Conselho de Ministros tem há vários anos uma Direcção-Geral de Organização Administrativa com competências em matéria de Informática alargadas a toda a administração pública.

Álvaro Barreto — sem sequer invocar a inexistência de pessoal qualificado no Ministério — foi buscar Júlio da Conceição e encomendou-lhe estudos sobre a «implementação da Informática nos diversos serviços do Ministério». Pelo trabalho feito — «a maior parte das vezes graças a estudos já elaborados e ao trabalho dos funcionários do Ministério», dizem fontes ouvidas pelo «DL» — Júlio da Conceição recebeu, pelo menos, 220 contos em Maio, 290 em Junho e 575 em Novembro.

Pelas mesmas razões três outros técnicos de Informática exteriores ao Ministério, receberam um total de 1058 contos em Junho e Novembro. Estes montantes referem-se, em ambos os casos, apenas aos pagamentos efectuados mediante despachos assinados por Álvaro Barreto que temos em nosso poder.

Manuel Domingues era até há alguns meses funcionário da Direcção de Pessoal da TAP. O Ministério da Agricultura tem uma Direcção de Recursos Humanos e possui nos seus quadros numerosos técnicos dessa área.

Álvaro Barreto «contratou» Manuel Domingues e pagou-lhe 199 contos em 31 de Maio passado pela «execução de trabalhos no âmbigo do apoio a acções do Ministério, relacionados com a nova estrutura dos serviços, para cuja execução não existem funcionários com qualificações adequadas, que tiveram início em 16 de Maio-/85 e termo em 31 de Maio/. ».

Periodicamente, e sem que aquela verba correspondesse a períodos de trabalho de igual duração, Manuel Domingues foi pago pelo orçamento do gabinete do ministro, com 199 contos de cada vez.

Augusto Ferreira do Amaral é advogado e já foi secretário de Estado em anterior elenco do MAFA. O Ministério tem um Departamento de Auditoria Jurídica e emprega grande número de juristas especializados em matérias de Direito ligadas à agricultura.

Em 31 de Janeiro de 85 Barreto mandou pagar 280 contos a Ferreira do Amaral «pela elaboração dos estudos que lhe foram encomendados sobre alterações das leis da reforma agrária»

Nunca visto!

Casos como os que acabamos de enumerar são apenas exemplos. Nos serviços do MAFA, o recurso a tarefeiros e a técnicos estranhos aos serviços tornou-se uma prática quotidiana e o símbolo mesmo da má gestão dos recursos humanos disponíveis. «Aquilo que a lei prevê e que é admissível é a contratação em termos transparentes e para tarefas bem precisas, de carácter excepcional e natureza específica, para cuja execução não existem pessoas qualificadas no Ministério», afirma um responsável que deseja manter o anonimato.

«É que aqui **na casa os trabalhadores, incluindo alguns delegados sindicais, vivem** num clima de medo que já os leva, por vezes, a recear falar com os dirigentes sindicais de quem são amigos», disse ao «DL» um responsável sindical da Função Pública.

O arbítrio na contratação de pessoas exteriores ao Ministério chegou a uma situação em que não se consegue distinguir o estatuto concreto dos milhares de trabalhadores que prestam esses serviços ao MAFA. As situações são as mais diversas, as remunerações não correspondem a quaisquer critérios públicos e, muitas vezes, não obedecem a contratos de tarefa por tempo determinado.

Existem centenas, senão milhares (ninguém sabe) de trabalhadores sem quaisquer regalias sociais há quatro e cinco anos; uns recebem por avença, outros são pagos de seis em seis meses; outros trabalham dois meses e dizem-lhes para voltarem três meses depois etc.

Para os sindicatos, o caso destes trabalhadores tem que ser resolvido de acordo com legislação já existente. Está publicado um despacho ministerial que obriga à integração no quadro de todos os tarefeiros com mais de três anos de serviço, completados até certa altura. Nenhum dos trabalhadores nessas condições foi integrado até agora, mas há pelo menos um caso de um consultor jurídico que não as preenchia e passou recentemente ao quadro do Gabinete de Planeamento...

Desrespeito da lei

Por outro lado, o ministro determinou a cessação de admissões de tarefeiros e a não renovação dos contratos dos que entraram depois de Novembro de 1983. Em função deste despacho diversos trabalhadores foram postos na rua, mas muitos outros foram entretanto admitidos, nomeadamente pela mão de alguns secretários de Estado do Ministério...

Mas para lá destes tarefeiros, que prestam serviço efectivo há longo tempo e cuja integração nos quadros ninguém contesta, existem outros cuja situação é considerada «uma autêntica aberração» por técnicos superiores do MAFA. «Há cá mais de mil reformados que se mantêm ao serviço, até no gabinete do ministro, e que além da sua pensão são pagos à tarefa», afirma o mesmo técnico. «Num ministério onde se fala tanto em pessoal excedentário, não se percebe como é que se encomendam tantos serviços lá fora e como é que se mantêm em funções tantos reformados que bloqueiam a progressão nas carreiras e travam o rejuvenescimento das chefias», acrescenta uma fonte sindical.

Finalmente, existe um número indeterminado de indivíduos, do género dos referidos no início deste texto, cuja ligação ao ministério só teria cabimento em termos excepcionais. «Só que aqui a excepção tornou-se a regra e o ministro transformou em rotina a utilização de estranhos que se servem de pessoal e dos meios do ministério — e por vezes de estudos já aqui elaborados, que se limitam a copiar — para ganhar rios de dinheiro», garantiu-nos outra fonte.

Política desastrosa

A política de Álvaro Barreto é de tal modo desastrosa, referem alguns trabalhadores, que até os seus colaboradores mais próximos acabam por ser cilindrados e se virar contra ele. De acordo com as mesmas fontes, esse seria o caso do recém-exonerado director-geral dos Serviços Centrais, Luís Santiago, que «foi responsável por muitas medidas altamente contestadas pelos funcionários e foi responsável pela criação de centenas de excedentes aquando da criação da sua direcção geral.»

Tudo indica — sublinham dirigentes sindicais da função pública — que Álvaro Barreto quer esvaziar o ministério das suas funções e competências, entregando a empresas e técnicos privados muito do trabalho que lhe compete.

Presentemente, para lá dos casos já referidos, tornou-se norma os serviços recusarem a elaboração de estudos técnicos e económicos destinados a cooperativas e associações. Essa é a orientação do ministro e o resultado dela é que esses estudos são entregues a empresas às quais estão ligados certos técnicos do ministério. Os estudos acabam por ser feitos — às vezes nas horas de serviço — por esses técnicos e depois são apreciados para atribuição de subsídios pelos próprios...

O rol de situações exemplares poderia alongar-se. A conclusão seria sempre a mesma: Barreto desrespeita toda a legislação sobre carreiras dos funcionários, impede a valorização e a formação profissional dos trabalhadores, desperdiça os valiosos recursos humanos de que dispõe e agrava a desmotivação dos trabalhadores.

Como objectivo — insistem os sindicalistas —, só se vislumbra um: esvaziar as funções do MAFA e favorecer interesses alheios ao ministério.

Uma diferença de 10 pontos

Função Pública não aceita proposta governamental

A Federação dos Sindicatos da Função Pública, afecta à CGTP, considerou inaceitáveis os aumentos salariais propostos pelo Governo.

Hermínio Fernandes, porta-voz da Federação, disse que «a proposta governamental aponta para 15 por cento de aumento na massa salarial, com retroactividade a 1 de Janeiro deste ano, 14 por cento no caso das diuturnidades, que passariam a ser de 1710 escudos, e 10,5 por cento para o subsídio de refeição, elevando-o a 210 escudos».

Referiu que a Federação da Função Pública defende um aumento de 25 por cento dos salários reais, acrescentando que «o aumento dos salários deverá cobrir a inflação verificada em 1985 e ainda repor o poder de compra perdido em anos anteriores».

A proposta do secretário de Estado do Orçamento «não visa aumentar o poder salarial dos trabalhadores da Função Pública», salienta o mesmo porta-voz, considerando «inaceitável que a base de negociação seja o valor da inflação previsto pelo Governo para 1986».

O porta-voz sindical disse ter sido convocado, para 22 de Janeiro, um plenário de dirigentes sindicais.

Enfermeiros dispostos a endurecer posições

O Sindicato dos Enfermeiros vai convocar uma greve nacional se o Ministério da Saúde não se dispuser, rapidamente, a negociar várias pretensões da classe — anunciou ontem, em Coimbra, esta estrutura sindical.

As direcções das quatro estruturas sindicais dos enfermeiros existentes no Continente e na Região Autónoma da Madeira reuniram-se em Coimbra e acusaram o Ministério da Saúde de «fugir ao diálogo».

Inflação em 85 foi de 19,3

O índice de preços no consumidor aumentou 19,3 por cento em 1985, valor significativamente inferior aos 29,3 por cento registados em 1984 — revelou ontem o Instituto Nacional de Estatística.

A taxa anual de inflação ficou aquém das expectativas do Governo, o qual tinha apontado 22 por cento como objectivo a atingir em 1985.

Esta situação verifica-se também em relação ao aumento médio dos preços entre Dezembro de 1985 e o mesmo mês de 1984.

Neste caso, os preços aumentaram 16,9 por cento, enquanto que o Governo tinha prevista uma taxa de 20 por cento.

Em 1985, os maiores aumentos de preços verificaram-se na classe do vestuário e calçado (mais 23,3 por cento que em 1984), logo seguida da classe diversos — que inclui os gastos em saúde, transportes e comunicações — (21,9 por cento) e das despesas da habitação (20 por cento).

A alimentação e bebidas, a classe com maior peso no cálculo do índice, registou a subida mais ligeira — 17,7 por cento.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc.º 76/83-Ex
3.º Juízo
1.ª Secção

O DOUTOR MANUEL JOAQUIM OSÓRIO, Juiz de Direito do terceiro Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que, na execução de sentença, que corre seus termos pela primeira secção deste juízo, em que é exequente EURICO SOEIRO DE AMORIM PAIS MAMEDE e executada JOSÉ RIBEIRO — INDÚSTRIAS E COMÉRCIO, com sede na Av.ª de Pádua, n.º 14 em Lisboa, foi designado o dia 3 de Março próximo, pelas 10.00 horas, em Lisboa, à porta deste Tribunal, sito na Avenida Almirante Reis, número cento e trinta, quarto andar esquerdo, para ser posta pela primeira vez em praça e arrematada pelo maior lanço que for oferecido, superior ao que se indica do bem penhorado à referida executada: — VERBA ÚNICA — uma mesa vibradora, eléctrica, para fazer pré-fabricados, avaliada em dois mil contos.

O bem encontra-se na sede da executada, à guarda do fiel depositário, Senhor Ilídio Godinho Ribeiro.

LISBOA, 7 de Janeiro de 1986.

O JUIZ DE DIREITO,

Manuel Joaquim Osório

A Escriturária

(assinatura ilegível)

D.L. 16/1/86 — 2.ª Pub.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	55$60	61$60
ALEMANHA FED (marco)	63$55	64$75
AUSTRIA (xelim)	8$95	9$15
BÉLGICA (franco)	2$946	3$146
BRASIL (cruzeiro)	$007	$017
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	111$10	113$60
(notas de 5 a 1000)	111$60	114$10
DINAMARCA (coroa)	17$35	17$75
ESPANHA (peseta)	$990	1$110
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	156$30	159$80
(notas de 5 a 1000)	156$80	160$30
FINLÂNDIA (marka)	28$80	29$40
FRANÇA (franco)	20$70	21$40
HOLANDA (florim)	56$40	57$50
IRLANDA (libra)	195$80	199$80
ITÁLIA (lira)	$085	$095
JAPAO (iene)	$747	$782
NORUEGA (coroa)	20$55	21$05
REINO UNIDO (libra)	226$10	230$60
SUÉCIA (coroa)	20$50	21$00
SUIÇA (franco)	75$15	76$65
VENEZUELA (bolívar)	9$25	10$25

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

24 HORAS

Medidas de segurança

AS autoridades alemães-federais aumentaram as medidas de segurança nos aeroportos do país e nas fronteiras devido aos recentes atentados em Roma e Viena, afirmou o ministro alemão do Interior, Friedrich Zimmermann. Entretanto o jornal espanhol «Diario-16», citado pela agência Tass, diz que persiste o estado de alerta nas bases norte-americanas em Espanha devido a eventual intervenção dos Estados Unidos na Líbia.

Lesoto desmente

O pequeno reino africano do Lesoto, cujas instalações governamentais foram ontem cercadas por soldados armados, desmentiu rumores de golpe de Estado e referiu tratar-se de exercícios militares. Fontes diplomáticas Ocidentais comentam que esta movimentação militar poderá constituir um teste à eficácia das Forças Armadas do país, actualmente em contencioso com a África do Sul.

Porta-aviões soviético

A União Soviética terminou o seu primeiro porta-aviões de dimensões normais e começou a construir um segundo, informou a Secretaria norte-americana da Defesa. O primeiro porta-aviões soviético foi construído nos estaleiros do mar Negro e concluído em princípios de Dezembro, mas não estará operacional almão dentro de quatro anos provavelmente, acrescentou o Pentágono.

Referendo argelino

NUM referendo que hoje decorre, prevê-se que os 10 milhões de eleitores argelinos dêem um apoio maciço a um plano de revisão do desenvolvimento da Argélia — informa a agência Reuter. O referendo tem por objectivo votar a «Carta Nacional» que reflecte uma mudança significativa no sentido de uma política socialista mais pragmática e de uma intensificação do papel do Islão.

Protesto anti-NATO

O Partido Comunista espanhol apelou a um protesto nacional contra a presença do seu país na NATO para o próximo dia 4 de Fevereiro, afirmou o porta-voz Francisco Palero. De referir que a adesão da Espanha à Aliança Atlântica, em 1982, suscitou grande polémica e o actual governo socialista prometeu um referendo, a realizar no próximo mês de Março, sobre a continuidade da Espanha no Pacto do Atlântico Norte.

Três mortos no País Basco

TRÊS presumíveis membros de um comando terrorista da ETA-Militar foram ontem mortos num recontro com a Guarda Civil na auto-estrada Bilbau-Behovia, província de San Sebastian.

Os membros do comando — uma mulher e dois homens — foram descobertos por uma patrulha da Guarda Civil pouco depois de terem perpetrado um antentado contra um camião com matrícula francesa.

China rejeita tratado

A República Popular da China rejeitou novamente as propostas soviéticas de assinatura de um tratado de não-agressão mútua com este país. A intervenção soviética no Afeganistão, a sua presença militar na fronteira conjunta sino-soviética o apoio moscovita à intervenção do Vietname no Campuchea são para a China os obstáculos principais que impedem a normalização das relações entre a China e a União Soviética, salientou um porta-voz oficial.

Exortação do Papa

O Papa João Paulo II exortou os participantes na sessão do colégio de Defesa da Nato a trabalharem pela promoção da Paz e da irmandade universal. «Espero que o vosso contacto com pessoas de diversos países vos capacite para aprofundar a consciência da comum vocação que compartilhamos em promover a paz, uma vocação que aponta para o caminho da solidariedade, do diálogo e da irmandade universal, para olhar para além de nós próprios, para compreender e apoiar os outros», disse o Papa, durante a audiência pública de ontem.

Conversações sobre desarmamento

Plano soviético visa erradicar armas nucleares até ao ano 2000

O líder soviético Mikhail Gorbachev propôs um plano em três fases para a erradicação das armas nucleares até ao ano 2000, o qual deverá ser analisado nas conversações sobre controlo de armamentos que hoje são retomadas em Genebra.

Em Washington, autoridades norte-americanas reagiram cautelosamente à proposta do Kremlin, apresentada ontem e o Presidente Ronald Reagan disse ter reservas quanto ao plano mas prometeu estudá-lo.

O governo japonês saudou a proposta de Gorbachev, mas recusou fazer grandes comentários, referindo que alguns pontos precisam de ser esclarecidos.

O plano em três fases é o primeiro proposto pela URSS que prevê a retirada de mísseis de médio alcance soviéticos e norte-americanos da Europa sem exigir a retirada simultânea dos arsenais francês e britânico.

No entanto, Gorbachev fez depender a primeira fase do plano da renúncia por parte dos EUA e da URSS à colocação de armas no espaço — um ponto que os norte-americanos têm repetidamente recusado.

A primeira fase do plano, que durará entre cinco a oito anos, prevê uma redução de 50 por cento dos mísseis estratégicos das duas superpotências e a limitação dos mísseis de longo alcance para não mais do que seis mil ogivas para cada uma das partes.

Esta fase propõe também a «eliminação completa dos mísseis de alcance intermédio da URSS e dos EUA na zona europeia, quer balísticos, quer de cruzeiro».

A segunda fase, que começaria em 1990 e duraria cinco a sete anos, exige que todos os Estados nucleares retirem os seus mísseis e que poíbam as armas não-nucleares cuja capacidade destruidora seja comparável à dos arsenais atómicos — uma referência aparente aos lasers.

A terceira fase, que começaria em 1995, prevê a eliminação de todas as restantes armas nucleares mundiais e um acordo universal para que elas nunca mais sejam instaladas.

Este plano de desarmamento é possível apenas se a URSS e os EUA renunciarem mutuamente ao desenvolvimento, testes e instalação de armas ofensivas no espaço» — salientou Gorbachev.

Além das medidas propostas para a redução das armas nucleares, o líder do Kremlin propôs também a eliminação das armas químicas e a limitação das armas convencionais.

A verificação do cumprimento destas medidas por cada país seria feita através de «meios técnicos nacionais» (satélites) e inspecções nos locais — indicou — Gorbachev.

«Esta proposta não é, de nenhum modo, simples para nós» — frisou o líder soviético. «No entanto, a humanidade está numa fase crucial da nova era espacial e é tempo de abandonarmos a idade da pedra, quando a principal preocupação era ter um pau maior ou uma pedra mais pesada».

O plano apresentado tem como objectivo «tornar possível que a humanidade se aproxime do ano 2000 com céus e um espaço pacíficos, sem recear ameaças nucleares, químicas ou outras de aniquilação, plenamente confiante da sua própria sobrevivência e da preservação da raça humana — concluiu Gorbachev.

Moratória soviética

A União Soviética decidiu entretanto prorrogar por mais três meses a sua moratória unilateral sobre testes nucleares — anunciou a agência Tass.

Segundo a agência soviética, a prorrogação da moratória, que expirou a 31 de Dezembro último, foi anunciada pelo secretário-geral do comité central do Partido Comunista, Mikhail Gorbachev, e vigorará no futuro se os Estados Unidos puserem termo aos seus testes nucleares.

Tentativa de golpe falhada

Violentos combates prosseguem no Iemen do Sul

Tropas leais ao presidente sul-iemenita, Ali Nasser Mohammed, continuam hoje a travar violentos combates contra rebeldes envolvidos num tentativa de golpe de Estado.

Fontes marítimas no Golfo Pérsico referiram que os combates envolvem principalmente a Marinha e a Força Aérea contra o Exército.

Um diplomata árabe em Sanaa, a capital do lémen do Norte, disse que os confrontos alastraram a todas as seis províncias do lémen do Sul.

Por outro lado, fontes diplomáticas no Bahrain indicaram que as Embaixadas italiana, britânica e soviética no lémen do Sul ficaram danificadas em resultado dos combates e que um diplomata argelino morreu durante um tiroteio numa rua de Aden.

Citando «fontes de confiança», a agência noticiosa do Kuwait salientou que o golpe de Estado fracassou e que o presidente Nasser Mohammed, de 49 anos, «está de boa saúde».

Inicialmente, afirmava-se que o Chefe de Estado sul-iemenita tinha ficado ferido numa tentativa de assassínio perpetrada na segunda-feira.

Entretanto, a rádio estatal de Aden retomou hoje as suas emissões para garantir que os quatro principais implicados na intentona foram executados.

Contudo uma emissora controlada pelos rebeldes assegurou que os mentores do golpe estão vivos, incluindo o ex-presidente Abdul Fatta Ismail.

O primeiro-ministro do lémen do Sul, Haider Abu Bakr Al-Attas, que se encontrava na Índia quando ocorreu o golpe, partiu ontem para Moscovo, afirmando que «as coisas estão a melhorar e estão sob o controlo do Governo.»

Al-Attas advertiu que nenhum país estrangeiro deveria envolver-se na situação, mas o líder líbio Moammar Khadafy disse desejar «intervir para acabar com o lamentável derramamento de sangue» no lémen do Sul.

Khadafy pediu ao governo de Sanaa autorização para que tropas líbias desembarcassem no lémen do Norte, podendo desse modo ter acesso ao lémen do Sul.

"Declaração da Guatemala" visa a paz na América Central

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da América Central assinaram a chamada «Declaração da Guatemala» apresentada como um novo impulso para a subscrição de um tratado de paz nesta área.

A assinatura da «Declaração da Guatemala» foi dada a conhecer numa conferência de Imprensa de ministros dos Negócios Estrangeiros do Grupo Contadora (Panamá, México, Venezuela e Colômbia) e do grupo de apoio (Brasil, Argentina, Peru e Uruguai).

A «Declaração da Guatemala» foi preparada como suporte do «Documento Caraballeda», onde se pede a suspensão do apoio externo às forças irregulares da América Central, o congelamento na aquisição de armas, a suspensão das manobras militares internacionais, a redução progressiva da presença de assessores militares estrangeiros e o compromisso de não agressão entre as nações do istmo.

Combates entre cristãos no Líbano

Atiradores pró-sírios atacaram hoje o reduto do presidente Amin Gemayel nas montanhas, por entre notícias de que 200 pessoas morreram em recontros entre forças cristãs rivais no Líbano.

A emissora cristã «Voz do Líbano» disse que disparos de artilharia atingiram a aldeia de Bikfaya, feudo tradicional da família do presidente libanês.

Fontes das milícias dizem que pelo menos 45 pessoas morreram nos combates travados na quarta-feira entre cristãos, mas os jornais dizem que o balanço das vítimas ascende a 200 mortos e 600 feridos.

Os combates entre cristãos vem lançar dúvidas quanto ao pacto assinado entre milícias drusas, cristãs e xiitas para por fim a mais de dez anos de guerra civil no Líbano — comentam hoje os jornais.

NOTAS INTERNACIONAIS

A morte lenta de Tombuctu

Há muito tempo foi um florescente porto fluvial. Hoje a cidade de Tombuctu está a ser devorada pelo deserto. Os nómadas que chegavam à cidade vindos do Norte, vivem agora uma existência de escravos no Sul do Mali.

Alan Raka

Serviço «Gemini News» / «D.L.»

Tombuctu fica no fim do mundo. A cidade transformou-se num forte solitário dentro do Mali, desesperadamente tentando lutar contra o avanço do Sara. Mas o deserto cercou-a e a antiga cidade de mouros e tuaregues permanece sozinha esperando um qualquer milagre que assegure a sua sobrevivencia.

Tombuctu foi durante seculos o grande misterio de África. Nos anos que medearam a queda do Império Romano e o seculo XV a Idade Media europeia — caravanas arabes regressavam com historias sobre civilizações africanas na fronteira do Sara, a riqueza fabulosa dos reis, dos palácios cobertos a ouro.

Os historiadores árabes promoveram-na a mito e nao hesitaram em descrevê-la como uma cidade de estudantes, sábios e mercadores. E os comerciantes arabes que regressavam com ouro provavam que o precioso metal existia mesmo, algures para lá do Sara.

Tombuctu foi conquistada pelos Songai, que a transformaram no centro do seu Império, nos seculos XIV e XV, atingindo o seu maior esplendor sob o Governo do Imperador Asika, O Grande (1549-1582).

Entre 1585 e 1853, quarenta e três exploradores europeus tentaram atingir a cidade, mas so quatro regressaram para contar o que viram. Os restantes, ou pereceram no deserto ou morreram às mãos dos temiveis tuaregues.

René Caille, um jovem francês efeminidado, disfarçado de árabe e passando por escravo muçulmano fugido do Egipto, foi o primeiro a atingir Tombuctu e a regressar com vida, apesar dos contratempos do deserto e de cinco meses de padecimento com escorbuto.

Chegou a Tombuctu em Abril de 1828 e escreveu na altura: «A misteriosa cidade, que foi objecto da nossa curiosidade durante tantos anos, e que tão exageradas especulações provocou, esta situada numa imensa planície de areia branca e nao tem outra vegetaçao para alem de arvores raquiticas e alguns arbustos. Procurei por todo o lado para concluir que o que via nao correspondia às minhas expectativas. Fazia uma ideia totalmente errada da grandeza e da riqueza de Tombuctu».

Esta discrição ajusta-se hoje ainda a cidade, onde 20 mil habitantes são regularmente fustigados pelas tempestades de areia que ameaçam submegir os seus edificios tristes para toda a eternidade.

Os habitantes, quase duas vezes mais do que no tempo de Caille, levam uma existencia precária. Os campos agrícolas foram devorados pelo deserto, o gado morreu na sua maioria e dependem quase exclusivamente do número crescente de turistas que demanda a cidade perdida.

Em tempos, Tombuctu foi um florescente porto fluvial no termo das pistas de caravanas do deserto. Uma série de canais ligavam-na ao rio Niger, mas o ultimo secou em meados dos anos sessenta. Mas em 1973, quando a grande seca começou, Tombuctu era ainda um grande mercado florido. Hoje, o outrora rico solo está coberto de areia e nada cresce nele.

Há alguns anos, os nomadas tuaregues levaram milhares de cabeças de gado para o norte da cidade, agora 60 por cento desse gado morreu e o resto foi levado para o sul, abandonando a cidade pelas maos dos tuaregues que outrora a aterrorizaram (Os tuaregues nunca ocuparam Tombuctu, mas na Idade Media assaltavam-na regularmente, sempre que precisavam de alimentos, mulheres ou dinheiro. Aplicavam ainda impostos por cada camelo que entrasse ou saisse da cidade, fazendo com que os seus habitantes vivessem no permanente temor de serem levados como refens.)

A biblioteca da cidade ainda tem importantes manuscritos e textos religiosos, preservados desde os tempos pre islâmicos, quando Tombuctu era um centro de ensino. Nas suas paredes permanece escrita uma homenagem a Ali Baba, um dos estudiosos capturado e levado para o exilio, em Fez, por invasores marroquinos.

Breves momentos de chuva, em Junho do ano passado, foram os primeiros em 20 anos, dando algum verde aos campos, rapidamente apagado pelo calor intenso que atinge os 43 graus a sombra.

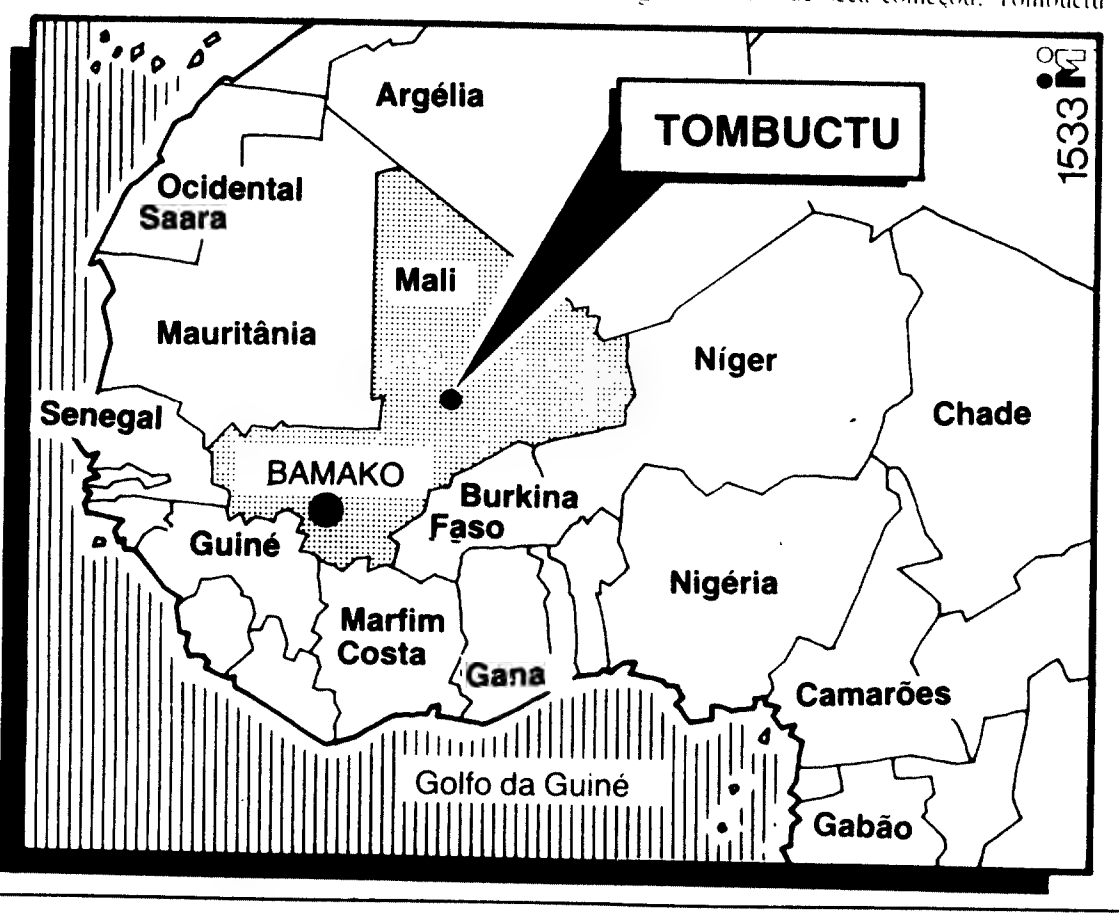
Alguns leoes, elefantes e girafas podiam ainda ser encontrados ha alguns anos proximo do rio Niger, não muito longe de Tombuctu. Mas ate eles pereceram ou fugiram.

O auxilio alimentar de emergência terminou em Setembro do ano passado, quando no sul do Mali as chuvas permitiram a primeira recuperação dos campos agricolas. Hoje a cidade ja nao se mantem acordada pelo rumdo dos grandes avioes militares que chegavam da Argelia e da Italia. Mas nada disto veio resolver os problemas de Tombuctu.

O governador da regiao, um militar do fertil sul, guia os visitantes num comboio de veiculos de tracçao as quatro rodas. Quando um deles deixa de andar, todos os outros param automaticamente: uma falha no terreno do deserto pode representar um desastre para muitas pessoas.

Os tuaregues, em tempos orgulhosos proprietarios de gado ou guerreiros do deserto, estao agora nos campos de arroz irrigados a partir do Niger. Vagueiam num regime de semiescravidao, trabalhando das 8 da manha as 4 da tarde sob um sol escaldante e fustigados por ventos quentes, sonhando talvez com aqueles dias em que eram os senhores de Tombuctu e do grande Sara, exercendo o seu dominio em regiões que se estendiam ate a Argelia e ao Marrocos.

Agora, os negros do sul, em tempos seus escravos, são quem dita as leis que governam o seu dia-a-dia.



Estrela da Amadora: "prémio" por derrota?

Contado, poucos acreditariam: mas foi mesmo verdade. Após o jogo que o Estrela da Amadora efectuou, na Madeira, perante o União (derrota dos continentais, por 2-0) o presidente da colectividade da Amadora ofereceu a cada um dos seus futebolistas a quantia de três contos «para umas comprazitas para a família». Olha se a moda pega!

Tonanha volta ao Bessa

Bonito gesto comum: João Alves recebeu em sua casa o futebolisa brasileiro Tonanha, que lhe apresentou desculpas pela atitude de irreverência recentemente assumida durante um treino do Boavista. Seguidamente, o dianteiro axadrezado dirigiu-se ao Bessa e também pediu desculpa aos companheiros, pela acção de contestação que tivera. Agora, tudo na calma: Tonanha voltou ao trabalho e o processo movido pela direcção do Boavista, embora aponte para determinada penalidade ao jogador, ficará encerrado.

Futebolista irradiado

O futebolista Joaquim de Sousa Melo (do Desportivo de Resende) foi irradiado da modalidade pela Associação Distrital de Viseu, por agressão a um árbitro. O incidente ocorreu em 10 de Novembro, durante o jogo que o Desportivo de Resende disputou no seu campo com o Carregal do Sal, a contar para a a 2.ª divisão distrital de Viseu, e em que o atleta agora punido desempenhou a função de «capitão». A Associação de Futebol puniu ainda o Desportivo de Resende com a derrota no referido jogo.

Pimenta Machado recebe apoios

A direcção do Vitória de Guimarães lamentou **a génese da deliberação de 13 de Janeiro** da Câmara da cidade, que considera movida **apenas por intuitos revanchistas e de vingança pessoal.** Um comunicado da direcção vimaranense condena o teor da deliberação camarária em causa **por assentar em dados totalmente falsos** e responsabiliza o executivo municipal **pelos possíveis efeitos desestabilizadores que a mesma deliberação possa ter no seio do clube.**

A Câmara Municipal de Guimarães deliberou recentemente mover um processo judicial ao presidente do Vitória vimaranense, Pimenta Machado, por se considerar caluniada por afirmações deste dirigentes desportivo, segundo as quais a autarquia não tem apoiado o clube da forma mais desejável. Entretanto, trinta industriais da região participaram ontem num jantar de apoio a Pimenta Machado, a cujo clube prometeram auxílios financeiros. Os industriais pediram ao homenageado que não abandone o cargo de presidente do Vitória de Guimarães.

Itália: libertado Gilmar

Gilmar Rinaldi, guarda-redes do São Paulo e da selecção olímpica brasileira de futebol, foi posto em liberdade e com a permissão de sair da Itália, depois de ter sido acusado de evasão de divisas. Gilmar havia sido preso na passada 2.ª feira no Aeroporto Internacional de Roma, no momento do embarque com destino ao Brasil, por transportar consigo 5300 dólares (cerca de 668 mil escudos) sem o ter declarado as autoridades. No interrogatório, Gilmar confessou que trouxe os dólares do Brasil para comprar «presentes» para os amigos e familiares, mas que lhe sobrou muito dinheiro. Gilmar deveria viajar juntamente com o seu compatriota e futebolista Paulo Roberto Falcão, que esteve na capital italiana para saldar contas com o Roma.

Milão à beira da falência

O AC Milão necessita com urgência de 6,5 milhões de dólares (cerca de um milhão de contos) se quiser evitar a falência. O AC de Milão (fundado em 1899) tem salários em atraso com os futebolistas e ainda não pagou na totalidade as transferências dos ingleses Mark Hateley e Raymond Wilkins. A situação financeira é crítica e já motivou a demissão do presidente do clube, Giussy Farina. O presidente interino (Rosário Verde) pretende encontrar auxílio financeiro junto do «milionário» Silvio Berlusconi, dono das três maiores televisões privadas italianas.

Râguebi já forma doutores

A Universidade de Toulouse Le-Mirail (no sul de França) recebeu o râguebi com todas as honras, graças a uma tese de doutoramento, da autoria de Jean-Pierre Bodis. O júri concedeu uma «menção especial» à tese do professor Bodis (de 43 anos) que se intitula: «o râguebi: política e sociedade no Mundo, desde as origens aos nossos dias» (1972).

De acordo com Bodis, a história do râguebi começa em 1871, em Edimburgo, após uma larga pré-história nas escolas privadas e universidades britânicas. A tese analisa (igualmente) a implantação da modalidade nas localidades mineiras do País de Gales, o que terá originado a distinção clássica entre « o râguebi dos pobres e o râguebi dos ricos».

Preparando campanha mexicana

Espanhol vem arbitrar o Portugal-Finlândia

Foi hoje divulgado: uma equipa de arbitragem espanhola dirigirá o encontro particular Portugal — Finlânida, no próximo dia 22, em Leiria, de preparação para o «Mundial» de futebol «México-86». Na reunião do Gabinete Técnico da FPF, foi também decidido que equipas espanholas de arbitragem serão também solicitadas para os restantes dois jogos internacionais de preparação que a selecção tem programados.

Imediatamente após a jornada do próximo domingo será divulgada a lista dos 18 jogadores para Leiria, os quais se concentram às 15 horas de 2.ª feira num hotel de Lisboa, devendo seguir na 3.ª feira de manhã para aquela cidade, após uma sessão de treino de conjunto marcada para às 10 horas, no Estádio Nacional. Entretanto, a selecção finlandesa chega a Portugal na 2.ª feira, às 15, só viajando para Leiria no dia do encontro, que se realizará no Estádio Municipal da cidade.

Calendário muda

O Feirense - Beira Mar, da Zona Centro do nacional da 2.ª divisão, foi antecipado para sábado, às 15 horas realizando-se no mesmo dia mais os seguintes encontros do 3.º escalão: Bragança - Cachão, Mirandela -Macedo de Cavaleiros e Lixa -Marco, às 15 horas e Anadia -Poiares, às 15 e 30; Juniores: Gouveia - Águeda, às 15 horas; Juvenis: Paços Ferreira - Régua, Braga - Chaves, Repesenses -Boavista e Seixal - Estoril Praia, às 15 horas.

Alterações introduzidas nos calendários de domingo da 2.ª divisão: Moreirense - Tirsense, em Caldas de Vizela, e União de Coimbra - União de Santarém, no Estádio Universitário de Coimbra, ambos às 15 horas: Na 3.ª divisão: União de Lamas - Sanjoanense, em Paços de Brandão, Rio Maior - Benfica e Castelo Branco, em Amiais de Baixo e Odivelas - Campomaiorense, em Arieira, Loures, todos às 15 horas. O jogo de juniores União de Leiria - Bombarralense, da jornada do dia 25, foi antecipado para domingo, às 11 horas, disputando-se no campo de treinos do Municipal de Leiria.

Veteranos no Brasil

Uma selecção portuguesa de veteranos, que inclui Eusébio e Seninho (antigo jogador do Cosmos de Nova Iorque e do FC Porto) segue hoje para o Brasil, onde vai disputar dois jogos. A delegação portuguesa, que regressa no dia 29, integra 16 jogadores: José Henrique, Benje, Zeca, Marques, Caíça, José Eduardo, Simões, Seninho, Eusébio, Zezinho, Carlos Manuel, irmãos Campos (Mário e Vítor), Rachão, Fernando Peres e Almeida. A selecção de veteranos desloca-se ao Brasil a convite de uma cadeia de televisão local e com o patrocínio da TAP.

Os portugueses defrontam a selecção nacional de veteranos do Brasil em dois jogos: domingo, em S. Paulo, e no dia 26, em Campinas ou Santos.

Mais «chicotadas»

Fernando Mendes rende Bernardo (no Cova da Piedade) e António Baguinho toma o lugar de Luís Guerreiro (no Alverca). É isto: cotinua o tempo das «chicotadas pricológicas»?

Lamego: despedida de Rolando

Rolando, antigo jogador do FC Porto e actual treinador do Sporting de Lamego, rescindiu amigavelmente o contrato com a direcção do clube.

A equipa passa a ser provisoriamente orientada por dois dos mais antigos jogadores do clube, os defesas Botelho e Santos.

Operário-Camarate: «Dia do Clube»

A direcção do Clube Operário de Futebol, deliberou considerar como «Dia do Clube», o encontro com o Camarate, a realizar no próximo domingo, dia 19, no seu parque de jogos, pelo que os seus associados terão que se munir do respectivo bilhete especial. Este jogo contará para a 13.ª jornada do campeonato distrital da 1.ª divisão da A.F.L.

Tony Barnabé ensina golfe a crianças

Cerca de 3000 crianças de todo o país vão iniciar-se este ano na prática do golfe, disputando os 30 melhores uma «finalíssima» em Dezembro, afirma Tony Barnabé, responsável pela iniciativa. O antigo jogador profissional inicia hoje, em Ameixial, a iniciação ao golfe a mais de 400 crianças do concelho de Loulé, região que vai ter três «clínicas» da modalidade. Tony Barnabé vai percorrer muitos concelhos do país durante todo o ano, iniciando milhares de crianças na prática desportiva do golfe. As crianças vão ter sessões práticas e teóricas, entrando na actividade num pequeno «driving-Range» de três buracos, e assistindo a sessões de videotape. Todos os participantes vão receber lembranças, desde pastas e escovas de dentes a camisolas e material didáctivo.

«**Com esta iniciativa, pretendemos levar as crianças a jogar golfe na sua própria terra**», declara Tony Barnabé, salientando que a iniciativa tem a colaboração das câmaras municipais de todo o país. Após a 1.ª fase, serão seleccionados os jovens jogadores que vão disputar as «meias-finais» de um torneio nacional (a realizar em campos de golfe do sul, centro e norte) e os 30 melhores qualificam-se para a «finalíssima», a disputar em Dezembro num campo da zona centro, sendo todas as despesas de deslocação e estadia da responsabilidade da organização.

Voleibol feminino derrotado

Na capital da URSS, a eqüipa feminina do Leixões foi derrotada (3-0) pela do CSKA de Moscovo, na 1.ª mão dos quartos de final da «Taça dos Campeões Europeus» (equipas femininas) de voleibol. A campeã portuguesa perdeu com os parciais 15-11, 15-2, 15-4.

Por cá, o Vitória de Guimarães foi batido (0-3) pelo Estrela Vermelha de Belgrado, também em jogo da 1.ª «mão» da Taça da Confederação Europeia de Voleibol feminino, disputado na cidade vimaranense. O conjunto jugoslavo venceu com os seguintes resultados parciais: 15-4, 15-7 e 15-3.

Desportivo das Aves contesta castigos futebolísticos

A direcção do Clube Desportivo das Aves protestou contra as multas que o Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol lhe aplicou: a colectividade foi punida com multas de 30 mil e 20 mil escudos, «**pela permanência de pessoas junto ao rectângulo e por distúrbios causados pelo público**», no jogo que disputou com o Belenenses, correspondente à 16.ª jornada do «nacional» da 1.ª divisão. O clube de Vila das Aves manifesta-se surpreendido com o castigo aplicado e declara não se ter registado qualquer incidente que o pudesse justificar.

«**Não ocorreu o mais pequeno incidente quer antes, quer durante, quer depois do referido jogo, como poderá facilmente ser confirmado junto da autoridade**», afirma a direcção do clube, em comunicado. Os avenses adiantaram que o castigo só poderá ser justificado por indevidas declarações do árbitro José Alves, de Braga. «**Somos levados a concluir que o árbitro do jogo, ao elaborar o seu relatório, terá (a coberto da sua impunidade) relatado factos falsos, com o intuito evidente de prejudicar o clube**», finaliza o comunicado.

Sob alçada do Conselho de Disciplina da Federação de Futebol, o professor Neca esteve fora do banco a ver os seus pupilos do Desportivo das Aves

Modalidades

Vamos nadar em Estrasburgo

Portugal estará presente na «Golden Cup/86», que se disputa em Estrasburgo (França) nos dias 17 e 18, através dos seguintes nadadores: João Santos (100 e 200m mariposa); Sérgio Esteves (100m mariposa e 100m livres); Sandra Neves (100 e 200m mariposa), Ana Barros (100 e 200m costas); e Alexandra Nogueira (Km Gvlden Cup e 100m mariposa). Eurico Perdigão (treinador) e José Vicente Moura (dirigente) acompanharam a equipa.

Atletismo: «Crosse Internacional de Lisboa»

Dando cumprimento ao seu calendário de provas a Associação de Lisboa vai promover no próximo sábado a partir das 10 horas, na pista de «cross» do Estádio Nacional, um conjunto de provas de corta-mato que designou «Cross Internacional de Lisboa», englobando simultaneamente o «encontro triangular», para atletas juvenis e juniores (mas. e fem.) — Lisboa/Aveiro/equipa espanhola.

Esta competição, que tem o ensejo de proporcionar contactos do mais alto nível insere-se no plano de valorização e enriquecimento do calendário competitivo da Associação, a imprimir na presente época

«Aos seus lugares»

A Associação de Atletismo de Lisboa vai promover, em colaboração com a D.G.D., um torneio aberto da modalidade, denominado «Aos seus lugares», que se destina a todos os jovens de ambos os sexos dos escalões de Infantis e Iniciados. As provas terão lugar no dia 25 do corrente, no Estadio Universitário, a partir das 15 horas.

Colectividades

Odivelas Futebol Clube

Para apresentação, discussão e votação do relatório e contas de 1984, analise da crise directiva e situação do complexo desportivo, realiza-se, no dia 18 do corrente, pelas 16 horas, na sede do Odivelas Futebol Clube, uma assembleia geral da colectividade.

Cristal para andebol

A selecção que vencer em Fevereiro o Grupo «C» de campeonato mundial de andebol, a disputar em Portugal, vai receber como troféu uma grande taça em cristal, oferecida por uma empresa da especialidade de Alcobaça e que será apresentado no dia 20, em Conferência de Imprensa, tem gravados os anéis olímpicos, o símbolo da Federação Portuguesa de Andebol, o «castiço» (mascote da prova) o emblema do Mundial (uma caravela estilizada) e a legenda «Portugal-Andebol Mundial 1986».

Em complemento: o presidente da República vai estar presente na cerimónia de abertura ou de encerramento do campeonato mundial. Ramalho Eanes aceitou o convite que lhe foi feito por dirigentes da comissão organizadora. A delegação que se deslocou ao Palácio de Belém era chefiada por Eduardo Saraiva, presidente da Federação Portuguesa de Andebol.

Hóquei português no Maputo

O benfiquista Pedro Mendes, que se estreou na selecção portuguesa, recebeu no Maputo, a taça destinada ao melhor marcador do torneio internacional «Amizade e Cooperação» em hóquei em patins. Pedro Mendes foi o melhor marcador da competição, com um total de 10 golos nos três jogos efectuados.

A turma nacional, que disputou o torneio com a Itália e com duas equipas moçambicanas, recebeu ainda as taças destinadas ao 2.º classificado e à formação mais disciplinada em campo. A entrega dos troféus foi feita no Pavilhão Estrela Vermelha pelo presidente do Comité Olímpico Moçambicano (Fernando Ganhão) e pelo secretário de Estado dos Desportos (José Júlio). Portugal perdeu na final da prova, frente à Itália, por 7-4, depois de ter ganho à selecção «A» de Moçambique por 12-2 e à selecção «B» por 15-1.

Basquetebol no "Guiness"

Uma equipa feminina turca de basquetebol vai tentar ser inscrita no livro «Guiness» de recordes. O facto é que a equipa do Município de Izmir derrotou por 135-0 a representação do Liceu de Goeztepe!

Brasil: escolhe-se hoje quem mandará no "escrete"

O Governo brasileiro poderá intervir na Confederação Brasileira de Futebol se as eleições, marcadas para hoje, não definirem em absoluto qual será o novo presidente daquele organismo desportivo. O sucessor de Giulite Coutinho na presidência da CBF será decidido pelos presidentes das 26 Federações de futebol dos diversos Estados federais, que podem optar entre o ex-director técnico da CBF (João Maria Medrado Dias, do Rio de Janeiro) e o vice-presidente da Federação de São Paulo e deputado Nabi Abi Chedid.

A campanha eleitoral dos dois candidatos ficou marcada por acusações mútuas de prática de irregularidades, tendo ambos ameaçado em impugnar as eleições se estas não lhes forem favoráveis. Uma impugnação das eleições e o recurso respectivo para os tribunais adiaria a nomeação do novo técnico da selecção brasileira de futebol, o que é considerado «inadmissível» pelo próprio governo que encara a hipótese de intervir na CBF, de forma a que a nomeação do técnico nacional e dos jogadores seja feita o mais cedo possível. O Brasil, um dos favoritos ao triunfo final no «Mundial» de futebol, no México, encontra-se sem técnico e sem jogadores convocados quando faltam escassos quatro meses e meio para a competição.

A vitória eleitoral está praticamente assegurada por Medrado Dias, após uma campanha em que estiveram em jogo pressões políticas e tentativas de suborno, neste caso com a denúncia de António Pithon (presidente da Federação da Baía) que disse ter recebido uma proposta de troca de voto por 180 000 dólares (28 000 contos). No início da votação, Medrado Dias conta com o apoio de 16 Federações: Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Baía, Brasília, Ceará, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Roraima e Segipe. O candidato paulista de origem árabe, Abi Chedid, tem promessa de voto das federações de Goiás, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Rondonia, Santa Catarina e São Paulo.

No caso da Federação do Rio de Janeiro, o presidente Octávio Guimaraes faz parte da lista de Abi Chedid: mas a pedido do seu amigo João Havelange (presidente da FIFA) poderá votar contra si próprio, e dar o apoio a Medrado Dias! E a incógnita permanece: Zagalo ou Telé Santana, quem vai escolher o «escrete canarinho»? Da manga de um vencedor das eleições de hoje sairá um outro técnico?

Carlos Barbosa (administrador do nosso prezado colega «Correio da Manhã») entrega troféus a Macedo e Cunha (Rali de Portugal / Vinho do Porto) e Aníbal Pedrosa (Rali Rota do Sol).

"Correio da Manhã" entrega troféus de automobilismo

O Automóvel Clube de Portugal, como organizador do Rali de Portugal/Vinho do Porto, recebeu, durante um jantar num hotel de Lisboa, o troféu «Correio da Manhã» de ralis relativo a 1985.

Este prémio, atribuído pela primeira vez em 1984, foi instituído por aquele matutino para premiar anualmente a melhor organização rali automóvel e a sua atribuição é decidida por um júri formado por profissionais da Informação, que acompanharam as provas durante o ano.

O Rali de Portugal totalizou 644,5 pontos, apenas mais meio ponto do que que a Volta Galp a Portugal. Em terceiro lugar na votação ficou o Rali Rota do Sol e em quarto o Rali Vinho da Madeira, respectivamente com 642,25 e 619,25 pontos, seguidos do Rali do Algarve, com 617,25.

A Volta a Portugal foi considerada a melhor em resultados oficiais, relações com a Comunicação Social, partidas e chegadas das etapas e segurança nas provas de classificação.

O Rali Rota do Sol, organizado pelo Clube Automovel da Marinha Grande, terceiro classificado na tabela geral final, recebeu entretanto, durante o referido jantar num hotel do centro de Lisboa, o premio instituido pela primeira vez em 1985 pelo semanario «Exito» e destinado ao melhor rali que nao ponhue nem para o Campeonato Europeu nem para o Campeonato do Mundo

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGAOS DE INFORMAÇAO

PARA O CONCURSO N.º 3/86 DE 19 DE JANEIRO DE 1986

Jornal do Sul 211 111 1XX 1X1X, A voz do Domingo 21X 11X 1XX 21X2, Noticias de Guimaraes 2XX 112 11X 2112, Radio Altitude 21X 11X 11X XX11, Litoral 2X2 11X 112 2XXX; Reconquista 211 11X 11X 2112, Ecos de Cacia 212 X1X 11X 2112, Correio de Coimbra 21X 112 111 21X2;

Jornal de Santo Tirso 211 X12 111 XX12, Voz de Lamego 212 11X 11X 1111, Noticias do Douro 212 X1X 111 1X1X; Gazeta das Caldas 21X XXX 111 X1XX, Diario de Lisboa X1X 11X 111 XX21; Clube da Manhã XXX 1X2 11X 212X, RDP/Secção Desportiva 2X2 11X 1X1 21X2, Tempo de Desporto 222 111 X1X X122; Manhã, Manhã 212 1XX 11X 212X; O Diario 212 X12 X11 122X, Radio Guarda 11X X22 2XX 1112, Pôr do Sol 21X X12 1X1 1X11, Panorama Desportivo 2XX 11X 111 X1X2, Eu Sei Tudo 21X 1X1 1X1 11X1, Defesa de Espinho 21X 112 X11 X111, O Algarve 21X X1X 111 111X, Jornal de Amarante 21X 112 11X 11X2, Folha do Domingo 212 11X 111 11X2, Penalti 21X 111 1X1 212X, O Mensageiro 212 11X 1XX 1XXX; A Defesa 212 11X 11X 1XX2, Linhas de Elvas 212 111 11X 1X21; Jornal da Beira 212 112 111 X1X2, Jornal de Sintra 212 11X 1X1 2121, Radio Totobola 212 XX2 1XX XX22, Correio do Vouga 212 11X 111 1112, Noticias de Chaves 211 X12 X12 X122; Diario de Viseu, X11 1XX 1XX X1X2, Noticias de Viseu, 211 1XX 11X 21X2, A Voz das Beiras 212 1X2 212 11X2; Grande Sabado 122 1X1 11X 11X1; Sintonia Desportiva 212 X1X XX1 11XX; Bola ao Centro 212 112 111 X112, Fotogramas X1X XX2 111 X11X, Palavra Puxa Palavra XXX 121 X1X X122, Fora de Jogo/Edição Especial de Sabado 21X 11X 111 1XX1, Bomerrangue 212 X1X X11 11XX, Programa da Manhã 21X XXX X11 X111, Canal Mais 21X 11X 11X 1211, RR/Desporto 212 X12 1XX 1X11, Diario do Desporto 2X2 112 112 X1XX, Bola Branca 21X 112 11X X1X2, Noticias de Felgueiras 21X X1X 11X X1XX, Jornal de Felgueiras 21X X12 1X1 211X, Jornal 1X2 21X 11X 11X X121, Noticias de Gouveia 2XX 211 X22 111X, A Ordem 21X 112 112 X11X, A Comarca de Arganil 212 X1X 11X 1X11, Dribling 2X2 1X1 11X X1XX, Diario de Coimbra 212 11X 112 2112, Guia do Apostador 21X 11X X1X X121, No Estudio e no Estadio 2XX X1X XX1 22XX, Gazeta de Felgueiras 2X2 112 11X 2222, Voz do Ave 21X 112 X11 2111, Radio Sports 212 11X 211 X111, Jornal da Lixa 22X 11X 111 X1X2, Cardeal Saraiva 21X 112 1X2 11X2, A Arte de Bem Madrugar 212 X1X X11 X1X2, O Comercio de Lerxoes 212 X1X 111 XX2X, De Tudo um Pouco 212 X12 1X1 X1XX, Jornal de Gaia 11X 11X 11X 112X, Jornal da Graça 2XX 112 X11 2X12, O Primeiro de Janeiro 2XX 111 XX1 21X2, Quadrante Norte 21X 112 XXX 11X2, Reporter do Dia 212 11X 111 2112, Resenha Desportiva 2X2 X11 11X 1X1X, Alvo Desportivo 212 1XX 1XX 11XX, Radio Alvo X1X 11X 1X1 1X22, Alvo X1X 111 111 X1X1, Alvo Suplemento 211 1X2 X1X X21X, A Voz dos Ridiculos 211 11X 111 X11X, Radio Placard 21X XXX 111 11X, Estudio 64 211 11X 11X 111X, O Jogo XXX X1X X1X 2XX2, Jornal de Noticias 21X 11X 111 X1X2

Assim vai o totobola

		RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS 1	BOLAS X	BOLAS 2 (*)
1	Penafiel-Porto	3	8	72	1	1	10
2	Benfica-Guimaraes	65	15	3	9	2	1
3	Chaves-Sporting	9	40	34	1	6	5
4	Covilhã-Setubal	57	25	1	8	3	1
5	Salgueiros Maritimo	66	15	2	9	2	1
6	Aves-Boavista	12	44	27	1	7	4
7	Braga-Belenenses	62	18	3	9	2	1
8	Academica-Portimonense	61	21	1	8	3	1
9	Gil Vicente-Vizela	29	36	8	5	6	1
10	Amarante Felgueiras	31	31	21	5	5	2
11	Ac Viseu-Est Portalegre	59	19	5	9	2	1
12	Lusitano-E Amadora	32	34	17	5	5	2
13	Torralta-Montijo	19	29	35	2	4	6

(*) – Nos termos do Art 14 do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos nao realizados na data do concurso as bolas entrarao na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa

A «chave» lógica será:
21X 11X 11X 1 ou X1X2

MEDICINAS ALTERNATIVAS
CURSOS

Abertas as inscrições para os seguintes cursos:
ACUPUNCTURA * NATUROPATIA * QUIROPRAXIA
OSTEOPATIA * HOMEOPATIA * IRIDOLOGIA
* Professores especializados nacionais e estrangeiros *
INSCRIÇÕES
I.M.N. — Av. Praia da Vitória, n.º 18 — 1.º Esq. * LISBOA
Telefone 55 40 87
* Cursos homologados pelas associações de classe *

ALBUQUERQUE & BANDEIRA, LIMITADA

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada no dia 30/12/85, e exarada a fls. 70v.º e seguintes do livro de notas 45-C, do Cartório Notarial de Moscavide, a cargo do Notário Licenciado, António Ramos Pires, MARIA DA ASSUNÇÃO RUIVO ALBUQUERQUE e MARIA ROSA DE JESUS MARQUES BANDEIRA FERNANDES, constituíram uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a firma em epígrafe, com sede na Rua Laureano de Oliveira, 17-B, freguesia de Moscavide, concelho de Loures, nos termos constantes dos artigos seguintes.

PRIMEIRO:
A Sociedade adopta a firma «ALBUQUERQUE & BANDEIRA, LIMITADA», vai ter a sua sede na Rua Laureano de Oliveira, número dezassete-B, freguesia de Moscavide, concelho de Loures, tem o seu início hoje e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO:
O capital social, já integralmente realizado em dinheiro e entrado na Caixa Social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas iguais de duzentos mil escudos cada, pertencente uma a cada sócia.

TERCEIRO:
A sociedade tem por objecto: «Exploração de snack-bar, café».

QUARTO:
A cessão de quotas é livre entre os sócios, ficando, desde já, dispensado o consentimento da sociedade para as divisões necessárias para o efeito. Porém, a cessão a favor de estranhos depende do consentimento da sociedade, que fica, neste caso, com direito de preferência, em primeiro lugar, e os restantes sócios em segundo;

ARTIGO QUINTO:
A gerência da sociedade será exercida por ambas as sócias que ficam, desde já nomeadas gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.
PARÁGRAFO PRIMEIRO: A sociedade fica validamente obrigada em todos os seus actos e contratos com as assinaturas conjuntas de ambas as gerentes.
PARÁGRAFO SEGUNDO: Os gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência noutro gerente ou sócio, ou mesmo em pessoa estranha à sociedade, mas, neste caso, só com o consentimento prévio de quem mais for sócio.
PARÁGRAFO TERCEIRO: É vedado aos gerentes obrigar a sociedade em abonações, avales, letras de favor, fianças ou outros actos e contratos estranhos ao objecto social.

ARTIGO SEXTO:
Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer e nas condições a acordar em Assembleia Geral.

ARTIGO SÉTIMO:
Em caso de falecimento ou interdição de algum dos sócios os seus herdeiros ou representantes nomearão um de entre eles, que a todos represente na sociedade, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

ARTIGO OITAVO:
Desde que a lei outras formalidades não exija, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por meio de carta registada com aviso de recepção, enviada a cada uma das sócias com a antecedência máxima de oito dias.
ESTÁ CONFORME

Cartório Notarial de Moscavide, 15/1/86.

O AJUDANTE

ANTÓNIO DE JESUS GOMES

D.L. 16/1/1986

SINDICATO DOS AGENTES TÉCNICOS DE ARQUITECTURA E ENGENHARIA

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos artigos 28.º e 35.º alínea a) do Estatuto e para cumprimento no disposto nos artigos 27.º alínea b) e 57.º, convoco os associados para reunir em sessão ordinária de ASSEMBLEIA GERAL a efectuar na Sede do Sindicato em LISBOA e nas Sedes das Secções Regionais no Porto e FUNCHAL, pelas **20.30 horas** do próximo dia **21 DE FEVEREIRO, com a seguinte**

ORDEM DE TRABALHOS

1 – **Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao Ano de 1985**
2 – **Eleição de Corpos Gerentes — Informações**
3 – **Informações Diversas**

Lisboa, 13 de Janeiro de 1986
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(HERMES ALBERTO RODRIGUES PALMA)

NOTA Nos termos estatutários o Relatório as Contas e o Parecer do Conselho Fiscal encontram-se patentes aos sócios na Sede do Sindicato e das Secções a partir do dia 6 de Fevereiro inclusive

Revelação belenense no futebol

Paulo Monteiro perante Proust

• **Qual é, para si o cúmulo da miséria?**
Ter comer e não dar.
• **Onde gostaria de viver?**
Onde estou. Sinto-me bem.
• **O ideal de felicidade terrena?**
Ser feliz, ter saúde e não ter problemas com ninguém.
• **«Heróis» de romance que prefere?**
Nesse campo, não tenho «heróis» mas no cinema prefiro Silvester Stallone.
• **Personagem histórico favorito?**
Luís de Camões.
• **Heroínas favoritas na vida real?**
A minha namorada...
• **Pintor preferido?**
Não indico nomes.
• **Músicos preferidos?**
José Cid, Roberto Carlos, Bruce Springsten e Dire Straits.
• **Qualidade preferida no homem?**
A honestidade.
• **Virtude que distingue?**
Humildade e trabalho.
• **Ocupação principal?**
Jogar futebol.

• **Quem gostaria de ter sido?**
Quando era criança, dizia que pretendia ser um grande jogador. Hoje, considero que isso está mais próximo, embora seja difícil conseguí-lo.
• **Principal traço do seu carácter?**
Ser calmo e, em cada pessoa que conheço, tentar arranjar um amigo.
• **Que mais aprecia nos seus amigos?**
A ajuda, quando me encontro em baixo, nos momentos difíceis.

• **O seu principal defeito?**
Tenho muitos...
• **Cor preferida?**
Branco.
• **Autores preferidos em prosa?**
Leio pouco e não tenho escolha especial.
• **Poetas que distingue?**
Nesse campo, muito menos.
• **Nomes preferidos?**
Gosto muito do nome de um país: Austrália.
• **O que mais detesta?**
As coisas más que surgem ao longo da vida. Mas, como nem tudo o que acontece é bom, portanto é necessário não detestar o que é ruim porque só assim é possível viver em harmonia com nós próprios.

Morte não trava a vida

Paris-Dacar: o espectáculo continua

O Rali Paris-Dacar será levado até ao fim, previsto para 22 do corrente na capital do Senegal, «**por desejo de Thierry Sabine**» — revela um comunicado oficial da organização da prova. Depois de confirmar a morte do principal responsável pelo Paris-Dacar, o comunicado da organização indica que Sabine «**viajava para velar pela segurança dos concorrentes depois de uma forte tempestade de areia**».

Tal como ontem o «DL» informou, Thierry Sabine (36 anos) e mais quatro pessoas pereceram quando o helicóptero em que viajavam se despenhou cerca de 8 quilómetros de Gurma-Rahus (no Mali) devido às más condições atmosféricas. O aparelho era tripulado pelo suíço François Xavier Bagnoud e nele seguiam também o cantor Daniel Balavoine, a jornalista Nathali e Odent e o operador de rádio Jean Paul de Fur, todos de nacionalidade francesa. A notícia da morte do barbudo Sabine correu como pólvora entre os concorrentes, semeando a consternação e a incredulidade entre a caravana da dura prova.

Segundo a organização o helicóptero em que viajava Sabine, ia a baixa altitude para garantir a segurança após uma violenta tempestade de areia. Jornalistas que se deslocaram ao local do acidente afirmaram que o helicóptero embateu violentamente numa duna, após ter percorrido uma zona plana de 150 quilómetros.

Apesar da intenção da organização de levar a prova até ao fim por desejo expresso do próprio «pai» do rali, muitos dos concorrentes manifestaram a sua relutância em continuar a competição. Entre eles conta-se Cyrille Neuveu, que liderava na categoria de motos até à trágica 11.ª etapa, e que vai defender a anulação da competição numa reunião geral dos participantes, a realizar em Bamako, na capital do Mali. «**Sem Thierry, o rali nunca mais será o mesmo. Isto é o fim do Paris-Dacar**» — disse, com lágrimas nos olhos, outro dos concorrentes, que desistiu depois de um dos numerosos acidentes ocorridos na edição deste ano.

Devido ao elevado número de acidentes, Sabine foi muito criticado nos últimos dias pelo seu gosto pelo «**ainda mais difícil**», idealizando anualmente um percurso cada vez mais duro, de forma a premiar a perícia dos pilotos em relação aos meios das escuderias mais poderosas. «**O rali está a crescer cada vez mais, em direcção ao excepcional. Mas, lamentavelmente, o drama não é excepcional e por isso há que tentar enfrentá-lo conscientemente**» — disse Sabine à televisão na sua última declaração pública, cerca de quatro horas antes da sua morte.

A maioria dos participantes no Paris-Dacar, classificado unanimemente como «**o mais duro rali do mundo**», partilhavam esta filosofia do risco com Sabine, em particular um seu amigo íntimo, o belga Gaston Rahier, ex-campeão do Mundo de motocross e vencedor das duas últimas edições em moto.

«**É a última aventura possível no mundo** (disse recentemente Rahier) **e cada ano é uma aventura diferente, num percurso renovado. A meta de Sabine está cada vez mais alta e isso é fabuloso. Uma pessoa nunca se aborrece**» — acrescentou o motociclista belga.

Thierry Sabine idealizou o Paris-Argel-Dacar em 1978, iniciando a 1.ª edição no dia 26 de Dezembro do mesmo ano, com 150 concorrentes, e convertendo-a com o decorrer dos anos num dos maiores acontecimentos desportivos do mundo.

Basquetebol: "Supertaça" vai morar na Luz

O Benfica conquistou a 1.ª Supertaça «Pão de Açucar» de basquetebol, ao vencer o Barreirense por 94-81, em jogo disputado no Pavilhão da Tapadinha, em Lisboa. Ao intervalo, os benfiquistas venciam já por 52-38.

A partida foi dirigida pela dupla formada por António Pimentel e Rui Valente. O triunfo conseguido pelo Benfica foi o 3.º obtido esta época pela equipa da Luz sobre o conjunto do Barreiro, com quem já jogou quatro vezes.

Ontem, as equipas alinharam:
Barreirense / Pão de Açúcar (81): Arnnett (26), Marinho, Flávio (23), Couto, Cardoso, Paulo Sérgio (5), Eugénio (5) e Wagner (22). Treinador: Alfredo Almeida.

Benfica / FNAC (94): Guimarães (21), Lisboa (22), Henrique Vieira (21), Mike (6), Barbosa (8), Marques (18), Barreto, Gameiro, L. Luís e Luís Marques. Treinador: José Curado.

TEMPO DE ANTENA

na RTP

QUINTA-FEIRA, DIA 16
20.45

COM

FRANCISCO SALGADO ZENHA
HERMÍNIO MARTINHO
JOANA DE BARROS
MANUEL DA FONSECA
MANUELA EANES

Nova Democracia
Nova República

ZENHA À PRESIDÊNCIA

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA — 7.º JUÍZO CIVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.
Execução sumária n.º 4 621/84 1.ª secção.
Exequentes — REPRESTOR — REPRESENTAÇÕES DE ESTORES, LD.ª.
Executado — JOSÉ MANUEL MAIRA MACHADO, residente na Pedra Mourinha, Portimão
Lisboa, 10 de Janeiro de 1986

O Juiz de Direito

a) Amílcar Joaquim Cortez Neves

A Escriturária

a) Maria Margarida P Ricardo Silva Neves

D.L 16/1/86 — 1.ª Pub

Aos domingos na RTP

Júlio Isidro apresenta "heróis" de Walt Disney

Júlio Isidro será o coordenador do programa «Clube Amigos Disney/DTV», novo espaço na grelha dos estúdios do Lumiar, em cooperação da RTP e da Walt Disney Productions. Inicia-se a 2 de Fevereiro e, com apresentação de Júlio Isidro e Manuela de Sousa Rama, tem uma equipa constituída por António Sá Machado (produtor), Marques Pinto (assistente de realização), José Poiares (produtor executivo) e Pedro Alberto (secretário de produção).

O contrato entre a RTP e a Walt Disney foi divulgado agora (numa reunião com os órgãos de Comunicação Social que teve lugar no Clube dos Empresários) e revela que se alongará por 39 emissões (uma hora e 15 minutos para a generalidade e tempo mais dilatado nos programas de Páscoa, último domingo de Junho, primeiro de Outubro e anterior ao Natal). Uma nota: o «Clube Amigos Disney/DTV» será interrompido nos meses de Julho, Agosto e Setembro.

No convénio com a RTP ficou explícito que a Walt Disney Productions põe à disposição da nossa televisão 45 minutos de produção para as 35 emissões normais, sendo o tempo restante de produção local. Hora de início da emissão: às 18 de domingo.

O dr. Lazlo Hubay (da «Walt Disney Productions») apresentando a nova rubrica semanal da RTP que será o prato forte dos fins de tarde dos domingos

Manuela de Sousa Rama é «sacada» ao «Jornalinho» e Júlio Isidro reaparece na RTP por iniciativa de Lazlo Hubay, representante em Portugal da WD, que fez questão de o principal patrocinador (a Editora Morumbi) contratar Júlio Isidro para a chefia **«de um programa dirigido à totalidade da família, procurando interessar e divertir todo um agregado familiar»**. Lazlo Hubay relembrou, perante os jornalistas, que o Canal Disney dispõe, nos EUA, de uma programação aproximada a 540 horas mensais (com banda desenhada, filmes didácticos, películas recreativas e sobre a Natureza).

— **O caso mais flagrante é conhecido em Portugal: «O mundo maravilhoso de Walt Disney» tem tal qualidade que já foi distinguido com diversos Oscares de Hollywood.**

Por seu turno, Júlio Isidro revelou que, num momento do programa intitulado «Truly exceptional», veremos aspectos notáveis de personalidades do mais diferente campo de acção: como uma campeã olímpica que é deficiente física. Aliás, Júlio Isidro esteve recentemente em Londres para visionar (durante 72 horas) muita produção da Walt Disney para agora, no Teatro Aberto ou nos Estúdios da Tóbis (onde vai ser produzida a versão portuguesa da série) começar no dia 22 **«um sério caso e consciente trabalho de equipa»**.

— **Reportagens, curiosidades, interferência do público, passatempos e concursos: todas as semanas haverá prémios excepcionais aos vencedores** — declarou-nos Júlio Isidro focando que, além da Editora Morumbi, igualmente a Nestlé (Nesquik) e os CTT (Serviços de Filatelia) apoiam a ideia da Walt Disney.

Também em Fevereiro é lançado o Clube Disney especialmente destinado aos leitores das revistas Morumbi (Donald, Mickey, Patinhas, Disney Especial, Disney Extra e Melhores Histórias): três milhões de exemplares vendidos anualmente no nosso país. E agora, uma revelação: uma «Cinderela portuguesa» (de idade compreendida entre os 18 e os 22 anos) será lançada no programa de Júlio Isidro. A jovem escolhida (que se candidatará através do preenchimento de cupões que vão ser publicados na Imprensa e, depois, em testes públicos) será contratada pela Walt Disney por um período de dois anos, embolsando (logicamente) uns bons milhares de contos.

Serguei Dondartchuk (à esquerda) com o operador de câmera V. Yusov, durante as filmagens de «Boris Godunov»

"Boris Godunov": novo filme de Bondartchuk

A tragédia de Puchkin, «Boris Godunov» é o tema de uma nova película, em rodagem nos estúdios da Mosfilm, sob a direcção de Serguei Bondartchuk.

Além da realização, Bondartchuk tem a seu cargo o desempenho da personagem principal do filme cujos exteriores decorrerão, em grande parte, no Kremlin de Moscovo.

Serguei Bondartchuk é um dos mais notáveis cineastas soviéticos, contando-se entre a sua vasta produção filmes de grande êxito internacional como «Guerra e Paz», «Waterloo», «O Destino de um Homem» e «Sinos Vermelhos» este último sobre o jornalista americano John Reed, autor de «Dez Dias que Abalaram o Mundo». (NOVOSTI)

Exército colabora com IPPC na salvaguarda de monumentos

O Exército vai colaborar na salvaguarda de monumentos militares afectos ao Instituto Português do Património Cultural, como praças fortes e castelos — estabeleceu um protocolo assinado em Lisboa entre as duas instituições.

O apoio inclui mão-de-obra, equipamento, trabalhos de conservação e pequenas reparações, e, por outro lado, aspectos técnicos, através do fornecimento de plantas e alçados dos monumentos e da orientação dos restauros.

O interesse desta acção justifica-se face às dificuldades do IPPC, que enfrenta carência de meios humanos e financeiros perante a grande dispersão dos monumentos de todo o País.

Ao assinar o protocolo, o Estado-Maior do Exército reconheceu o «âmbito nacional do interesse da salvaguarda do património histórico-militar» e a «possbilidade da sua colaboração activa na perseguição desse objectivo».

Mesmo antes de o documento ser subscrito, o Exército tinha encetado, já no ano passado, uma série de obras nesta área, designadamente a desmatação, limpeza e restauro ligeiro das muralhas de Almeida, Elvas e Valença e de diversos fortes das linhas de Torres Vedras.

O protocolo foi assinado pelo presidente do Instituto Português do Património Cultural, João Palma-Ferreira, e pelo chefe do Estado-Maior do Exército, general Jorge Salazar Braga.

Nota curiosa que foi sublinhada na cerimónia que decorreu ao fim da manhã: Palma-Ferreira, quando no cumprimento do serviço militar obrigatório, serviu com Salazar Braga na segunda repartição do Estado-Maior.

Palma Ferreira, director do IPC e Salazar Braga, chefe do Estado-Maior do Exército, assinam o protocolo

DL TEATRO CRÍTICA

Júlio Dinis revisto pelo TEAR

Carlos Porto

O ÚLTIMO BAILE EM CASA DO SR. CUNHA, de Júlio Dinis. Dramaturgia e Encenação: Castro Guedes. **Cenografia e Figurinos:** Moura Pinheiro. **Interpretação:** Fátima Castro, Clara Nogueira, António Fonseca, Celso Castro, Jorge Paupério e Luís Duarte. **TEAR.** Casa da Comédia, 27.12.1985.

É tão evidente a necessidade de um grupo teatral evoluir de acordo com as alterações dos espaços sociais em que actua que nem valeria a pena falar nisso — se não surgisse o caso de um estar a demonstrá-lo ao vivo.

Trata-se do TEAR que, primeiro no Porto, depois em Viana do Castelo, só recentemente conseguiu encontrar no Porto um lugar fixo para o seu trabalho. Tem esse lugar, na parte oriental da cidade, determinadas características, como é óbvio, consistindo uma delas no facto de ser um espaço pobre em diversões. Para se fixar nesse espaço, para o tornar produtivo e nele se tornar produtivo, parece claro que o TEAR precisaria de fazer um estudo, tão profundo quanto possível, do meio em que passou a actuar. Esse estudo, para ser feito a sério, exigiria meios de que o grupo, como se calcula, não dispõe (inquéritos casa a casa, etc.). Por isso se entende que o TEAR utilize um processo pragmático e que lhe é mais directamente acessível, ou seja, a produção de espectáculos que pareçam adequados ao meio.

Suponho que é essa a razão por que surge o novo espectáculo queo TEAR trouxe à Casa da Comédia e que se situa numa zona intermédia entre as formas mais atenuadas dos seus espectáculos anteriores e um teatro de sátira relativamente tradicional. Aliás, deve reconhecer-se que o último espectáculo do TEAR, ainda no Carlos Alberto, com «O Velho da Horta», atingiu limites de experimentalismo dificilmente sustentáveis.

Depois disso, sentia-se a necessidade de o grupo tentar outros registos independentemente das assinaladas exigências sociológicas. Isto tendo em consideração o facto de um outro espectáculo por assim dizer intercalar («À Espera de Godot») ter sido um velho sonho do grupo, ou de Castro Guedes, que só então pôde ser concretizado, espectáculo apresentado já na nova sala da Rua do Heroísmo.

Percebe-se pelo que ficou dito que este espectáculo pode ser menos interessante pelos seus valores próprios, sobretudo se visto fora do seu público potencial, do que por aquilo que pode despoletar no seu relacionamento com esse público. Embora seja de admitir que esses valores possam ser suficientemente fortes para se justificar independentemente de outras considerações.

Não foi o caso desta última produção do TEAR. Com efeito, esta desmontagem de uma comédia de Júlio Dinis não é bastante interessante para se justificar para além do projecto em que se inscreve. E não o é, em primeiro lugar, pelo texto que serve de base ao espectáculo, demasiado frágil para aguentar o jogo satírico que sobre ele o encenador levantou; mas sobretudo pelo facto de encenador e intérpretes não terem conseguido um trabalho tão inventivo, tão eficaz como estaria ao alcance das suas capacidades. Mesmo tendo em consideração o projecto de descentralização urbana a que o TEAR se obriga, esta montagem pareceu-me aquém das possibilidades do grupo e do sucesso que esse projecto deve implicar.

É certo que Castro Guedes demonstrou em dois ou três pormenores (a desocultação do comportamento social das personagens, por exemplo, através do cenário sujo e dos móveis degradados), é certo que os actores procuram exprimir o caricatural das personagens e das situações, que constitui afinal o subtexto da peça, fazendo-o por vezes com graça. No entanto, repete-se, a fragilidade do texto e a insuficiência da sua passagem à cena, ou seja, do seu projecto estético, deixaram-nos com saudades do outro TEAR. Aliás, a presença de quadros como o encenador, Castro Guedes, o cenógrafo, Moura Pinheiro, e de alguns intérpretes (Fátima Castro, António Fonseca, Jorge Paupério e Luís Duarte), garante que tal é não só possível como inevitável.

"Movimento em Falso"
de Wim Wenders

Jorge Leitão Ramos

Um escritor que tem medo dos outros, um músico ambulante a fugir do passado, uma actriz que só consegue representar quando é a personagem, uma jovem grácil e enigmática, circense e disponível, um poeta que esquece os sonhos e um industrial que se suicida: é esta a gente acossada que Wenders filma em «Movimento em falso».

Quem persegue, de que fazem, o que busca esta gente? O filme não dará resposta. Apenas teremos a paisagem alemã, a sua História — o território é germânico e, nele, erram, em informe e improvável grupo que se fraccionará até à atomização primeira, estes personagens de quem não sabemos quase nada e com os quais constatamos que o erro e a errância se conjugam num mesmo inóspito verbo.

Eles têm medo, é claro, a vida é irrespirável, não há dúvida, mas **Movimento em falso** não me parece que filme só isso. Porque, se assim não fosse, sobre ele apenas haveria que lançar um balde de cal e a encomendação das almas — dez anos depois um tom tão datado pouco comunica. O que faz de **Movimento em falso** um filme (ainda assim) interessante é a sua episódica urgência de cinema (como nessa sequência de **travellings** que é o passeio na estrada da montanha), isto é a obsessiva busca de uma forma que excedesse a circularidade bloqueada do conteúdo ficcional, mostrando que o **mal-de-vivre**, a «angústia existencial» é estreita para tanto cinema — e que em outro lugar há-de haver matéria para o preencher. Outra não é, parece-me, a função de Mignon (Nastassja Kinski, em princípio de carreira, muda e enigmática, desejável e onírica, sem chamas, sem âncoras, livre...), o único personagem que não se confessa, nem explica, nem teme.

É essa pulsação contínua, essa vontade de ficção, que faz com que **Movimento em falso** se não reduza a mais uma longa, palavrosa e enfática «história» de inabitabilidade, solidão & etc. Mas não em absoluto.

Estreado dez anos depois de realizado (o que mostra que os caminhos da distribuição são insondáveis e a sua estratégia um labirinto...), este filme surge, mesmo com esforço de amnésia do futuro do seu autor, como um dos pontos mais frágeis da obra de Wim Wenders, convencional e quase seco (quanto a «incomunicabilidade» e paisagem «expressiva» basta rever Antonioni para saber que está tudo dito e feito).

O verdadeiro cinema (também de Wenders) está em outro lugar.

Solidões, medos, erros, errâncias — ou um filme datado que, dez anos depois, está quase exangue (na foto: Hans Christian Blech em **«Movimento em falso»**).

FICHA:
Título original: Falsche bewegung

Realização: Wim Wenders (RFA-1974/75)
Argumento: Peter Handke, segundo o romance de Goethe «Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister

Fotografia: Robbie Mulher
Cenários: Heidi Lüdi
Música: Jürgen Knieper
Montagem: Peter Przygodda
Interpretação: Rüdiger Vogler (**Wilhelm Meister**), Hanna Schygulla (**Teresa**), Hans Christian Blech (**Laertes**), Peter Kern (**Landau**), Nastassja Kinski (**Mignon**), Ivan Deseny (**o industrial**), etc.
Distribuição em Portugal: Doperfilme
Cinema: Quarteto
Classificação: Para maiores de 12 anos
Duração: 104 minutos

S. R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1038, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Alcanena, de uma linha aérea a 30 KV, com 45 m, do poste n.º 2 da linha para o PT ACN 29 de S. Pedro ao PT ACN 28 C de José Silva Marques, situado em Chões.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 27 DE DEZEMBRO DE 1985

O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA
12.º JUÍZO
ANÚNCIO

FAZ SABER que por este Juízo e 1.ª Secção, correm termos uns autos de Liquidação de Herança Jacente, registados sob o n.º 5316, por morte de Prudente Procópio Soares, solteiro, com último domicílio na Travessa Nova de D. Vasco, n.º 12 r/c esquerdo, em Lisboa, que o Digno Agente do Ministério Público move contra incertos, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os interessados incertos, para no prazo de vinte dias, decorridos os dos éditos, deduzirem, querendo, a sua habilitação, nos termos e para os efeitos do disposto no Art.º 1.132 do Código de Processo Civil, na acção acima indicada e na qual o autor pede que a mesma seja julgada procedente e provada e em consequência declarada vaga para o Estado os bens deixados, no valor global de 466.073$50.

Lisboa 8 de Janeiro de 1986

O JUIZ DE DIREITO

José Geraldes Pereira de Carvalho

O escrivão de Direito

Abel da Silva Mendes.

D.L. 16/1/86 – 1.º PUB.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
terça a sabado às 21,30 h
domingo matinée às 17 h
AMADIS
★ 2 ULTIMAS SEMANAS
VEJA TEATRO A PREÇOS
3.ª/4.ª e 5.ª feira REDUZIDOS
PREÇO ÚNICO 150$00
COM O PATROCÍNIO DA F. GULBENKIAN
CAFE-Teatro
SABADOS AS 24H
«PÓ DE PALCO»
COM NOVOS NUMEROS
PR ESPANHA - TEL 726 08 18
M/12 A

SEXTA-FEIRA - as 23 30
MUSICA AO VIVO –
c/FREDO MAGNER, JOÃO MALO
e TELMO PALMA

José Caldas e João Lóio, no espectáculo «Chão de estrelas»

Música

• **Chão de Estrelas,** um recital de música e poesia brasileira, é o espectáculo que José Caldas e João Lóio apresentam diariamente até 26, a partir das 22 horas, no «Rez do Chão», o novo espaço de convívio e espectáculo d'«O Realejo», na R. dos Mercadores, no Porto. Para além de «Chão de Estrelas» há todos os dias «A Magia à Sua Mesa», com Victor e a exposição de pintura de Clara Bento.

• A partir de hoje e até ao dia 18, no Hot Clube de Portugal, realizam-se três concertos em dois «set», 2as 22.30 e às 00.30 horas, pelos músicos Eddie Goltz (guitarra e piano); David Gausden (contrabaixo); Mário Delgado (guitarra); Tomás Pimentel (trompete) e José Salgueiro ou Henry de Sousa (bateria).

• A particularidade dos concertos deste fim-de-semana é que eles se centrarão sobre **A SALSA**, a música dos porto-riquenhos.

• EDDIE GOLTZ, um magnífico músico polivalente — é uo exímio tocador de flamenco — viveu e tocou dois anos com músicos de SALSA. Assim, ao verificar no fim-de-semana passado, em que tocou inesperadamente no HOT, do interesse e receptividade dos portugueses a essa música, propôs-se constituir uma banda nesse sentido. Ajudado por DAVID GAUSDEN, pôs-se de pé o quinteto indicado acima.

• Os outros interesses de EDDIE GOLTZ são a guitarra clássica e as viagens. Autêntico Globetrotter, já percorreu uma impressionante parte do Mundo.

• No Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, a partir das 21 horas e 30, realiza-se um concerto pela **Orquestra Gulbenkian,** e tendo como maestro **Ivan Fischer** e solista **Boris Belkin** (violino). O espectáculo será preenchido com a interpretação de obras de Haydn, Sibelius e Mendelssohn.

• Amanhã, como vem sendo hábito às sextas-feiras, há música no Café-Teatro da Comuna, à Praça de Espanha. Para amanhã está previsto um espectáculo de **jazz** com Fredo Magner, Telmo Palma e João Maló.

Cinema

• Na Sala Dr. Félix Ribeiro da Cinemateca Portuguesa são exibidos hoje mais dois filmes integrados no «Ciclo de Cinema Musical». Assim, pelas 18 horas e 30 é projectado o filme português **A Canção de Lisboa,** realizado em 1932 por Cottineli Telmo, e tendo nos principais papéis Beatriz Costa, Vasco Santana e António Silva. Beatriz Costa assistirá à sessão e falará sobre o filme que em 1933 a consagrou. À noite, pela 21 horas e 30 é exibido o filme **Os Palhaços,** de Karl Grune.

• No Instituto Franco-Portugais, na Av. Luís Bívar, 91, em Lisboa é projectado pelas 21 horas e 30, o filme de Marcel Bluwal **Don Juan.**

• **O Cinema Neo-Realista Italiano** é o tema do curso que está a decorrer no Instituto Português de Cinema, na R. S. Pedro de Alcântara, 45 em Lisboa. A sessão de hoje foca o filme «Roma Cidade Aberta», de Rosselini, com comentários de Luís de Pina.

Exposições

• Na **Galeria Astolfi,** no Birre Centro, em Birre — Cascais, encontram-se patentes ao público obras dos artistas plásticos Artur Bual, Cargaleiro, Carlos Luz, Figueiredo Sobral, Gil Teixeira Lopes, Lima de Freitas, Nuno San Payo, Teresa Magalhães e Thomaz de Mello/Tom, entre outros.

• Até ao próximo dia 27 está patente no bar «Lábios de Vinho» uma exposição do pintor **Jaime Xitas.** A mostra, composta por uma dezena de quadros a óleo, é uma referência crítica à nossa História, onde imperam os bobos, símbolos muito queridos ao pintor. Das 18 à 1 da manhã, pode passar pelo «Lábios de Vinho», à R. do Norte, ao Bairro Alto, apreciar os quadros e, se quiser, beber um copo.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa Clube

T. 763319

A CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h

Amoreiras 3

SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila

— T. 539930

OS GOONIES
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

AMÉRICA VIOLENTA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O MISTÉRIO DE UM RAPTO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

PARAÍSO SEXUAL
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do filme «Movimento em Falso», realizado por Wim Wenders, com Anna Schygulla, Nastassja Kinski e Rüdiger Vogler. Em exibição no Cinema Quarteto.

Cinebloco

— T. 556824

AMERICAN GIGOLO
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h
ESTRADA DE FOGO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cine Camões

T. 324194

A RAIVA DO HERÓI
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

A CANÇÃO DE LISBOA/ 1932
18.30 h
OS PALHAÇOS/1937
21.30 h

Cine 222

— T. 579460

LARANJA MECÂNICA
(int. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ENCONTRO FATAL
(n/acons 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

JAMES BOND — 007
(maiores 12 anos)
15.30, e 21.30 h

Estúdio Sheza

OS GANGSTERES MARADOS
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(int. 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

OS 3 DIAS DO CONDOR
(int. 13 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

OS GIGANTES DE ROMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

A LENDA DA FLORESTA
(M. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

A ESCOLHA DE SOFIA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

«NÓS TRÊS – MOZART EM ITALIA»
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

JAMES BOND 007 — ALVO EM MOVIMENTO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

TYGRA – O FOGO E O GELO (maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

AS NOITES DE CHINA BLUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas

— T. 541037

«BILBAO» de Bigas Luna
(m. 18 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 e 24 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

O ESPIÃO DO SAPATO VERMELHO
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Império

— T. 555134

OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

DAS ARDENAS AO INFERNO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

ANJO MALDITO
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

A ESTUDANTE SEXY
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
.Filme pornográfico

Pathé

— 821933

DR. JENKEIL GOSTA DELAS QUENTES
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
O HOMEM DA PISTOLA DE OURO
(maiores 13 anos) 24.00 h

Politeama

T. 326305

OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
A FORÇA DO SEXO FRACO
(maiores 18 anos)
24.00 h

Sala 2

A CASA E O MUNDO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.30, 19.00 e 21.30 h
HAMMET, DETECTIVE PRIVADO
(maiores 18 anos)
24.00 h

Sala 3

NOME: CARMEN
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 h
NA CALADA DA NOITE
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 4

MOVIMENTO EM FALSO
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
FANTASMA DO PASSADO
(m. 18 anos) 23.30 h

N'Cola

UTU, O ÚLTIMO GUERREIRO
(maiores 12 anos)
14.30 e 16.45 h
ANDREI RUBLIOV
(n/acns. 13 anos)
18.45 e 21.30 h

Restelo

T. 610375

CHORUS LINE – O FILME
(maiores 6 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex

UTU, O ÚLTIMO GUERREIRO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45 h
JE VOUS SALUE MARIE
(m. 16 anos)
19 e 21.30 h

Roma

T. 889192

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O SEGREDO DA CAVERNA FANTASMA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3

CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

OS GOONIES
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

O MISTÉRIO DE UM RAPTO
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

O CLUBE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

O DESPERTAR DA ADOLESCÊNCIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

OS BÓLIDES DA MORTE
(int. 13 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
QUE DOUTOR — RAPAZES!
24.00 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «A Lenda da Floresta», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cineteatro Lido — «Chorus Line — O Filme», às 15.30 e 21.30 (maiores 6 anos)

AMADORA — Babilónia — «Mad Max — Além da Cúpula do Trovão», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACEM — Cinestúdio Flores — «Debaixo do Vulcão», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

MIEM MARTINS — Cine Teatro Chaby — Descanso

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «Floresta Esmeralda», às 15 e 21.15 h (maiores 12 anos).

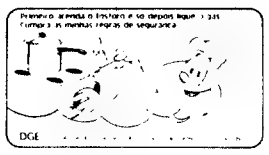
ALGES — Cinema 2000 — «Chorus Line», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Cinco Dias Um Verão», às 15.30 e 21.30 h (n/ acons. 13 anos).

ALMADA — Incrível — «Androide», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

PAVILHÃO JARDIM (Utopia) — «Os 3 Indomáveis em Férias», às 21.30 h (maiores 12 anos).



Lisboa é sua
não deite lixo na rua

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **AREEIRO: Garantia**, Av. Padre Manuel da Nobrega, 5-A-B (T. 887300); **CAMPO DE OURIQUE: Linaada**, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CAMPOLIDE - BAIRRO DA LIBERDADE: Salutar**, R. B, 75-A-B, Bairro da Liberdade (T. 533411); **GRAÇA: Morão**, L. da Graça, 763 (T. 860700); **JARDIM ZOOLÓGICO Alegria**, E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); — **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Lealdade**, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **PRAÇA DA ALEGRIA: Brites Moita**, P. da Alegria, 33-34; **QUINTA DA LUZ -CARNIDE: Findor**, R. Adelaide Cabete, 10-E (T. 687949); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **XABREGAS: Salter**, Rua Xabregas 63-65 Tel. 381185); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Alm. Infante D. Henrique 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — ALVALADE: Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Délio**, R. dos Açores, 32-34 (T. 572388); **AVENIDAS NOVAS - AVENIDA JOAO CRISÓSTOMO: Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); **BENFICA - BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAIS DO SODRÉ - Africana**, R. Bernardino C[illegible], 43-45 (T. 369120); **CALV[illegible]IO: Monge**, R. dos Lusíad[illegible]30-32 (T. 636704); **CHF[illegible] JUNTO À AVENID[illegible] AUGUSTO DE CAS[illegible] CARRIS: Sacramen[illegible]triz Palmira Bastos, lote [illegible]350904); **JARDIM DOS[illegible]S: Confiança**, Av. Alm[illegible] Reis, 46-A (T. 8216[illegible] LAPA: Paiva da Costa[illegible] Lapa, 105-107; **PICHE[illegible]\: Marluz**, C. da Pichele[illegible]-B-C e R. Prof. Mira Ferna[illegible] MAF (T. 880703); **RATO[illegible]unha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. da Boa Vontade, 17B (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E Nacional 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional 10, bloco A, loja A (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10, Arrentela (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Alice**, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Permanente; **Rosado Pinto**, P. do Bocage, 98 (G. 22484). Permanente; **Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737); **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até as 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313) . Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Romeiro, Urbanização Casal de São Brás, lote 116 (T. 4949050). Permanente; **São Jorge**, R. Pero del Negro, 5, Reboleira (T. 4938703). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Permanente; **QUELUZ: Serra e Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 8264103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Permanente.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De terça a sábado, à 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00

«ARSÉNICO E RENDAS VELHAS». Original de Joseph Kesulrind. Versão portuguesa de César de Oliveira, Gaspar Fiuza e Carlos César. Intérpretes: Maria Helena Matos, Carlos Quinas, Camacho Costa e Luísa Barbosa.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Quintas, sextas e sábados, às 21.45; aos domingos às 16.00

«**TU E EU**», de Friecrichtk Zwaecher. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Ângelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

Sexta e sábado às 21.30; domingos, às 16.00

«**PÁSCOA**», de August Strindeberg. Encenação de Luís Miguel Cintra. Cenografia e figurinos de Cristina Reis.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos às 17.00

«**AMADIS**», de Abel Neves. Encenação de João Mota. Interpretação: Abel Neves, Alfredo Brissos, Ameno Gonçalves, Amélia Varejão, Amélia Videira, André Nuno, António Melo, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede e Paulo Ferreira.

Café Teatro: «PÓ DE PALCO», aos sábados, às 24.00. Espectáculo de Café Teatro. Com Amélia Videira, Carmen Marques, Carlos Paulo, José P. Gomes e Marques Arede (versão renovada).

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — (Tel. 60 72 991)1
Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**A BANDA DO CHICO DE HOLANDA**». Encenação de Filipe La Féria.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Experimental
De terça a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 16.30

«**A CAÇA AO SNARK**». Encenação de Teresa Garcia Fernando, pelo Grupo «Dou-te Tudo e Mais Não Posso»

Salão das Furnas

R. Raul Carapinha (a Sete Rios) — Tel. 76 66 152
Terças, quintas e sextas, às 13.30

«**BOLA DE SABÃO**». Pelo Grupo Papa Léguas.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 63 99 74

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**BODAS DE SANGUE**», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Maria Matos

4.ªs, 5.ªs, 6.ªs e sábados e feriados às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**HEDDA GABLER**». Encenação de Carlos Quevedo e interpretado por Graça Lobo, Rogério Paulo, Henrique Viana, Virgílio Castelo, Carmen Santos, Maria Cristina e Madalena Sotto.

Grupo de Teatro Mazum

R. Poiais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.

A nova fase da revista «**NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO**», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armanda.

Teatro do Século

R. do Século, 41
Sextas, às 21.30; domingos, às 17.00

«**EMBALAGEM PERDIDA**», de Vera Feyder. Dramaturgia e encenação de Ricardo Marquez. Cenografia de Mário Jorge. Intérpretes: Lucindo Loureiro e Cucha Carvalheiro.

ITE

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**GALILEU, CONTADOR DE HISTÓRIAS**». Encenação de Kim Cachopo.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De terça a domingo, às 21.45; sábado e domingo, às 16.00

«**UM CORONEL EM 2 ACTOS**». Adaptação de Francisco Nicholson. Direcção e encenação de Varela Silva. Cenários de Octávio Clérigo. Interpretado por Camilo de Oliveira, Alina Vaz, António Feio, Paulo Marcelo, Dulce Guimarães e Francisco Nicholson (artista convidado).

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 86 09

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«**JARDIM DE OUTONO**», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Porto — Campo Alegre

R. Camões, 312, 2.º-A — Tel. 38 21 31

A «Seiva-Trupe» apresenta todas as noites às 21.45; domingos ás 16.00

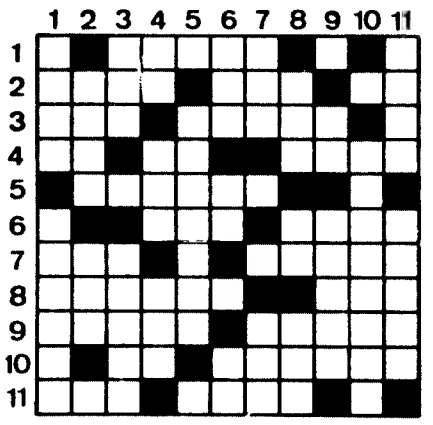
«**OS AMOROSOS DA FOZ**» de Camilo Castelo Branco. Encenação de Norberto Barroca, cenografia de Manuel Passos e música de Paulino Garcia.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 15 633

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Nome de fruto. Conjunção. Artigo definido.
2 Magnetes naturais. Lírio. Prasiodímio (s.q).
2 Chefe etíope. Uni por casamento.
4 Alternativa. Preposição e artigo. Ilha do Arquipélago do Havai onde se encontra o Porto das Pérolas.
5 Fechamos as asas para descer mais depressa.
6 Chefe etíope. Irrita.
7 Emprega. Idoso.
8 Fome. Possuir.
9 Árvore de Timor. Acometo.
10 Preposição e artigo. Afectos.
11 Freguesia do concelho de Penafiel. Lavram.



VERTICAIS:

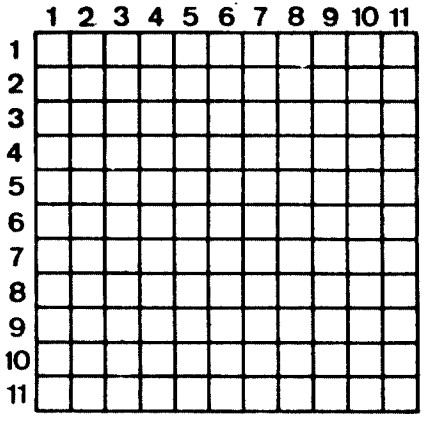
1 Metal precioso de cor amarela. Esposa.
2 Ruins. Pequeno símio do Brasil.
3 Conjunção. Cantigas.
4 Pertences. Rio da Suíça. Ergo.
5 Região.
6 Fileira. Ósmio (s.q). Clima.
7 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Deseja.
8 Sadio. Preposição. Tonalidade.
9 Seguia. Sacerdócio.
10 Apreciar.
11 Lavrai. Gorgulhos tropicais.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 473

HORIZONTAIS:

1 Regadores de longo cabo.
2 Arsénio (s.q). Curar. Utensílio doméstico.
3 Grande quantidade. Armadilha para pássaros. Érbio (s.q).
4 Rei lendário de Tróia. Calote. Guarneço de asas.
5 Duna na Suécia. Tempo forte entre os latinos.
6 Rádio (s.q). Sadio. Abreviatura de Santíssimo.
7 Concede. Mulo.
8 Capa sem mangas. Ladeira.
9 Costuravam. Cidade da antiga Fenícia fundada pelos sidónios.
10 Caminhar. Oscilares.
16 Autores Preposição Sadia.



VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Belmonte. Branda.
2 A luz do Sol. Agora.
3 Avermelhados.
4 Arsénio (s.q). Toca apito.
5 Sapatos grandes. Ilha do Pequeno Belt.
6 Limparas metais. Espaço de trinta dias.
7 Que tem calos.
8 Agora. Assassines.
9 Avocara.
10 Patas. O vencimento diário de um soldado.
11 Chuvisco (Bras). Sadios.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15 632**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 MULHER. QUE.	1 Maga. A. DOIS.
2 Aviaria. NS.	2 Uva. Cor.
3 Ga. Ro. Manga.	3 Li. Adormece.
4 Ad. Carear.	4 Harda. Aa. Or.
5 Dama. Asno.	5 Ero. Maviosa.
6 Aspas.	6 Ri. Cá. As.
7 Gravam.	7 AMA. AMBOS.
8 Domai. Borra.	8 Aras. Or.
9 Ore. Orais.	9 Nêsperas.
10 Cosas. Sós.	10 ENGANA. Rios.
11 Soeras. Só.	11 Saros. Asso.

PROVÉRBIO: Mulher que a dois ama, ambos engana.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 472**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Raposas.	1 atara. Massa.
2 Ta! Mata. Mor.	2 Amarai.
3 Ama. Oaio. Rã.	3 Atacarias.
4 Rata. Ma.	4 Am. Amoroso.
5 Arame. Mãe.	5 Pão. Eras. Se.
6 Acordaras.	6 Otão.
7 Miara. Cai.	7 Sai. Acorda.
8 Sor. Omar.	8 Om. Ramais.
9 Sois. Ará. Em.	9 Sm. Amaia. As.
10 Aos. Diana.	10 Or. Ás. Rena.
11 Ais. Assas.	11 Árabe. Mas.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **23.30**: Último jornal; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.27**: «Suite Francesa», n.º 5, em sol maior, BWV 816, de Bach; **16.45**: Árias de óperas, de Gounod; **17.00**: Integrais; **17.25**: «Quatro Invenções», de Lopes Graça; **17.40**: «A Cavalgada e o Nascer do Sol», de Sibelius; **18.00**: Abertura, em ré maior, n.º 3, BWV 1068, de Bach; **18.40**: Intérpretes portugueses; **19.40**: Sinfonia, n.º 4, em fá menor, opus 36, de Tchaikowsky; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: A ópera «La Fanciulla del West», de Puccini; **23.30**: Retrospectiva/85; **00.15**: Solos intrumentais; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.00**: Quiosque; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Clube dos coleccionadores; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Uma casa portuguesa; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional (Braga, Porto e Évora)

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Noticiário regional; **18.30**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

12.00: Pajú e pentagrama; **12.30**: Bola branca; **13.00**: Onda; **13.30**: Encontro para dois; **14.00**: Meia tarde; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.00**: Jornal da região de Lisboa; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Suplemento; **19.30**: Sete colinas.

FM-Estéreo

19.30: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Som de retorno; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Musical; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Som da frente; **17.00**: Pé-de-vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Nunca mais é sábado; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

TELEVISÃO

RTP 1

18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje preenchida com mais um episódio das séries «As Aventuras de Marco Polo» e «Era uma vez — O peixe e o gato».

18.35 — Notícias

18.55 — Curso de Inglês

«Follow Me»

19.25 — Desporto / Debate

19.55 — O Livro Grande de Petete

«As Vacas das Formigas»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.30 — Campanha Eleitoral para a Presidência da República

O tempo de antena de hoje é reservado aos candidatos Maria de Lourdes Pintasilgo e Salgado Zenha.

21.05 — Louco Amor

Cláudia, revela na festa, que o verdadeiro nome de Renata é Agetilde. Isolda confirma este facto. Em seguida, conta aos presentes a história verdadeira da vida de Renata.

Patrícia dirige-se rapidamente a casa de Fernando, onde revela o escândalo a Guilherme, que aí se encontra.

Alfredo briga com Isa e decide não voltar à feira do artesanato.

Lipe e Márcio encontram-se em casa de Carlinha onde conversam abertamente sobre o seu parentesco.

Rudolfo volta a convidar Muriel para dirigir a sua loja em Paris e ela responde-lhe que irá pensar no caso.

Lipe visita Agenor e os dois abraçam-se emocionados.

Nanda pergunta a Renata se tem intenção de continuar a viver em sua casa.

21.50 — Panorama

22.45 — Crime, Disse Ela

(18.º Episódio). Jessica Fletcher tenta provar a inocência de um amigo, o famoso poeta Horace Lynchfield, principal suspeito de um caso de homicídio. Angela Lansbury, Paul Sand, Vince Baggetta, Kenneth Mars.

23.40 — Último Jornal

«Homens de Boa Vontade»: uma nova série, a partir de hoje na RTP 2

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados

«O Homem de Plástico»

20.10 — Conheça Melhor

«Momentos Partilhados»: este programa dá-nos uma curta imagem de Paris. Sem comentários, tem pleno lugar a imagem, a dança, a pintura. Cada uma com «uma certa visão de Paris».

20.35 — Homens de Boa Vontade

(1.º Episódio): Vinte e sete volumes compõem o romance «Hommes de Bonne volonté» de Jules Romains, autor francês falecido em 1972 em Paris, aos 87 anos.

Seis episódios condensam esta obra numa série francesa, adptada por François Villiers e Marcel Jullian para a Televisão Francesa, sob o título original «Quelques Hommes de Bonne Vlonté», que reproduz o itinerário político e humano de 300 personagens durante 25 anos de História, no período compreendido entre 6 de Outubro de 1908 a 7 de Outubro de 1933 em França.

«O Livro Grande de Petete» continua diariamente antes do Telejornal

Segundo o realizador da série, François Villiers, o tema principal desta obra é a solidão do homem perante a ameaça de guerra.

A série, que estreia hoje na RTP/2, inicia-se com a entrada na Faculdade de dois dos personagens principais Pierre Jallez e Jean Jerphanion, cuja amizade vai perdurar até ao fim da vida embora passem a militar em campos opostos da política francesa.

Como o ano de 1908 e os ânimos agitam-se com um caso levado à discussão do Parlamento, que tem a ver com o monopólio da refinação do petróleo.

Jaurès é um jornalista, conceituado que publica no jornal «L'Humanité», um artigo com o título «Risco de um conflito mundial...» Intérpretes: Jean Claude Dauphin, Jean Barney, Jean Claude Brialy, Daniel Ceccaldi, entre outros.

21.35 — Encontros Com...

«Quarteto Capela» O Quarteto Capela é composto pelos violinistas António Anjos e Vitorino Gomes, pelo violoncelista João Murcho e pelo viola Barbara Friedhoff. A entrevista é conduzida por Humberto d'Ávila. O Quarteto Capelo vai interpretar as seguintes obras do compositor português João Pedro de Almeida Mota (Séc. XVIII): Quarteto Op. 7 n.º 5 em Ré Maior e Quarteto Op. em Ré Menor.

22.30 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP 1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Origens
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.50 — As origens e os Costumes
19.15 — O Mar e a Terra
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Louco Amor
21.20 — Europa...
21.55 — Wallemberg
23.00 — Golden Girls
23.30 — Último Jornal

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Enquanto é Tempo
20.30 — Espaço Jazz
21.30 — Directo / 2
22.30 — Jornal da Noite.

MARÉS DE HOJE

PREIA;MAR	BAIXA-MAR
07.03 **3,80 m**	00.16 **1,50 m**
19.28 **3,50 m**	12.52 **1,00 m**
Dia 17	
07.48 **3,00 m**	01.03 **1,70 m**
20.16 **3,30 m**	13.41 **1,70 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	7º
VIANA DO CASTELO	9º
VILA REAL	8º
PORTO	8º
COIMBRA	10º
CABO CARVOEIRO	13º
CASTELO BRANCO	7º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	11º
ÉVORA	9º
BEJA	7º
FARO	11º
SAGRES	12º
PONTA DELGADA	15º
FUNCHAL	16º

Redução do serviço militar

Continuação da pág. 1

«De facto é o que se passa no Exército, em que o tempo de serviço militar é desde há alguns anos de 16 meses nas fileiras», disse a mesma fonte.

A disposição legal que regula a prestação de Serviço Militar Obrigatório data de 11 de Julho de 1968. Foi aprovada durante a guerra colonial, e destinava-se a responder às necessidades decorrentes dessa situação.

«Nas condições actuais apresenta desajustamentos que urge corrigir. O governo apresentou já à Assembleia da República uma proposta de lei de revisão da duração do serviço militar que não foi ainda discutida», referiu o brigadeiro José Sousa Lucena, no seminário «A Juventude e a Defesa Nacional», no Instituto de Defesa Nacional.

A lei em vigor fixa a duração do serviço nas fileiras em 24 meses para os três ramos das Forças Armadas.

A proposta apresentada à AR, prevê a redução do Serviço Militar Obrigatório para 15 a 18 meses, Exército, e 18 a 22 meses para a Marinha e Força Aérea.

Comparativamente aos países da NATO a duração do Serviço Militar Obrigatório para o Exército é de 18 meses na República Federal Alemã, 10 meses, na Bélgica, 9 meses na Dinamarca, e 12 meses em França, Itália e Noruega. Na Holanda o serviço militar é de 14 a 16 meses, na Turquia de 20 meses e na Grécia de 22.

O país onde o tempo de Serviço Militar Obrigatório é mais curto é a Suíça com quatro meses.

Não à violência

Continuação da pág. 1

crítica e a participação democrática efectiva. A violência e a intolerância não são caminho para uma Democracia mais profunda, mais livre, mais justa.

Não ignoramos as situações difíceis, não somos indiferentes aos desesperos justificados pela miséria, pela fome. Escrevemos estas palavras com a consciência de que se trata nos casos de salários não pagos, de empregos inexistentes, de dificuldades reais de subsistência, de carências de habitação e de saúde, de situações que atingiram um limite. São situações de desespero e que podem explodir.

Reconhecemos a existência dessas situações, sabemos que, em certas zonas do País, atingiram limites inaceitáveis, não é razão para não condenar, sem qualquer reserva, actuações que não são admissíveis e que, directa ou indirectamente, põem em causa as conquistas políticas (e sociais) de Abril.

Os portugueses conquistaram com o 25 de Abril o direito à diferença, o direito à palavra. Usemos a palavra para defender a Liberdade. Usemos a palavra para reivindicar a Justiça.

Não podemos aceitar a intolerância. Não podemos aceitar a violência.

Não basta repudiar agressões e bloqueios de estrada, insultos, provocações que revelam deficiente civismo. É preciso dizer, com clareza, que os condenamos moralmente e politicamente. São acções contra a Democracia de que as forças antidemocráticas saberão tirar vantagem. A violência e a intolerância não podem andar em liberdade se quisermos defender a Liberdade.

DE CARAS

MEDEIROS FERREIRA, deputado do PRD, pronunciou-se a favor da proposta sobre direito de voto dos emigrantes nas eleições para as autarquias locais, na sua primeira intervenção no Parlamento Europeu. «Como deputado português» — afirmou Medeiros Ferreira «defendo que a integração dos emigrantes aparece como uma tarefa fundamental da CEE, pelo que a atribuição do voto aos emigrantes nas eleições locais merece apoio».

CARDOSO E CUNHA, comissário português na CEE, recebeu ontem uma delegação do Partido Socialista, que lhe comunicou o seu descontentamento pela forma como foram eleitos os deputados portugueses ao Parlamento Europeu. Uma fonte socialista disse à Anop que a delegação «mostrou particular descontentamento pela forma como foi nomeado o comissário, Cardoso e Cunha». Os socialistas pretenderiam que as nomeações se realizassem depois de se chegar a um consenso, como aconteceu no caso espanhol.

COIMBRA MARTINS, deputado socialista ao Parlamento Europeu, pronunciou-se em Estrasburgo contra o recrudescimento do fascismo e do racismo na Europa. Coimbra Martins comentava perante o plenário, em nome do Partido Socialista Português, um extenso relatório sobre o assunto apresentado por Dimitrios Evrigenis, democrata-cristão grego, que classificou de «excelente e oportuno». Referindo-se ao que nele se diz sobre Portugal, o ex-ministro da Cultura considerou que a situação é pouco inquietante, sobretudo se for tomada em conta a realidade de outros países europeus.

JUAN MANUEL SERRAT, actua no próximo dia 1 de Fevereiro no estádio centenário de Montevideu, para apresentar o seu último disco de longa duração «El Sur tambien existe». O novo conjunto de canções do cantor espanhol tem por base poemas do escritor uruguaio Mario Benedetti, de quem Serrat se confessa profundo admirador. Juan Manuel Serrat é um dos intérpretes preferidos do público uruguaio e as suas canções passam continuamente na rádio e televisão daquele país sul-americano.

DAMASCENO CAMPOS: a posse do novo provedor da Misericórdia de Lisboa foi marcada para o dia 23 do corrente mês. Damasceno Campos, que desempenhava estas mesmas funções à data do 25 de Abril, substitui João Gomes. A posse será conferida a Damasceno Campos na presença dos ministros da Saúde e do Trabalho e da Segurança Social.

PIRES DE MIRANDA, através do porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, negou a existência de um convite do presidente angolano a Cavaco Silva para este visitar oficialmente Angola. A formulação de tal convite fora abordada em conferência de Imprensa do empresário Guedes da Silva e, a propósito, o próprio Primeiro-Ministro já afirmou que não tinha sido convidado a visitar Angola mas que não rejeitaria uma tal deslocação, caso recebesse o convite.

AMANHÃ NO "DL"

Com a prostituição todos ganham

As pessoas que em Portugal «vivem do dinheiro da prostituição» são cada vez mais numerosas e «tudo aponta para o crescimento do mercado» perante a indiferença ou mesmo a apropriação de lucros por parte do Estado – conclui um documento inédito do Instituto Damião de Góis.

Trata-se de um trabalho do Núcleo de Estudos Sociais do IDG, «Contributos para o Estudo da Prostituição Feminina em Portugal», realizado sob a responsabilidade dos investigadores Inês Fontinha e João Viegas Fernandes, integrado no programa daquele instituto sobre marginalidade e violência em Portugal e que apresenta em apêndice uma reconstituição histórica de João Carlos Barradas acerca das «políticas de Estado face à prostituição».

De acordo com o documento, as prostitutas hoje em Portugal sustentam mais ou menos forçadamente uma complexa rede de interessados que inclui nomeadamente proxenetas, donos de bares, pensões, restaurantes, hotéis, lojas, casas clandestinas de aluguer, traficantes e polícias.

«Império das pensões», como uma das partes desta complexa e difícil vida, eis como uma das entrevistadas classifica a casa que recorre para servir os seus clientes. No trabalho também se fala dos bares do Cais do Sodré, citando uma jovem que no Intendente ganha oito contos no fim do mês e depois quatro e cinco. Uma conta que foi «para a vida» levada por um cigano e outra, Felicidade de nome, pelo marido, que a foi buscar a um colégio de freiras. As que conheceu em Tires são «piores que animais». E se delas já tinha má impressão do colégio...

O trabalho, assinado por José Amaro Dionísio, da Anop, a partir de um estudo de Inês Fontinha, João Viegas Fernandes e João Barradas, que publicaremos integralmente na edição de amanhã do «DL», cita Gabriela como tendo afirmado que «dar dinheiro a polícias ou ter relações sexuais sem remuneração, por sua exigência, é uma constante em todas as entrevistas. As prostitutas têm um medo interiorizado dos polícias». Por seu turno, diz Elvira: «Eles têm a faca e o queijo na mão. As prostitutas têm muito medo dos polícias e fazem muitas vezes o que eles querem. Eles vingam quando uma mulher não lhes faz vontade».

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 236 • 16 de Janeiro de 1986

MENDES DE CARVALHO

Uma poesia crítica e satírica

Serafim Ferreira

Os escritores da minha geração
quarenta anos bem ou mal contados
estão todos sentados
salvo esta aquela excepção.

AO contrário do que acontece com a maioria das tradicionais «cantigas de escárneo e mal-dizer», cujo tom satírico abdica quase inteiramente de uma função social e colectiva, não sendo nunca uma arma de luta política e definindo-se apenas na dimensão de crítica individual e subjectiva ou mergulhando no debate ligeiro ou grotesco, a sátira na literatura portuguesa evidenciou-se com maior relevo a partir do **Cancioneiro Geral**. Mas, sendo um dos géneros literários mais fecundos de toda a nossa criação literária ao longo dos séculos, pode dizer-se que a sátira perdeu, na nossa moderna literatura – com excepção de um ou outro caso mais evidente —, quase toda a razão de ser. Poucos são hoje os escritores (poetas, dramaturgos ou ficcionistas) que, pelos caminhos da sátira ou da crítica mordaz e acutilante, tentam realizar uma obra literária que se enquadre nessa perspectiva.

ORA, Mendes de Carvalho é uma voz «discordante» no percurso alongado da poesia portuguesa contemporânea. Voz discordante, sim, e quase isolada no reino literário dos nossos salamaleques: poucas vezes se podem encontrar no mesmo caminho — Mário Cesariny, Alexandre O'Neill, Ary dos Santos ou José Blanc de Portugal, sobretudo nas **Odes Pedestres**. Mas poucos mais poetas contaremos em rigor que possam enquadrar a sua posição estética nesse caminho que, por ser limitado, tantas vezes se considera quase um «género menor» de várias e variadas formas de expressão poética. Há quem não goste de se sentir limitado com dois versos curtos e incisivos a fixar, em certos defeitos, vícios ou hábitos que se ridicularizam. Mas a ironia, quando dominada e apontada com endereço e destinatário certo, é ainda uma forma superior de expressão literária.

NA visão satírica de Mendes de Carvalho — desde **Camaleões & Altifalantes** até **Poemas de Ponta& Mola** — assistimos, como leitores interessados, visados e avisados, ao grande espectáculo do «teatro» quotidiano. Sim, tudo se denuncia nos seus poemas e o poeta diz e declara isso em voz alta, para não haver suspeitas de que assim não seja: **Denuncio os denunciantes**. Mas a visão crítica, irónica e denunciadora que se espelha na sua «satírica» remonta a pontos ou sinais bem antigos,

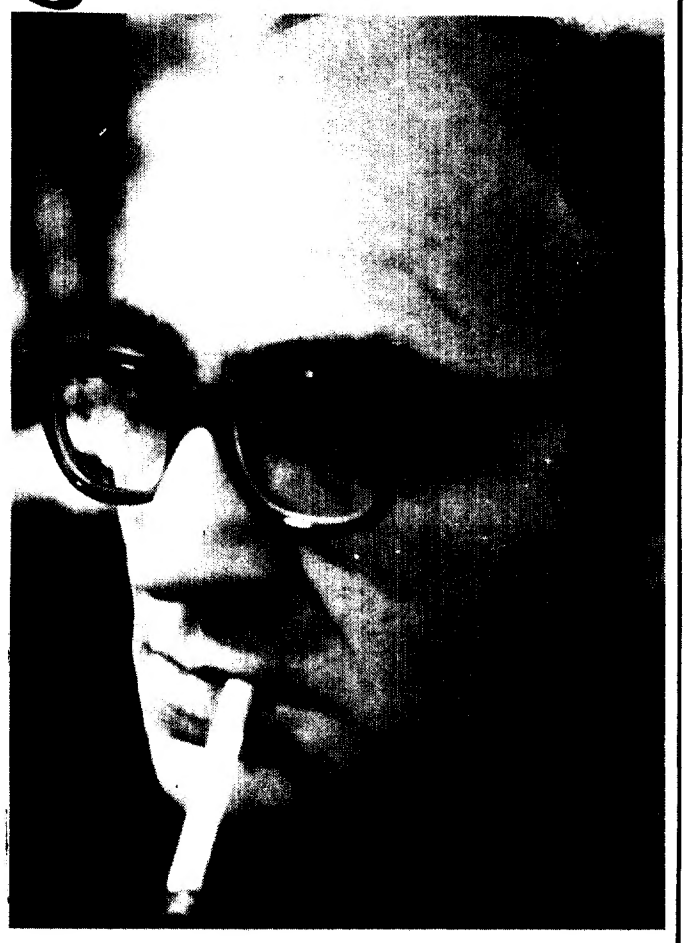
Descobrimos amarelos e negros
não dos descobrimos a nós

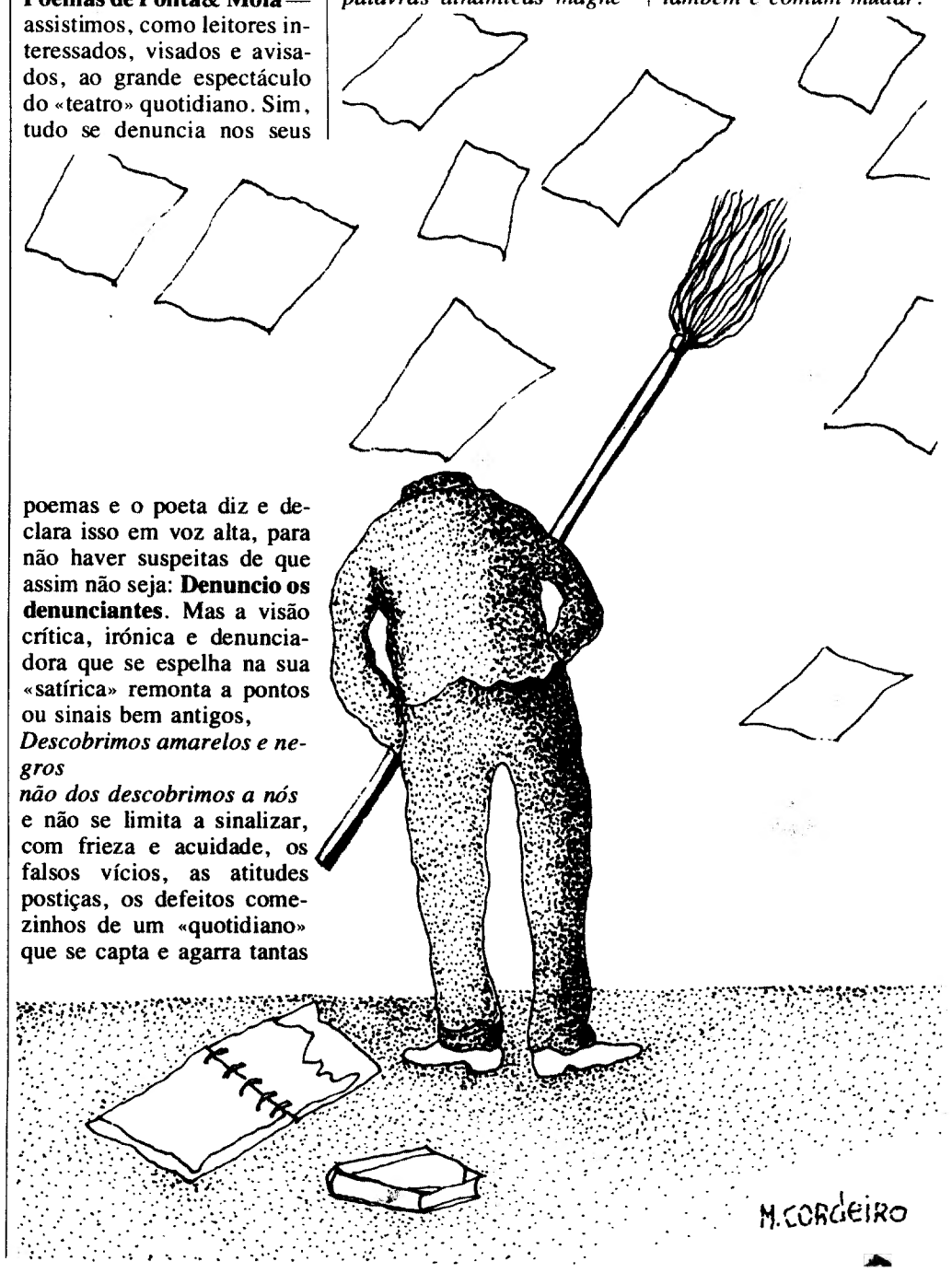
e não se limita a sinalizar, com frieza e acuidade, os falsos vícios, as atitudes postiças, os defeitos comezinhos de um «quotidiano» que se capta e agarra tantas vezes pelos cabelos: no fundo, a **cidade** (e a cidade não é só Lisboa, como se poderá julgar) assume na poesia satírica de Mendes de Carvalho uma dimensão bem caracterizada de um mundo que, para o poeta, está realmente povoado de «camaleões e altifalantes». Ontem e hoje, claro.

Discursos almicos encomendados traduzidos
decorados divertidos ambaquistas.
Palavras dactilografadas
improvisos ponderados
palavras dinâmicas magnéticas.
Altifalam palavras.
Hora de camaleões e antifalantes.

Fala-se de tudo (e por tudo) e por nada, tem-se a língua demasiado comprida, solta, destravada — e lá estão os altifalantes para lhe dar a repercussão necessária (e tantas vezes ao contrário...).

É comum falar de cor
e fazer afirmações
é comum ter uma cor
segundo o tempo e lugar
e como os camaleões
também é comum mudar.





O lugar-comum (a palavra corrente de um linguajar ou calão citadino) surge com toda a força e carga expressiva na visão crítica, irónica e satírica do autor de **A 10.ª Turista**:as palavras têm o seu peso, sim, mas enquadradas no verso certo ganham um sentido que quase se reconquista em contexto diferente e sempre mais intencional. Exemplo disso encontramos na série de poemas **Cantigas de Amor & Mal-Dizer**, onde a «Cantiga dos Ais» nos revela esse tom mordaz e espécie de cúpula da expressão poética de Mendes de Carvalho: mais que o ritmo ou a musicalidade dos poemas, disseca as palavras, deixa-as respirar apenas pela sua carga vocabular, muito seca e objectiva, obtendo por aí um efeito de ironia mais fina, directa e acutilante:

Os ais do rico e do pobre
ai o espinho da rosa
os ais do antónio nobre
ais do peito e da poesia
e os ais d' outras coisas mais.

A série de poemas de «ponta& mola» é certamente aquela onde o poeta melhor afirma a força e virulência poética de uma posição que tem sido incómoda ou desgostosa para quem a assume em absoluta coerência.

País decimal em tudo
com razão ou sem razão
Dez metros p'rá nossa vida
e dez tábuas p'ró caixão.

Poeta sensível e atento às realidades da vida, nunca escondendo a amargura de desilusão de certos desvios sociais, culturais ou outros, Mendes de Carvalho há muito que tem direito a ser considerado como um dos poetas porttugueses que, a partir da década de 50, sem se sujeitar aos espartilhos de inúmeras tendências poéticas, soube fixar bem os traços e sinais evidentes de uma «realidade» que é muito nossa; não só a de um **País decimal em tudo**, mas a de uma gente (todos nós aí incluídos) que tem ainda muitos vícios e preconceitos de raiz ou de educação, que quase não gosta nada ver-se retratada em versos secos e incisivos, como pedradas que caem num charco bastante lodoso, ou em versos endereçados a quem tem ainda alguns telhados de vidro.

A força expressiva de Mendes de Carvalho, na carga mordaz e satírica que traz consigo, espelha essa realidade humana e social com sadia e firme ironia, na certeza de que o poeta não pode (nem quer) dizer as coisas de outro modo. E essa é, para nós, a faceta mais interessante e significativa da poesia de Mendes de Carvalho: porque habita o mesmo mundo que retrata e nele se sente ainda retratado, o autor de «Satírica» é bem um poeta deste tempo, de um **aqui e agora** sempre vivo, palpável, mas quase (ainda) inalterável. Antes e depois de Abril, claro.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

A fotogenia dos lugares

Paulo Varela Gomes

UMA das coisas mais misteriosas que as pessoas dizem sem pensar é «ela (ou ele) é muito fotogénica». Para ter direito a este elogio, qualquer ser humano tem de passar primeiro por um teste que, pelos vistos, não ganha nada em ser antecedido de treino ou experiência, não tem nada que ver com a cultura, a beleza, a raça, a idade, a riqueza: é um teste que se faz uma vez e onde tudo se revela de ir diato; quem é fotogénico uem tende a «ficar bem» na fotografia; em qualquer fotografia, na primeira fotografia.

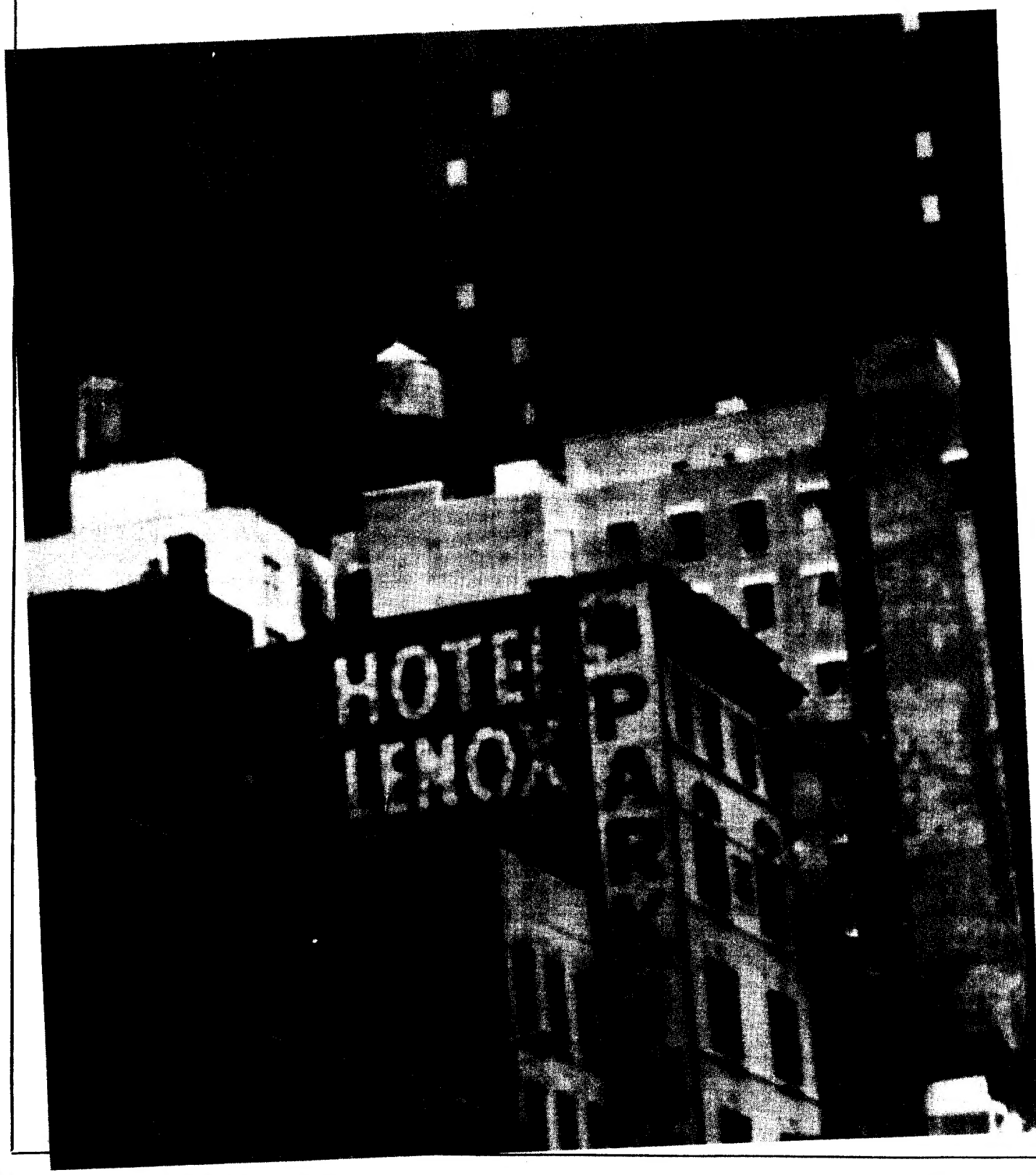
Trata-se, de facto e à letra, de uma revelação ou mesmo de uma epifania: alguma coisa de misterioso e inato emerge no indivíduo perante a câmara ou, melhor, dá-se a ver na impressão produzida na película pela maneira como um indivíduo reflecte a luz. A fotogenia não é uma qualidade da pele ou da aparência de um pessoa. É uma qualidade da relação de um indivíduo com a câmara fotográfica.

Mas como defini-la? A questão não é a «naturalidade»; a mais artificial das poses pode ser fotogénica; nem se trata do «punctum» Barthesiano que é função do nosso olhar para a fotografia enquanto que a fotogenia se impõe mesmo a um olhar renitente ou distraído e nem sempre coincide com o «punctum». Pode deduzir-se do que escrevemos acima que a fotogenia é um efeito de luz sobre o indivíduo, que determinados indivíduos reflectem a luz de determinada maneira e só a fixidez da película se dá conta disso e disso dá testemunho. A questão seria saber-se como e porquê isso acontece. E seríamos obrigados a pensar a fotogenia como pensamos essa outra coisa misteriosa que é o talento.

Dizemos, então: a fotogenia é o talento (inato, inexplicável) de reflectir a luz para a película melhor que a comum das pessoas. É evidente que continuamos com o problema entre mãos como definir «melhor que»? Porquê «inato»?, etc.

Deixemos, então, as pessoas e os seus talentos.

Uma cidade, pode ser fotogénica? N.Y. é fotogénica?



Ou tratar-se-á, neste caso, daquilo a que Barthes chama o «studium», o interesse geral e humano provocado por fotografias que nos fazem participar delas culturalmente?

Observemos as fotografias de José Manuel Oliveira. As três que aqui se reproduzem giram, cada uma delas, em volta de um «motivo»; o Empire State Building, os depósitos de água sobre o terraço do prédio, os automóveis. Em todas elas há também um outro elemento «ponteagudo»: as inscrições em inglês a que a seccionação a que foram sujeitas pelo enquadramento reforça esse carácter de indispensabilidade casual, de precisão do acaso (toda a fotografia é um pouco isso, a prova de que o acaso é pouco casual, de que há uma «lei» nas coisas que as torna produto de um enquadramento — uma exclusão de partes; e de que as coisas assaltam a película, estão presentes nela por «vontade próprias»).

Nós, que olhamos agora estas fotografias, não somos nova-iorquinos; as inscrições em inglês (especialmente coisas como 31st ST, 7th Av, 44th St, 42nd Street) produzem um efeito muito importante para a questão que nos ocupa. Um efeito duplo: de reconhecimento e de estranheza. Talvez a fotogenia tenha que ver com isto — numa pessoa fotogénica reconhecemos como gerais e, ao mesmo tempo, ligeiramente diferentes do comum certas expressões ou traços; mas há também aí algo de estranho, de inesperado. A pessoa fotogénica não é, de facto, a que fica «natural» na fotografia; pelo contrário, a fotogenia implica a consciência da câmara, a consciência de que só existimos enquanto luz que a objectiva capta; é a cumplicidade com essa luz (que pode ser interpretada como naturalidade mas é outra coisa) que é fotogénica; não a rigidez de quem controla mal a luz. A fotogenia é, um pouco, a transparência da individualidade para a luz, um fluxo, uma diluição.

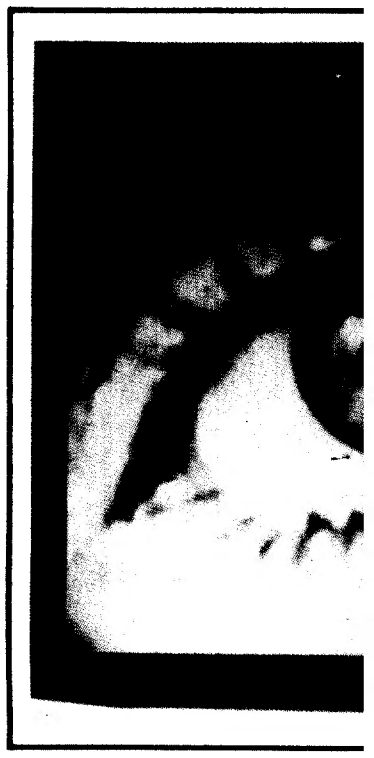
Ora a cidade, e os motivos da cidade, são imóveis, inanimados.

E, no entanto...

Conheço dezenas de fotografias feitas pelo Zé em N.Y. Têm quase todas um aspecto comum: são fotografias de reconhecimento da estranheza, ou seja: produto de um olhar casualmente presente. É evidente que se pode dizer sempre isto de um determinado tipo de fotografias: as **da rua** por assim dizer.

Estas 3 que aqui temos, não são porém fotografias de gente ou acontecimentos; não são, tão-pouco, fotografias d'A Cidade; são fotografias casuais, disparadas depressa como quem olha de passagem, profundamente não-«naturais» porque imobilizam momentaneamente um olhar flutuante. Os «motivos» que referimos são sempre um «segundo plano que, precisamente, tornam a casualidade produto de uma grande tensão de propósitos. É como se insistissem em afirmar a presença teimosa do referente geral (Nova Iorque) por detrás de cada imediato 1.º plano. Os «motivos» em si apontam para isso; não para o conceito de Cidade, não para «Uma Certa Ideia» de N.Y. (ou não obrigatoriamente) mas para o reconhecimento da sua casualidade. Reconhecemos o arranha-céus, os grandes automóveis num enquadramento a que tantos filmes nos habituaram (a começar por esse admirável «Christine» de J. Carpenter), os depósitos de água dos «westerns» e Batman.

Não sei se isso se faz notar... mas acabamos de fechar o círculo; quer dizer, acabamos de concluir que sim, determinados lugares (ou coisas) são fotogénicos. Repare-se: o interesse das fotografias do Zé provém da estranheza causada pela sua casualidade e, ao mesmo tempo, do reconhecimento nelas de imagens de filmes,



FLUO

Heliogábalo

SÓ a vês de olhos cerrados ou, do escuro,
luminosas telas do teu hábito
e a mão que sobre ela diriges, à distância,
não pousa na sua pele mas no ar, rarefeito,
com que incendeias as manhãs.
Que frutos podres desenterrar para dissolver,
em lágrimas e hiatos,
o anão mau que te tortura a fala
e impede o gesto!

Sala de espelhos, jogo de ecos,
é disso que, só, fritas
e só tu, à tua volta, ressoas
nas paredes do silêncio.
Que esperavas?
Que ao branco limpo da ternura
sobrevivessem, de expiação,
dentes amargos que te confirmassem o destino?

Sombras sem nome escapam-te ao ódio,
não acusarás ninguém;
deixaste de boiar no tempo
a cinza de muitas culpas.
Não há nada a fazer,
sabes a teia em que te agitas.
Não se servem explicações à mesa do momento.

de livros, de toda essa portentosa característica da modernidade que é um país inteiro (os Estados Unidos) e uma cidade (Nova Iorque) serem antes de mais e acima de tudo um conjunto de imagens.

Para a fotogenia, de facto, o motivo tem relativamente pouca importância. Ao passearmos em N.Y. é a imagem que encontramos e queremos «capturar». O que importa para a fotogenia é a qualidade de imagem, a ideia de que sempre se tratou de uma imagem — mesmo antes do dedo fazer a fotografia — e que o que vemos na foto já era foto antes disso.

A fotogenia é a qualidade de fotografia de referente.

No que respeita às pessoas, a epifania dessa «foto segunda» depende exclusivamente de um mínimo de qualidade «técnicas» que a deixem «passar» a prova. Mas, nos lugares, é necessário que o fotógrafo lhes dê esse «suplemento de alma» que é reconhecer a sua qualidade de imagem e fornecer-lhes a estranheza que os distinga.

Definimos fotogenia?

Definimos a fotogenia destas fotografias?

Ah, não... nem sei se será possível fazê-lo. No séc. XVII, o teórico clássico Félibien dizia sobre a «Graça», a «picturogenia» da pintura da época: «este não sei quê que se tem sempre à flor dos lábios e que não se pode exprimir bem, é como o nó secreto que une o corpo e o espírito».

«Nó secreto»... A prova de que o segredo existe é que o sentimos; mas não o desvendamos.

(*) Texto incluído em **OUTONO/INVERNO**, publicação da responsabilidade da **Companhia de Dança de Lisboa.**

CARLOS URGEL DIRCEU

"A Foz do Grande Rio"

Ana Paula Portugal

A partir da memória desejante (muito assumida por Ana Joana que, num ritual tétrico, busca no marido o contacto físico amado enterrado em terras transmontanas) de duas mulheres (pois que há também Demétria, a fugitiva destroçadora de corações aos quais só na cama dá ampla resposta, dado que todo o seu agir pretende ser a aleatória perseguição do amante morto) constrói-se um romance de sabor trágico em que o patético emerge de um modo muito satírico. Assim, ao ler «A Foz do Grande Riso», de Carlos Urgel Dirceu (edição Europa-América), é como se, estranhamente, a palavra me arrastasse para um universo onde a dor provocasse o riso, o desejo, a indiferença, a mudança, a consciência do ilusório...

FACTO que me confunde porque esta estória está estruturada com muita transparência. Sem dúvida que é uma tragédia amorosa este triângulo afectivo que leva ao contacto físico duas mulheres pela voraz paixão de um homem morto (Miguel Várzea). Só que nessa tragédia se espelham todos os preconceitos de um povo, preconceitos que se reconhecem (e despertam um certo riso) a partir de gastos e pensamentos provincianos.

Vejamos como o autor estabelece um paralelismo entre a Revolução de Abril e a ligação de Demétrio com Ana Joana: «(...) A queda do Estado Novo e o nascimento da Terceira República não implicavam a transformação profunda de mentalidades. (...) Alguma coisa mudara, sem dúvida, mas sabe-se que não são os golpes políticos que erguem do chão as ideias dos homens (...) Demétria e Ana Joana podiam, pois, entregar-se ao seu destino, que é como quem diz: à sua vida não contemplada nos códigos dos regimes, do que morrera e do que acabara de nascer. (...)»

Condenado por todos, o safismo de Ana Joana e Demétria aparece como algo de trágico. Como ditado por uma força invisível (o Destino) a que elas não consguem escapar. E só por isso é compreendido, mas não aceite, por pessoas excepcionais. A atitude, por exemplo, do jornalista Ivo Malheiro, que, ao meditar na morte das duas mulheres (curioso como o acidente de automóvel que as fez morrer na serra do Buçaco se mostra conivente com a atitude moral que atravessa todo o livro...), acaba por afirmar: «Conheci Demétria, conheci Ana Joana. E não serei eu a atirar-lhes, aqui, a primeira pedra. Embora lamente o seu destino, sei que viveram mais perto do trágico que do vício.»

A tragédia de ambas foi o viverem obsecadas pelo amor do mesmo homem e o terem encontrado numa intimidade física o prolongamento do corpo ausente. Envolvidas, portanto, numa identidade nada viciosa, apesar de os seus corpos se fundirem... Mas isto só o entende Ivo Malheiro, pois que os outros acham tal amancebamento um acto contra-natura. Aliás, este tratar do lesbianismo como uma situação marginal é desenhado pelo autor (assim nos parece) na ironia com que narra os encontros da duas. Leia-se: «Como podia resistir? Abriu a pernas quanto pôde — e Demétria ajeitou a cabeça entre elas, cabeça de serpente (...)»

Um amor trágico (e até adequado à nossa época) poderá ser a atracção homossexual. A sua pública assunção certamente contraria sa reptilíneas vontdes de mentes formadas em monolítico inteligir do real. Agora que a abordagem desse amor seja conivente com os valores tradicionais é que parece indecoroso por parte de quem o escreve. E é apenas esta rígia observância de um universo imbuído de maniqueísmo estratificado que se anota com desagrado. Ao ler este livro sem dúvida que se pensa: «Se o autor vivesse no tempo de Camilo Castelo Branco teria descrito as paixões assolapadas ao gosto da época, pois é o que faz no nosso século.» E um pensamento destes é desfavorável porque tem implícita a intenção comercialona deste tipo de estória, o aberrante aproveitamento do marginal na ordem estabelecida...

Pessoalmente não adiro às paixões camilianas, a esses corações despedaçados que só na morte conhecem a paz. E muito menos vou nestes invulgares amores que estão condenados à frustração. Estamos numa época libertadora, incentivadora da realização humana. Ora, assistirs a este desenlace trágico parece-me forçado. Falso. Porquê? Qualquer psicanalista resolveria a fixação destas duas mulheres no espectro que as persegue e conduz ao envolvimento amoroso. E nunca a morte poderia ser o fim deste relacionamento. De resto, desejado por ambas. Aceite sem grandes conflitos desde o início...

Se o tratamento do safismo me parece ridículo, o mesmo já não posso dizer dos acontecimentos que o acompanham. Assim, acho brilhante as descrições de uma vida onde o Vinte e Cinco de Abril se inscreve. Diria que é na perfeição que o autor capta o Porto, o impacto de Abril nos burgueses. Diria ainda que é de uma modo perfeito que a errância de Demétria se desenrola em Moçambique. Como se a colonizaçãol e descolonização se encaixassem no se corpo doente (é mórbida a sua acção ants de se reencontrar no lesbianismo). Diria que é ainda na perfeição que os cenários nacionais (Trás-os-Montes, o Algarve, Lisboa e Porto) são tematizados ao longo das deambulações de Ana Joana e de Demétria... Um livro que deve ser lido e relido é este «A Foz do Grande Rio», de Carlos Urgel Dirceu. Porém façamo-lo cônscios da atitude comercial que perpassa suas páginas...

Nota por escrito

OS meios de informação foram pródigos, na semana passada, em notícias a respeito de um português que decidiu ir a Espanha jogar o seu destino de toureiro. Poucos o conheciam. Muitos depois disso ficaram a conhecê-lo.

Ficaram a conhecê-lo, quer dizer, ficaram a saber que ele existia.

Primeiro foram as notícias das agências. Depois, as notas, os apontamentos, as biografias. Depois as entrevistas nos jornais e na rádio. Nos cafés, nos autocarros, comentava-se a aventura de um homem que tudo atirava fora para ir atrás de algo que ele próprio, não sabendo bem o que lhe chamar, chamava sonho... O nome de José Vultos Sequeira passou a andar nas bocas do mundo.

Ele, que era um desconhecido...

Um desconhecido. Recebera um prémio de literatura infantil em concurso da Associação Portuguesa de Escritores. **Lição das Coisas** assim se chamava o livro. Operário, José Vultos Sequeira falava às crianças da sua experiência, do seu convívio com as máquinas, os instrumentos de trabalho; o alicate, o martelo, o parafuso, etc. Os jornais, a rádio, a televisão silenciara — a televisão que foi vê-lo de «luces» ao Campo Pequeno — José Vultos Sequeira continuou desconhecido...

Veio o seu segundo livro para crianças: «Histórias da Figueira», uma imensa ternura, aquele desajeitado amor à vida... Exceptuando a nota crítica publicada neste suplemento, essa obra passou também completamente despercebida. José Vultos Sequeira continuou desconhecido...

Veio o grande prémio da Associação 25 de Abril para o seu livro **Corpo da Oficina** onde o 25 de Abril nos surgia como frouxo da luta e da dignidade do povo português. Voltou o silêncio em tudo quanto era informação. José Vultos Sequeira continuava desconhecido...

Continuaria certamente na inmemória das pessoas se não fosse a sua decisão de abalar para Espanha, atrás dos toiros. Talves de Miura lhe viesse a glória que lhe não veio da Poesia...

E a rádio falou, e os jornais disseram. E a televisão. Halo de popularidade, breve mas a tempo. Do novilheiro se fala, não do poeta. Injustamente, pois às vezes se sofre mais nos cornos de um verso do que nos cornos de um toiro, mas enfim. Sinal dos tempos (de todos os tempos?) em que o drama é o sal dos dias comuns...

M.C.

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Agora que a água é clara e o vento livre...

António Ramos Rosa

AGORA que a água é clara e o vento livre
atiro esta cega flecha sobre o teu dorso
Tu dormes entre caminhos e sombras
e bebes as luzes da terra como um cavalo selvagem
Ouço um clamor na escada e há um gesto esquecido
não vejo no mar senão um navio silencioso
Tuas palavras seriam as sombras musicais
enquanto a minha mão se agita como uma chama
Há um massacre de insectos de metal negro do teu sangue
Tu és mais do que a virgem imperceptível coluna
Distingo ainda teus olhos semicerrados entre as pedras
Suspenso de ti da tua distância desço à tua seiva
Sou um animal moribundo uivando silencioso
A minha morte nasce do teu olhar Morro de te ver
Interrompo os teus olhos Sou uma sombra interminável
Desapareço sempre que te levantas entre as ervas
Afasto-me para dar lugar à sombra de um cavalo
Por vezes o teu silêncio desperta sobre o mar
e vivo nas tuas mãos um sono maternal
Mas agora sou tão escuro como um pedaço de terra
Algum cão ladra à tuas pernas de deusa
Se eu te fizesse gritar acertando em tuas coxas
com estas cegas flechas ó branca sombra da noite!
O desejo do início e do silêncio
para que o instante seja a fábula do instante
O silêncio para dizer as palavras anteriores
É o centro talvez a suspensão a perda
o fundo: a ausência de cor
fundo incessante que procuro defender
do assédio do sentido contra
as presenças acidentais e a agitação da superfície
Sigo-lhe a curva oculta até à interdição:
como transpor a parede circular
das coisas?
Lá fora a forma opaca
e provisória do ar as mesmas marcas
coloridas a distraída escrita
do acontecimento As pessoas passam
inscritas na janela com as casas e as árvores
e a árvore negra na curva, o céu oblíquo
Um olhar geral penetra-me e na ausência
de uma perspectiva já não sou
uma visão do mundo mas a subterrânea
corrente das intensidades do desejo
Aqui reina a imagem de um olho global
e é aqui que invento a metáfora da Figura.

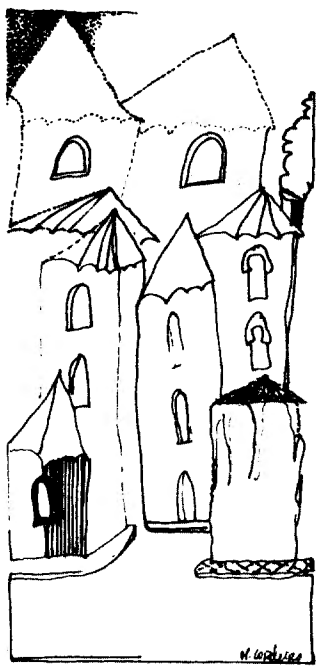
(De «Ficção»/Edições Nova Renascença)

"Águas de Verão" choram o inverno da nossa infância

A história gira à volta de umas férias de quatro irmãos e respectivos pais numas termas portuguesas. Mais propriamente umas férias no «grande hotel das termas», onde a certa altura um dos músicos que animam as monótonas refeições do hotel é despedido por «indisciplinar» as crianças filhas dos hóspedes. Graças a uma festa de que é organizador e que redunda em grande êxito, «Gualberto, o do saxofone» é reabilitado aos olhos do patrão, que lhe pede desculpa do «equívoco» e o convida a permanecer no seu posto de trabalho.

Mas o tema de «Águas de Verão», sétima obra de Alice Vieira para crianças e adultos, ilustrado por Catarina Rebelo e lançado pela Editorial Caminho neste Natal, é o abismo existente entre o mundo das crianças e dos adultos, o primeiro cheio de energia e imaginação, o segundo de preconceitos e ideias feitas, normas estritas onde as crianças pouco mais são do que objectos que se ostentam. Um abismo tão profundo e doloroso que obriga as crianças a uma vida secreta, clandestina, que no caso presente, no interior do grande hotel das termas, se associa à imaginação, ao espírito anticonvencional de Gualberto, o do saxofone. Um abismo tão profundo e sobretudo tão doloroso que deixa uma sombra de melancolia a pairar sobre a narrativa, o que até aqui não acontecia nos livros de Alice Vieira.

A mitigar essa melancolia as boas recordações da memória colectiva dos que viveram a infância, pelo menos relativamente desafogada, na cidade: o pregão dos morangos, o amolador, as bonecas «Mariquita Pérez» e outras reminiscências. **M.A.**



ESTANTE INFANTIL

TÍTULO — O Grande Continente Azul
AUTOR — José Jorge Letria
ILUSTRADOR — Paula Amaral
EDITOR — Livros Horizonte

CHAMAR a atenção das crianças para a Natureza que as cerca, chamá-las para a grande tarefa de a amar e a defender, eis o trabalho em que estão empenhados os homens mais conscientes do nosso tempo. E se, como dizia Éluard, os poetas são os verdadeiros guias da tribo, não admira que os poetas estejam na primeira linha do combate.

Intitula-se «O Grande Continente Azul» o livro em que um poeta, José Jorge Letria, fala às crianças do mar, o poderoso mar, o mar insubmisso.

José Jorge Letria não pretendeu aqui fazer poesia pela poesia. Optou pela frase concreta, directa, foi direito ao assunto:

Se às vezes me zango
e me torno temporal
acreditem que não é por mal
é só porque não gosto
que me sujem as águas
com óleo de navios
que me estraguem o sono
com ruídos de motores
que me manchem o azul
com lixo e nafta.

O livro de José Jorge Letria é, todo ele, não apenas na escrita, mas na sua própria construção gráfica, um hino à alegria de ser contemporâneo da grandeza e da pureza do mar. E nessa alegria se compreende o apelo das palavras finais:

Quero ter a cor do sonho
o cheiro da paresia
e do peixe fresco.
É em mim que começa o azul
e também a viagem do sol
à superfície das águas.
A viagem dos homens à descoberta.

Palavras de amor que radicam na natureza do poeta mas que acordam ecos de relação tão próximos que nenhum português lhes pode ficar insensível.

«O Grande Continente Azul» teve, merecidamente, o prémio «O ambiente na literatura infantil», em 1983.

Mário Castrim